UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO PROFISSIONAL - PROFLETRAS

Maryngá Meireles Cardoso Alves

ENSINO DE LEITURA E ESCRITA ATRAVÉS DO GÊNERO CRÔNICA: UMA ABORDAGEM SOCIOINTERACIONISTA

Guarabira (PB)
2017

Maryngá Meireles Cardoso Alves

ENSINO DE LEITURA E ESCRITA ATRAVÉS DO GÊNERO CRÔNICA: UMA ABORDAGEM SOCIOINTERACIONISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Estadual da Paraíba, na linha de pesquisa Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras

Orientadora: Profª Drª. Edilma de Lucena Catanduba

Guarabira (PB)

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474e Alves, Maryngá Meireles Cardoso.
Ensino de leitura e escrita através do gênero crônica [manuscrito] : uma visão sociointeracionalista / Maryngá Meireles Cardoso Alves. - 2017.
141 p. : il. colorido.

Digitado.
Dissertação (Mestrado em Profissional em Letras em Rede Nacional) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Edilma de Lucena Catanduba, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Leitura. 2. Escrita. 3. Crônica.

21. ed. CDD 372

Maryngá Meireles Cardoso Alves

ENSINO DE LEITURA E ESCRITA ATRAVÉS DO GÊNERO CRÔNICA: UMA ABORDAGEM SOCIOINTERACIONISTA

Aprovada em 10 / 03 / 2017

BANCA EXAMINADORA

Edilma de Lucena Catanduba

Profª. Drª. Edilma de Lucena Catanduba
Orientadora (PROFLETRAS/UEPB)

Profª. Drª. Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti
Membro Externo (PROFLETRAS/UFPB)

Eneida Oliveira Dornellas de Carvalho

Profª. Drª. Eneida Oliveira Dornellas de Carvalho
Membro Interno (PROFLETRAS/UEPB)

Aos meus pais, Edson (*in memória*) e Marilene, pelo amor incondicional e pelo exemplo de persistência em remover as pedras do caminho sempre com muita fé em Deus.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, da sabedoria e do discernimento; por me acompanhar e permitir sonhar e realizar;

Aos meus pais, Edson (*in memória*) e Marilene, pela inspiração, exemplo, força, incentivo, apoio e amor;

Ao meu esposo, Ailton e a meus filhos, Letícia e Lucas, pelo amor, pela compreensão e pela paciência, mesmo durante a minha falta de tempo para estarmos juntos em família;

Aos meus irmãos, Marília e Ewerton, pelo carinho e incentivo quando diante das dificuldades pensei em desistir;

À minha orientadora, Professora Drª Edilma de Lucena Catanduba, que, desde o início mostrou-se acessível, pela partilha de conhecimentos, pela paciência, por acreditar no meu potencial e pelas orientações conduzidas com seriedade e competência;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras (Profletras) que contribuíram para minha formação pessoal, acadêmica e profissional;

À segunda turma do Profletras/UEPB, pela construção de saberes durante as aulas, pela união e apoio mútuo durante esses dois anos de convivência;

À Secretaria Municipal de Educação e de modo particular ao Centro Educacional Dom Hélder Câmara pela compreensão e incentivo à concretização desse trabalho;

Aos amigos, pelo companheirismo e por sempre estarem juntos ajudando a remover as pedras no meio do caminho, pelos momentos de alegria e descontração;

Por fim, a todos que, de forma explícita ou tácita, torceram para que este sonho se tornasse realidade.

RESUMO

Vivemos em uma sociedade, na qual, cada vez mais a leitura e a escrita vêm sendo valorizadas. Nesse contexto, o ato de ler e escrever implica uma questão de cidadania, à medida que se revela como forma de inclusão social. Possibilita ao sujeito social o desenvolvimento de sua competência criadora e da sua capacidade de posicionar-se de modo crítico sobre o mundo, no qual está inserido. A inserção do sujeito no mundo letrado se dá antes mesmo de sua entrada no ambiente escolar. Porém, à escola cabe enfrentar o desafio de ensinar a ler e a escrever. Tal enfrentamento tem sido empreendido, mas, sem alcançar, de forma satisfatória, o objetivo desejado de formar cidadãos capazes de utilizar a língua oral e escrita em suas interações comunicativas. Essa questão motivou nossa pesquisa cujo foco é o ensino da leitura e da escrita através do gênero textual/discursivo crônica, na perspectiva sociointeracionista. Objetivamos identificar as principais dificuldades no processo de produção textual e buscar através de uma intervenção, utilizando os recursos da sequência didática, através do gênero crônica, estratégias que venham minimizar os problemas. Para esse estudo tomamos como base Bakhtin (2003) no tocante ao seu estudo sobre o gênero do discurso e sobre a linguagem numa perspectiva sociointeracionista, bem como Marcuschi (2008), Geraldi (2002), Solé (1998), Koch e Elias (2014), Cavalcante (2013), Antunes (2009), Dolz e Schneuwly (2004). Esses pesquisadores realizam estudos sobre a compreensão e a produção de textos no ensino de Língua Portuguesa, fundamentados na compreensão da linguagem como forma de interação, sustentando o objetivo de desenvolver, no aluno, maior proficiência em práticas de oralidade, de leitura e de escrita. O *corpus* de nosso trabalho é formado por produções textuais dos alunos coletadas através de atividades que seguiram a seguinte metodologia: aplicação de questionário para verificar o conhecimento da turma sobre o gênero crônica, realização de oficinas, que tiveram como modelo a Sequência didática, nas quais foram realizadas leituras e produções textuais do gênero em estudo. As análises dos resultados apontaram que mesmo apresentando dificuldades em estruturar o texto, de acordo com as características do perfil do gênero crônica, constatamos a evolução dos alunos no tocante ao processo de produção textual, pois uma parte significativa dos educandos do 9º ano do Ensino Fundamental foi capaz de elaborar texto próximo ao gênero proposto.

Palavras-chave: Leitura; Escrita; Gêneros Textuais/Discursivos; Crônica

ABSTRACT

We live in a society in which, more and more, reading and writing have been valued. In this context, the act of reading and writing involves a matter of citizenship as it becomes a form of social inclusion. They enables the social subject to develop his creative competence and his ability to position itself critically on the world in which it is inserted. The entry of the subject in the literate world occurs even before it enters the school environment. However, the school faces the challenge of teaching to read and write. Such confrontation has been undertaken, but not achieving satisfactorily the target goal of forming citizens able to use oral and written language in its communicative interactions. This issue motivated our research whose focus is the teaching of reading and writing through the chronicle genre, from a socio-interactionist perspective. We aim to identify the main difficulties in the textual production process of chronicle genre and intervene, from the didactic sequence, in order to minimize the problems encountered. For this work we are based on Bakhtin's studies (2003) on the discourse genre and on language from a socio-interactionist perspective, as well as Marcuschi (2008), Geraldi (2002), Solé (1998), Koch and Elias (2014), Cavalcante (2013), Antunes (2009) and Dolz et Schneuwly (2004). These researchers conduct studies on the understanding and text production in Portuguese Language teaching, based on the understanding of language as a form of interaction, supporting the objective of developing in the student greater proficiency in oral, reading and writing practices. The corpus of our work is formed by students' textual productions collected through activities that comply the following methodology: application of a questionnaire to verify the class knowledge about the chronicle gender followed by workshops, based on the didactic sequence, in which readings and textual productions of the chronicle genre were carried out. The analysis of the results pointed out that even though they present difficulties in structuring the text to the chronicle genre profile, we verified the students evolution regarding the process of textual production, since a significant part of the students of the 9th grade of Elementary School was able to elaborate text close to the proposed genre.

Keyword: Reading; Writing; Textual / Discurdive Genres; Chronic

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 20
Gráfico 2 43
Gráfico 3 43
Gráfico 4 44
Gráfico 5 45
Gráfico 6 45
Gráfico 7 46
Gráfico 8 47
Gráfico 9 48

Figura 1 61
Figura 2 72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 14
Quadro 2 14
Quadro 3 15
Quadro 4 17
Quadro 5 22
Quadro 6 41
Quadro 7 49
Quadro 8 50
Quadro 9 53
Quadro 10 59
Quadro 11 63
Quadro 12 68
Quadro 13 70
Quadro 14 73
Quadro 15 77
Quadro 16 81

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

1 . REVISANDO AS TEORIAS 24
1.1 Concepção de linguagem 24
1.2 Leitura e escrita na perspectiva interacional da linguagem 26
1.3 Texto, evento comunicativo no processo de leitura e escrita 32
1.4 Gêneros textuais/discursivos: caminho para a comunicação 34
1.5 A crônica e a formação de leitores 36
1.6 A sequência didática: novo horizonte para o aprimoramento da escrita 37

2 . METODOLOGIA 40
2.1 Natureza e tipo da pesquisa 40
2.2 Cenário da intervenção e seus sujeitos 40
2.3 Processo de intervenção 41
2.4 O que essas primeiras produções revelam 56
2.5 Primeiro módulo: prática em observar o cotidiano 62
2.6 Análise das produções textuais do primeiro módulo 66
2.7 Segundo módulo: prática em leitura e em produção textual 68
2.8 Terceiro módulo: o cotidiano retratado de maneira reflexiva 72
2.9 Análise das produções textuais I do terceiro módulo 76
2.10 Análise das produções textuais II do terceiro módulo 79
2.11 Produção final 80

3 . CONSIDERAÇÕES FINAIS 86

REFERÊNCIAS 89
ANEXOS 91
APÊNDICES 104

INTRODUÇÃO

Muito se discute sobre a importância da leitura e da escrita no processo de ensino e de aprendizagem dos alunos, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa. No entanto, na prática, os alunos ainda revelam sérias dificuldades em ler e compreender textos. Também demonstram dificuldades em formular opinião própria, seja oralmente ou por escrito, sobre os textos lidos. Esse contexto revela o baixo nível de compreensão e de produção de textos dos alunos que estão na Educação Básica. Muitas pesquisas, na área de linguística, têm se voltado para a problemática da leitura e da escrita na escola, variados recursos estão disponíveis aos professores na tentativa de amenizar as dificuldades que os alunos demonstram em ler e em escrever, no tocante, especialmente ao ensino fundamental, foco da nossa reflexão. Reconhecemos que há muito a investigar, tendo em vista que os resultados apresentados na Prova Brasil [1]nos últimos anos não são satisfatórios, em relação às metas estabelecidas pelo MEC. Observamos que, em Guarabira, cidade onde desenvolvemos nossa pesquisa, o resultado dessa avaliação não é diferente. Isso demonstra que ainda estamos distantes do que deveria ser o nosso objetivo. Além disso, constatamos, em sala de aula, as dificuldades que os alunos apresentam na leitura e na escrita. Essa realidade nos fez questionar sobre o tipo de formação leitora que os alunos estão tendo. Muitas vezes, a aula de Língua Portuguesa ainda está focada apenas no contexto gramatical, de modo que os textos são lidos apenas como pretexto para explorar a gramática, deixando-se de lado outros aspectos linguísticos que valorizam a interação texto, leitor e autor.

Acreditamos, conforme afirma Antunes, que,

> se o que predomina nas aulas de português continua sendo o estudo inócuo das nomenclaturas e classificações gramaticais, ir à escola e estudar português pode não ter muita importância, principalmente para quem precisa, de imediato, adquirir competências em leitura e em escrita de textos. (ANTUNES, 2003, p.16).

Diante do exposto, propomos que a prática de ensino da leitura e da escrita deva fundamentar-se na perspectiva sociointeracionista, a partir de gêneros textuais/ discursivos.

Nesse contexto, com o intuito de contribuir para uma melhor qualidade da aprendizagem de Língua Portuguesa e tornar a prática da leitura e da escrita uma atividade

[1] A Prova Brasil é uma avaliação em larga escala aplicada aos alunos de 5º e 9º ano do Ensino Fundamental, nas redes estaduais, municipais e federais, de área rural e urbana. Como resultado, a Prova Brasil fornece médias de desempenho com base na avaliação de conteúdos de Língua Portuguesa e Matemática para cada uma das escolas participantes e esses índices de desempenho também são utilizados para compor o cálculo do IDEB.(MEC/SEB; Inep, 2008)

significativa, na qual o processo de aprendizagem do aluno não se limita à decifração de sinais, mas, sobretudo, à capacidade de dar sentido a esses sinais e compreendê-los, passando a agir sobre o mundo para transformá-lo, apresentamos uma proposta de trabalho com o gênero textual/discursivo crônica. Gênero que expõe a grandiosidade e a singularidade dos acontecimentos miúdos do cotidiano observando o contexto sociocultural; textos que devido à proximidade dos fatos corriqueiros revelam uma linguagem coloquial; além de serem textos de fácil acesso, que possibilitam momentos agradáveis a muitos leitores que nem sempre têm acesso a textos literários.

Numa perspectiva sociointeracionista, a leitura tem sido considerada a partir das concepções de linguagem, oriundas, principalmente, dos estudos bakhtinianos. Para Bakhtin, a palavra tende a ser determinada, tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se destina para alguém. Dessa forma, a concepção de linguagem que embasa essa perspectiva é, portanto, a de linguagem como interação entre sujeitos determinados social e historicamente. Sendo assim, a leitura passa a ser concebida a partir da relação entre os sujeitos leitor e autor, mediada pelo texto.

Torna-se necessário considerar, no ato de ler, a tríade: leitor, texto, autor, pois o processo interacional supõe a relação entre interlocutores construída, mediada pelo texto, que também impõe limites. Essa relação tem reflexos na concepção de gêneros textuais/discursivos.

Conforme Marcuschi (2007), os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, eles contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais.

Nossa pesquisa visa a investigar a leitura e a produção escrita dos alunos do 9° ano do Ensino Fundamental, com o objetivo de identificar e pontuar as principais dificuldades no processo de produção textual e buscar, através de uma intervenção, de forma didática, utilizando-se do gênero crônica, estratégias de ensino de leitura e de escrita que venham a minimizar, de forma prática, os problemas identificados.

Para este estudo, tomamos como base Bakhtin (2003), no tocante ao seu estudo sobre o gênero do discurso e sobre a linguagem numa perspectiva sociointeracionista, Marcuschi

(2008), Geraldi (2002), Solé (1998), Koch Elias (2014), Cavalcante (2013), Antunes (2009), Dolz e Schneuwly (2004), os quais realizam estudos centrados na compreensão e na produção de textos no ensino de Língua Portuguesa, com enfoque nos contextos interacionais, nos quais a linguagem é vista como forma de interação.

O *locus* da pesquisa é uma instituição de ensino municipal, localizada na zona urbana de Guarabira, no interior da Paraíba. A escola atende adolescentes e jovens advindos da zona rural e das áreas próximas à instituição. Apresenta a modalidade de Ensino Fundamental (6º ao 9ª ano). Os alunos são advindos de diversos contextos sociais, alguns são de famílias de agricultores residentes na zona rural do município, outros, filhos de feirantes e profissionais que residem próximo à escola, bem como àqueles pertencentes a famílias carentes que moram em bairros na periferia da cidade.

No ano da concretização de nossa pesquisa e intervenção (2016), o colégio apresentava 330 alunos matriculados. Nesta respectiva escola, lecionamos nas turmas de sextos a nono ano. Diante da realidade vivenciada, ficamos preocupados com o baixo desempenho de nossos alunos no que se refere às competências de leitura e, de um modo especial, de escrita.

A estrutura física do estabelecimento de ensino é considerada boa, com salas de aulas amplas, sanitários, sala de leitura, laboratório de informática com conexão à internet, auditório, pátio amplo, cozinha e estruturas administrativa e pedagógica. Em relação aos recursos humanos, a escola conta com dois gestores, dois coordenadores pedagógicos, 21 professores, a maioria, concursado e especialista na área em que atuam. A escola também é composta por membros da secretaria escolar, serviços gerais, merendeiro e porteiro.

Mesmo diante de uma estrutura física e pedagógica de boa qualidade, a escola não consegue resultados satisfatórios, pois o índice de reprovação e abandono ainda é alto. O desempenho de alunos em avaliações externas (Prova Brasil) não corresponde às metas mínimas estabelecidas pelo MEC. Esse conjunto de informações ajuda a compor o cálculo para a obtenção do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica).

Baseado nessas informações estabelecidas pelo MEC, observemos o quadro a seguir, que revela o resultado do IDEB da escola, *locus* da nossa pesquisa, em 2015. Assim como as metas que a instituição de ensino deverá alcançar em 2017 e em 2021.

Quadro 1 – Resultado do IDEB de 2015 da instituição educacional, *locus* da pesquisa, e metas que deverão ser atingidas nos próximos anos de avaliação.

Escola *locus* da pesquisa	IDEB observado	Metas projetadas pelo MEC		
	2015	2015	2017	2021
	3,1	4,1	4,4	4,9

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

Com os dados da última avaliação externa – Prova Brasil de 2015, constatamos que a escola, *locus* da pesquisa, obteve em Língua Portuguesa, de acordo com informações do INEP– Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira / Prova Brasil – 2015, a média 218,99.

O quadro a seguir mostra o número de alunos do 9º Ano que realizou a Prova Brasil, a respectiva taxa de participação da escola, com base nos dados do Censo Escolar 2015 e as notas obtidas nas três últimas avaliações.

Quadro 2 – Quantidade de alunos que realizaram a avaliação e notas obtidas nos três últimos anos de Prova Brasil.

Desempenho dos alunos em Língua Portuguesa na Prova Brasil	
Alunos que realizaram a prova	44
Taxa de participação da Escola	81,48%
ANOS	Língua Portuguesa
2011	211,42
2013	222,57
2015	218,99

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

Conforme quadro demonstrativo transcrito, constatamos um declínio da nota de 2015 em relação à média de 2013. Essa informação é relevante, pois se faz necessário repensar a nossa contribuição como professores, em relação ao processo de ensino e aprendizagem dos alunos nas aulas de Língua Portuguesa.

Nos anos em que a Prova Brasil e o Saeb são aplicados, as secretarias estaduais e municipais de educação e as escolas públicas da educação básica, que possuem turmas de

quarta e oitava séries (quinto e nono anos) do ensino fundamental, recebem os cadernos Matrizes de Referência, Temas, Tópicos e Descritores. Os cadernos trazem informações aos gestores e professores sobre os pressupostos teóricos que embasam a avaliação, os descritores e uma série de exemplos de itens (questões), no nosso caso de Língua Portuguesa das séries a serem avaliadas.

A nota da prova é obtida através da análise do resultado dos alunos ao responderem as questões, verificando se há ocorrência de avanço significativo no processo de aprendizagem a partir da Matriz de Referência de Língua Portuguesa da Prova Brasil, que é composta por seis tópicos: Procedimentos de Leitura; Implicações do suporte do gênero e/ou do enunciador na compreensão do texto; Relação entre textos; Coerência e coesão no processamento do texto; Relações entre recursos expressivos e efeitos de sentido e Variação linguística. De acordo com O Caderno da Prova Brasil 2011, os descritores do 9° ano aparecem distribuídos em seis tópicos.

Quadro 3 – Descritores da Prova Brasil para o 9° ano.

Tópico I Procedimentos de Leitura	• Localizar informações explícitas em um texto. • Inferir o sentido de uma palavra ou expressão • Inferir uma informação implícita em um texto. • Identificar o tema de um texto. • Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato.
Tópico II Implicações do suporte do gênero e/ou do enunciador na compreensão do texto	• Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, fotos etc). • Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros.
Tópico III Relação entre textos	• Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido. • Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou ao mesmo tema.

Tópico IV Coerência e coesão no processamento do texto	• Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto. • Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa. • Estabelecer relação causa/ consequência entre partes e elementos do texto. • Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios etc. • Identificar a tese de um texto. • Estabelecer relação entre a tese e os argumentos oferecidos para sustentá-la. • Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto.
Tópico V Relações entre Recursos Expressivos e Efeitos de Sentido	• Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados. • Identificar o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações. • Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão. • Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfossintáticos.
Tópico VI Variação Linguística	• Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

(Adaptação do quadro do Caderno da Prova Brasil 2011)

De acordo com os descritores, trabalhar em sala de aula com gêneros textuais/discursivos diversos, assim como com os seus suportes, características e funcionalidades no contexto sociointeracional, deveria ser visto como eixo norteador nas aulas de Língua Portuguesa. Saber associar os conhecimentos linguísticos à leitura e à escrita de textos, de forma coesa e coerente, identificar as informações explícitas e implícitas, sendo capaz de interagir com os textos e com o mundo no qual está inserido devem ser conhecimentos adquiridos ao longo dos anos de estudo de um aluno do 9º ano.

Observando esses descritores e a prática dos mesmos, podemos nos questionar sobre se de fato nossos alunos concluem o Ensino Fundamental conscientes da importância de apreenderem e praticarem essas informações.

Infelizmente, os resultados das avaliações dos alunos da escola analisada na Prova Brasil não são satisfatórios, inclusive não chegam a atingir a meta estabelecida pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura). Por outro lado, sabemos que, ao se avaliar o aluno, outros contextos também influenciam direta ou indiretamente no resultado. No entanto, não faz parte do nosso objetivo de estudo proferir sobre esses outros contextos. No foco em estudo, para uma análise sobre a avaliação dos alunos, expomos a descrição do nível de proficiência em Língua Portuguesa exigido pela Prova Brasil.

Quadro 4 – Exposição das características dos níveis de proficiência em Língua Portuguesa da Prova Brasil.

Descrição do nível de proficiência em Língua Portuguesa através do qual o aluno é avaliado na Prova Brasil

Nível	Descrição do nível – O estudante provavelmente é capaz de:
Nível 0 Desempenho menor que 200	Os alunos provavelmente não conseguem identificar as características básicas de uma crônica e de uma reportagem.
Nível 1 Desempenho maior ou igual a 200 e menor que 225	Os estudantes provavelmente são capazes de: Reconhecer expressões características da linguagem (científica, jornalística etc.) e a relação entre expressão e seu referente em reportagens e artigos de opinião. Inferir o efeito de sentido de expressão e opinião em crônicas e reportagens.
Nível 2 Desempenho maior ou igual a 225 e menor que 250	Além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Localizar informações explícitas em fragmentos de romances e crônicas. Identificar tema e assunto em poemas e charges, relacionando elementos verbais e não verbais. Reconhecer o sentido estabelecido pelo uso de expressões, de pontuação, de conjunções em poemas, charges e fragmentos de romances. Reconhecer relações de causa e consequência e características de personagens em lendas e fábulas. Reconhecer recurso argumentativo em artigos de opinião. Inferir efeito de sentido de repetição de expressões em crônicas.
Nível 3 Desempenho maior ou igual a 250 e menor que 275	Além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Localizar informações explícitas em crônicas e fábulas. Identificar os elementos da narrativa em letras de música e fábulas. Reconhecer a finalidade de abaixo-assinado e verbetes. Reconhecer relação entre pronomes e seus referentes e relações de causa e consequência em fragmentos de romance, diários, crônicas, reportagens e máximas (provérbios).

	Interpretar o sentido de conjunções, de advérbios, e as relações entre elementos verbais e não verbais em tirinhas, fragmentos de romances, reportagens e crônicas. Comparar textos de gêneros diferentes que abordem o mesmo tema. Inferir temas e ideia principal em notícias, crônicas e poemas. Inferir o sentido de palavras ou expressão em história em quadrinhos, poemas e fragmentos de romances.
Nível 4 Desempenho maior ou igual a 275 e menor que 300	Além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Localizar informações explícitas em artigos de opinião e crônicas. Identificar finalidade e elementos da narrativa em fábulas e contos. Reconhecer opiniões distintas sobre o mesmo assunto em reportagens, contos e enquetes. Reconhecer relações de causa e consequência e relações entre pronomes e seus referentes em fragmentos de romances, fábulas, crônicas, artigos de opinião e reportagens. Reconhecer o sentido de expressão e de variantes linguísticas em letras de música, tirinhas, poemas e fragmentos de romances. Inferir tema, tese e ideia principal em contos, letras de música, editoriais, reportagens, crônicas e artigos. Inferir o efeito de sentido de linguagem verbal e não verbal em charges e história em quadrinhos. Inferir informações em fragmentos de romance. Inferir o efeito de sentido de pontuação e da polissemia como recurso para estabelecer humor ou ironia em tirinhas, anedotas e contos.
Nível 5 Desempenho maior ou igual a 300 e menor que 325	Além de habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Localizar a informação principal em reportagens. Identificar ideia principal e finalidade em notícias, reportagens e resenhas. Reconhecer características de linguagem (científica, jornalística etc.) em reportagens. Reconhecer elementos da narrativa em crônicas. Reconhecer argumentos e opiniões em notícias, artigos de opinião e fragmentos de romances. Diferenciar abordagem do mesmo tema em textos de gêneros distintos. Inferir informação em contos, crônicas, notícias e charges. Inferir sentido de palavras, da repetição de palavras, de expressões , de linguagem verbal e não verbal e de pontuação em charges, tirinhas, contos, crônicas e fragmentos de romances.
Nível 6 Desempenho maior ou igual a 325 e menor que 300	Além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Identificar ideia principal e elementos da narrativa em reportagens e crônicas. Identificar argumento em reportagens e crônicas. Reconhecer o efeito de sentido da repetição de expressões e palavras, do uso de pontuação, de variantes linguísticas e de figuras de linguagem em poemas, contos e fragmentos de romances. Reconhecer a relação de causa e consequência em contos. Reconhecer diferentes opiniões entre cartas de leitor que abordam o mesmo tema. Reconhecer a relação de sentido estabelecida por conjunções em crônicas, contos e cordéis. Reconhecer o tema comum entre textos de gêneros distintos. Reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso de figuras de linguagem e de recursos gráficos em poemas e

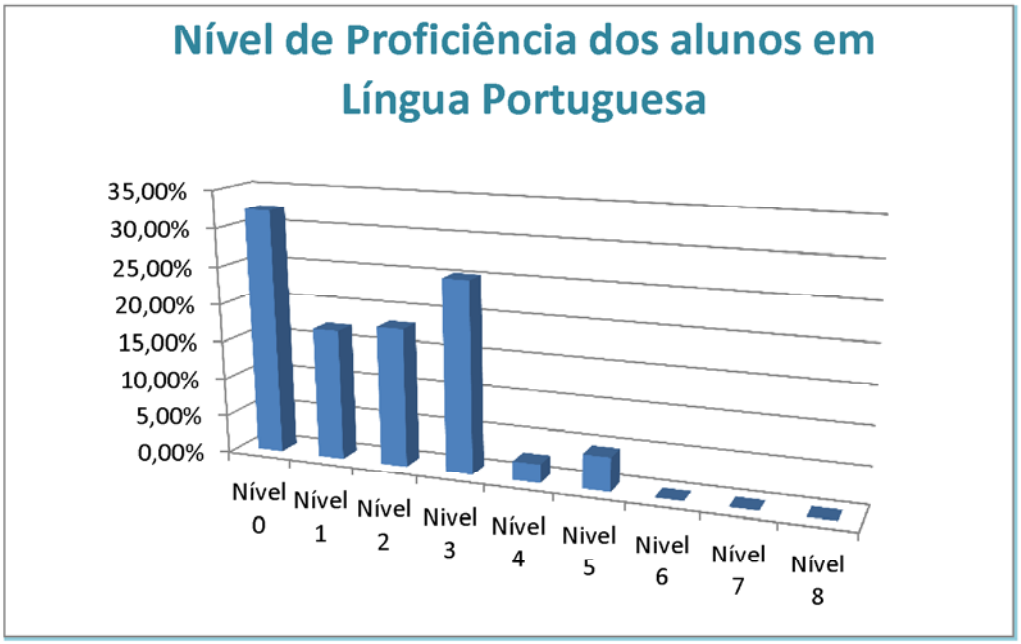
	fragmentos e romances. Diferenciar fato de opinião em artigos e reportagens, inferir o efeito de sentido de linguagem verbal e não verbal em tirinhas.
Nível 7 Desempenho maior ou igual a 300 e menor que 375	Além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Localizar informações explícitas, ideia principal e expressão que causa humor em contos, crônicas e artigos de opinião. Identificar variantes linguísticas em letras de música. Reconhecer a finalidade e a relação de sentido estabelecida por conjunções em lendas e crônicas.
Nível 8 Desempenho maior ou igual a 375	Além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Localizar ideia principal em manuais, reportagens, artigos e teses. Identificar os elementos da narrativa em contos e crônicas. Diferenciar fatos de opiniões e opiniões diferentes em artigos e notícias. Inferir o sentido de palavras em poemas.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

Ao tomar posse das informações do quadro acima, um ponto nos chama a atenção. Dentre os gêneros textuais/discursivos propostos, o trabalho com o gênero crônica incide em todos os níveis de desempenho avaliados. Isso tem relevância, tendo em vista as variadas discussões sobre o baixo nível de compreensão e de produção de texto dos alunos que se encontram, sobretudo, no Ensino Fundamental. Uma metodologia voltada tanto à leitura como à escrita, a partir de uma crônica, gênero que aparece em vários suportes textuais, a exemplo dos jornais, revistas, *internet,* entre outros, é capaz de conduzir o indivíduo à apreciação de outros gêneros. Além disso, a crônica é um gênero frequentemente encontrado nos livros didáticos, o que facilita as atividades do professor, que, por sua vez, pode incentivar a leitura e a produção textual, a partir de uma variedade de crônicas contribuindo, dessa forma, para dinamizar as atividades em sala de aula.

Depois da descrição do nível de proficiência exigido do aluno na Prova Brasil, que o classifica em oito níveis de desempenho, passamos a observar o gráfico a seguir, que traz, em números, o resultado do nível de proficiência dos alunos, foco da nossa pesquisa, na Prova Brasil 2015.

Gráfico 1 – Gráfico demonstrativo da distribuição percentual dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental por nível de proficiência em Língua Portuguesa.



INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

Analisando as informações relacionadas ao percentual de alunos do 9º Ano, por nível de proficiência em Língua Portuguesa, identificamos que grande parte dos alunos, 32,32%, encontra-se no nível (zero). Os estudantes provavelmente não estão preparados para reconhecer expressões específicas de uma linguagem (científica, jornalística etc.). Também não estão aptos para inferir sobre o efeito de sentido de expressão e opinião em crônicas e reportagens. Isso revela que os alunos não possuem o mínimo de proficiência exigido em Língua Portuguesa para um aluno concluinte do Ensino Fundamental.

Um percentual de 17,17% encontra-se no nível 1, demonstrando capacidade em reconhecer características da linguagem científica e jornalística, além de ser capaz de deduzir a finalidade das expressões e opiniões em crônicas e reportagens.

No nível 2, o percentual de alunos é de18,18%. Acredita-se que esses discentes possuem, além das habilidades do nível 1, a capacidade de localizar informações e identificar tema e assunto nos textos trabalhados, reconhecer relações de causa e consequência como também recurso argumentativo em artigos de opinião e inferir efeito de sentido de repetição de expressões em crônicas.

Um percentual de 25,25% encontra-se no nível 3. Além das habilidades anteriores, os alunos possuem a capacidade de localizar informações explícitas em fragmentos de crônicas e fábulas, reconhecer a relação entre pronomes e seus referentes e relação de causa e consequência, em fragmentos de variados gêneros (romance, diário, crônicas, reportagens e provérbios); interpretar o sentido de conjunções, de advérbios, e as relações entre elementos verbais e não verbais em tirinhas, fragmentos de romances, reportagens e crônicas; comparar textos de gêneros diferentes que abordam o mesmo tema; inferir tema e ideia principal em notícias, crônicas e poemas.

Apenas 2,53% dos avaliados encontram-se no nível 4 revelando que, além das destrezas anteriores, são capazes de ler e identificar características e finalidade dos gêneros artigo de opinião, crônicas, fábulas, contos, reportagens, enquetes, romance, letras de música, editoriais, tirinhas, poemas, charges e histórias em quadrinhos. Também são capazes de inferir o efeito de sentido de pontuação e da polissemia como recurso para estabelecer humor e efeito de sentido de linguagem verbal e não verbal.

No nível 5 de proficiência em Língua Portuguesa, encontram-se 4,55% dos avaliados. Eles conseguem, além das habilidades dos níveis anteriores, reconhecer características da linguagem (científica jornalística etc.); identificar a ideia principal e finalidade em notícias, reportagens e resenhas; reconhecer elementos da narrativa em crônicas como também as demais habilidades do nível 5 descritas anteriormente no quadro demonstrativo.

O que nos chama a atenção nesse quadro é que os alunos avaliados não alcançaram os níveis 6,7 e 8 de proficiência em Língua Portuguesa. O que representa um percentual de 0,0%. Ao constatar que não atingiram o nível 6 fica explícito que os mesmos apresentam dificuldades em identificar ideia principal e elementos da narrativa, assim como elementos em reportagem e crônicas; não conseguem reconhecer o efeito de sentido da repetição de expressões e palavras, do uso de pontuação, de variantes linguísticas e de figura de linguagem em poemas, contos e fragmentos de romance como também as outras habilidades no nível 6.

Em relação ao nível 7, os educandos revelaram que não possuem habilidades em localizar informação, ideia principal e expressão que causa humor em contos, crônicas e artigo de opinião; são incapazes de identificar variantes linguísticas e de reconhecer a finalidade e o uso das conjunções em lendas e crônicas.

Por fim, os estudantes além de demonstrarem sérias dificuldades nos dois níveis anteriores, eles não se encontram habilitados para inferir o sentido de palavras em poemas; diferenciar fatos de opiniões e opiniões diferentes em artigos e notícia; além de apresentar

dificuldades em localizar ideias principais em manuais, reportagens, artigos e teses; como também não conseguem identificar os elementos da narrativa em contos e crônicas.

Acreditamos ser interessante termos acesso ao comparativo da média da escola *locus* do estudo em relação à media total do município de Guarabira, à do estado da Paraíba e à média total do Brasil.

Quadro 5 – Demonstrativo das médias, em Língua Portuguesa na Prova Brasil, da escola analisada em comparação com as médias a nível municipal, estadual e federal.

Médias de Proficiência em Língua Portuguesa 9º Ano	
Total Brasil	251,53
Total Estado (Paraíba)	240,03
Total Município (Guarabira)	220,09
Escola participante da pesquisa	218,99

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

Podemos constatar, através desses dados, que no âmbito nacional as notas referentes à Língua Portuguesa não são satisfatórias. O que nos leva a compreender que é urgente identificar a causa do declínio da aprendizagem e buscar meios para sanar esse problema que persiste no sistema educacional.

Essas informações sobre o resultado da Prova Brasil 2015 causam impacto e devem, sobretudo, conduzir a rede educacional e principalmente os professores de Língua Portuguesa a repensarem suas metodologias. É de grande relevância que, nós professores, busquemos atualizações no tocante às novas teorias e metodologias que venham a promover novos meios que tenham como finalidade melhorar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos na sala de aula.

Para buscar alternativas que venham minimizar os problemas constatados, faz-se necessário, o professor, investir na formação dos alunos para que se tornem leitores e consequentemente produtores textuais autônomos capazes de obter melhores desempenhos nas avaliações.

Diante desse desafio, é que traçamos os objetivos de nossa pesquisa cujo desenvolvimento está dividido em 3 partes: Na primeira, são pontuados os aportes teóricos, um breve histórico das concepções de linguagem, leitura, texto, escrita e gêneros textuais. Na

segunda, apresentamos a metodologia, que tem como foco o desenvolvimento das oficinas realizadas com intervenção nossa. A última parte enfoca a análise dos dados colhidos durante a pesquisa e a intervenção. Posteriormente, apresentamos as considerações finais.

1. REVISITANDO AS TEORIAS

1.1 Concepções de linguagem

Para que o professor de Língua Materna possa desenvolver um ensino-aprendizagem de qualidade, é importante que tenha conhecimento sobre as concepções de linguagem, pois o modo como se concebe a sua natureza altera em muito o modo como se estrutura o trabalho com a língua, em termos de ensino.

Geraldi (2002) aponta que a linguagem pode ser estruturada sob três diferentes concepções: linguagem como expressão do pensamento, linguagem como instrumento de comunicação e linguagem como forma de interação. Essas concepções foram estudadas e tiveram suas características pensadas no contexto da realidade brasileira, no tocante ao ensino de línguas. O autor postula que, antes de qualquer atividade em sala de aula, é necessário considerar que toda e qualquer metodologia de ensino relaciona-se a uma opção política que envolve teorias de compreensão e de interpretação da realidade subjacentes aos mecanismos usados em sala de aula.

Travaglia (2009) corrobora com Geraldi e mostra que, na primeira concepção, a expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. A enunciação é um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece (Travaglia, 2009). Segundo Bakhtin/Volochinov (1992), nessa concepção, demarca-se a visão de subjetivismo idealista, na qual as leis da criação linguística são essencialmente aquelas da psicologia individual. A enunciação segue um percurso do interior para o exterior, no qual não são considerados fatores externos à comunicação, como o interlocutor. A língua é concebida, assim, como um produto acabado, um sistema estável. Isso significa que para os teóricos dessa tendência, o homem já nasce com a capacidade de exteriorizar seu pensamento que é gerado no seu psiquismo. De sua capacidade de organizar o pensamento, dependerá sua exteriorização. Se o homem não consegue uma organização lógica para seu pensamento, sua linguagem estará afetada, isto é, desarticulada, desorganizada. A linguagem como expressão do pensamento reflete-se nos estudos voltados à compreensão norteados pela busca do que o autor quer ou quis dizer.

Nessa concepção de linguagem como expressão do pensamento, a escrita é compreendida como uma forma para exteriorizar o pensamento, a leitura é a captação desse

pensamento e o sujeito pode ser avaliado pela capacidade de captar no texto, o pensamento do autor.

Na segunda concepção, a de linguagem como instrumento de comunicação, a língua é entendida como um conjunto de signos que se ajustam de acordo com regras e que depois dessa combinação é capaz de transmitir mensagem e informação de um emissor a um receptor (Travaglia, 2009). Está implícito o entendimento de que a aprendizagem da teoria gramatical é a garantia para se alcançar o domínio das linguagens (oral e escrita). Observamos que essa perspectiva está intrinsecamente ligada aos elementos comunicativos, através dos quais, falante e ouvinte comunicam-se através da língua.

> O falante, coloca-a em código (codificação) e a remete para o outro através de um canal (ondas sonoras ou luminosas). O outro recebe os sinais codificados e os transforma de novo em mensagem (informações). É a decodificação. (TRAVAGLIA, 2009, p. 22-23).

O centro organizador de todos os fatos da língua para essa tendência situa-se no sistema linguístico, a saber: o sistema de formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua. Nessa tendência, o sistema linguístico é percebido como um fator objetivo externo à consciência individual e independente desta. Dessa forma, na perspectiva da linguagem como instrumento de comunicação, a língua é compreendida como código (conjunto de signos que se combinam, segundo regras) capaz de transmitir ao receptor uma mensagem. Isso quer dizer que é necessário que os envolvidos no ato manipulem os sinais do código de forma comum, preestabelecida. Então, existem regras que devem ser perseguidas pelo falante–ouvinte para que se estabeleça a comunicação. Nessa concepção, está implícito o entendimento de que a aprendizagem da teoria gramatical é a garantia para se alcançar o domínio da linguagem.

A terceira concepção de linguagem, desenvolvida no Círculo de Bakhtin, defende que o *locus* da linguagem é a interação. Segundo Bakhtin/Volochinov (1992), a língua se constitui em um processo ininterrupto, realizado através da interação verbal, social, entre interlocutores, não sendo um sistema estável de formas normativamente idênticas. Assim, os sujeitos são vistos como agentes sociais, pois é por meio de diálogos entre os indivíduos que ocorrem as trocas de experiências e conhecimentos.

Nessa tendência, entende-se que a verdadeira substância da linguagem não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da linguagem. A

comunicação verbal só pode ser explicada e compreendida nas relações da interação concreta e na situação extralinguística, não só a situação imediata, mas também o contexto social mais amplo deve ser considerado.

Nesse contexto, a expressão realizada pelos interlocutores não é simplesmente organizada pela atividade mental e transmitida pelo indivíduo para o meio social. Entendemos que, na verdade, o que ocorre é que as situações ou ideias do meio social também são responsáveis por determinar como será produzido o enunciado. Desse modo, a formação da expressão depende das condições sociais. Assim, temos o social interferindo no individual.

Essa ideia aparece nos PCN (Brasil, 2001). No referido documento, a linguagem pode ser entendida como:

> Ação interindividual orientada por finalidade específica, um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história. (BRASIL, 2001, p.23-24)

A partir desse ponto de vista, podemos afirmar que a linguagem é produzida em diferentes situações e práticas sociais nas quais o indivíduo está inserido. Seja escrevendo uma lista de compras, lendo um manual de um eletrodoméstico ou mesmo nas conversas informais no bar, na praça, na feira etc. Nesse contexto, a língua possibilita ao homem dar significado ao mundo e à realidade, pois, trata-se de um sistema de signos histórico e social.

Tendo em vista a importância de se trabalhar a linguagem como fenômeno social de interação verbal, buscamos desenvolver nossa pesquisa dentro do contexto interacional, assim como a elaboração das atividades com base na sequência didática e a análise das produções dos alunos, pois acreditamos que, quando a leitura e a escrita são práticas sociais e as concebemos como dialógicas, é fundamental destacar que nós educadores devemos estabelecer um diálogo entre as reais necessidades dos alunos e nossa prática docente.

Como vemos, as diferentes concepções de linguagem têm consequências para a compreensão de leitura, escrita, texto e leitor implicados no ensino de Língua Portuguesa. É sobre isso que passaremos a falar.

1.2 Leitura e escrita na perspectiva interacional da linguagem

Sabe-se que, na nossa sociedade, a capacidade de ler é fundamental ao ser humano, visto que a mesma amplia a capacidade de interação entre os indivíduos. Através da leitura o

ser humano adquire novos conhecimentos e saberes, que lhe possibilitam novos olhares e ações diante das diversas situações de comunicação com as quais se depara em seu cotidiano.

Encontramos em Solé (1998) uma apresentação, de forma sintética, do que é a leitura.

> Leitura é um processo de interação entre texto e leitor [...] neste processo tenta-se satisfazer e obter uma informação pertinente para os objetivos que guiam a leitura. É possível que leitores com finalidades diferentes extraiam informações distintas do mesmo texto. (SOLÉ, 1998, p.22)

O trabalho dedicado à leitura deve priorizar a natureza funcional e interativa da língua, porque habilita os alunos a não apenas identificar as informações mais relevantes de um texto; convida-os a desvendar os recursos expressivos que propiciam os efeitos de sentido, em suas dimensões polissêmicas e discursivas, como também a interagir com o texto e com outros sujeitos através dele.

É importante ressaltar que todo contexto de leitura está inserido na relação leitor, texto e autor, de modo que, diante de um texto, antes mesmo de se apropriar da leitura, o leitor aciona os conhecimentos prévios que irão ajudá-lo ou não a compreender a mensagem do texto naquele momento. Em relação a essa perspectiva, Freire (1989) já afirmava que

> a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, p.9)

Nesse contexto, nenhuma atividade de leitura deve ser iniciada sem que os alunos se encontrem suficientemente motivados para isso. Devemos levar em conta os conhecimentos prévios dos alunos, incentivando-os a expor o que já sabem sobre o tema e impulsionando-os para dentro do texto. Apresentar algumas informações também pode ajudar a incentivar a leitura.

Desse modo, ao considerar os aspectos discursivos e enunciativos da linguagem, o professor entende que os textos são objetos inacabados, que só se completam no momento da interação com o leitor. Nesse momento, texto é tomado como um evento no qual os sujeitos (alunos/leitores) são vistos como agentes inseridos em contextos social, comunicativo, histórico e cultural e esses contextos têm implicações na construção de sentidos para os textos lidos.

Sobre essa interação, Cavalcante (2013), p.19 destaca:

> A atividade interativa textual não se realiza exclusivamente por meio dos elementos linguísticos presentes na superfície do texto, nem só por seu modo de organização, mas leva em conta também o conhecimento de mundo do sujeito, suas práticas comunicativas, sua cultura, sua história, para construir os prováveis sentidos no evento comunicativo.

Se o aluno é um sujeito cognitivamente agente no processo de leitura, é de fundamental importância uma política de formação de leitores, a partir da qual os discentes sejam estimulados a práticas de leituras diversificadas, valorizando diferentes gêneros textuais/discursivos, em diferentes suportes.

O professor também tem que ser incentivado a ser ele próprio um leitor, além de um formador de leitores competentes. É preciso estimular o debate permanente sobre a leitura e fornecer instrumentos para que esse debate e a prática da leitura se efetivem no ambiente escolar, pois o ato de compreender é uma ação colaborativa que ocorre na interação entre autor-texto-leitor ou falante-texto-ouvinte. Nesta perspectiva, Kleiman (2004) afirma que

> a concepção hoje predominante nos estudos de leitura é a de leitura como prática social que, na linguística aplicada, é subsidiada teoricamente pelos estudos do letramento. Nessa perspectiva, os usos da leitura estão ligados à situação; são determinados pelas histórias dos participantes, pelas características da instituição em que se encontram, pelo grau de formalidade ou informalidade da situação, pelo objetivo da atividade de leitura, diferindo segundo o grupo social. Tudo isso realça a diferença e a multiplicidade dos discursos que envolvem e constituem os sujeitos e que determinam esses diferentes modos de ler. (KLEIMAN, 2004, p.14 apud MARCUSCHI, 2008, p. 231)

Ainda sobre leitura, Koch e Elias (2014) relatam que a concepção de leitura está relacionada ao conceito de sujeito, de língua e de texto. Sobre essa questão, as autoras afirmam ainda que a concepção de língua como expressão do pensamento corresponde à de um sujeito psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações. O sujeito é visto como senhor absoluto de suas ações e de seu dizer e o texto como produto do pensamento do autor, cabendo ao leitor um papel passivo. Sendo assim, a leitura nessa perspectiva é compreendida como atividade de captação das ideias do autor, o foco de atenção e o sentido estão centrados nele, bastando ao leitor apenas captar essas intenções.

Por sua vez, em relação á concepção de língua como estrutura, Koch e Elias (2014) afirmam corresponder a de sujeito determinado pelo sistema, caracterizado por uma espécie de "não consciência". Nessa concepção, a língua é vista como código e o sujeito como predeterminado pelo sistema. O texto é o produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor-ouvinte. A leitura exige que o leitor foque apenas no texto, em sua linearidade, cabendo-lhe apenas o reconhecimento dos sentidos das palavras e estrutura do texto.

Na concepção interacional (dialógica) da língua, diferente das concepções anteriores, o sujeito é visto como autor, construtor social, sujeito ativo que se constrói e é construído no texto, no qual há lugar para uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se leva em conta o contexto sociocognitivo dos participantes da interação. Nessa perspectiva, ainda segundo Koch e Elias (2014),

> O sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexista a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (KOCH E ELIAS, 2014, p. 11)

Essa compreensão de leitura subjaz aos pressupostos dos PCN. Nesse documento, a leitura é um processo no qual, o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e de interpretação de texto. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível que o leitor atinja a proficiência. Nessa perspectiva, Antunes (2009) declara que

> ler é uma forma de saber o que se passa, o que se pensa, o que se diz; é uma forma de ficar inteirado acerca do que vai pelo mundo, acerca do que vai povoando a cabeça e o coração dos pensadores, dos formadores de opinião, dos cientistas, dos poetas; é uma forma de saber acerca das descobertas que foram feitas ou das hipóteses que estão sendo testadas, ou dos planos e projetos em andamento. Não podemos esquecer de que o mundo é "semiotizado" pela linguagem e de que somos feitos no diálogo viabilizado por ela. As concepções que temos, as teorias que propomos, os projetos que elaboramos nascem do acesso que temos à palavra circulante. (ANTUNES, 2009, p. 195).

Não podemos deixar obscurecer que a outra face da leitura é a escrita. Portanto, tudo o que é escrito tem sua complementação quando é lido, apreciado por alguém. Segundo

Antunes (2009, p.192), escrever e ler são dois atos diferentes da mesma moeda (ou da mesma trama).

No contexto histórico, constatamos que, durante muito tempo, a humanidade apenas se comunicava oralmente, não havia registros gráficos. Após a invenção da escrita alfabética, por volta do século VII a.C. não há limites para a divulgação e a circulação dos feitos e das conquistas humanas.

> A escrita é, sem dúvida, uma das maiores construções da humanidade. Possibilitou-nos superar os limites da fala, que exige, de uma vez, a simultaneidade de tempo e a confluência de espaço para as pessoas envolvidas na sua realização. Graças à escrita, as pessoas puderam ter acesso ao que os outros "disseram" em outros momentos e lugares, fossem esses momentos e lugares, temporal e geograficamente, distantes. (ANTUNES, 2009, p. 192)

É importante destacarmos que esse meio encontrado para representar a linguagem falada ocupou durante muito tempo um papel político, sendo assim, acesso à escrita era restrito a uma pequena elite que controlava o destino da maioria da população. Por outro lado, na sociedade contemporânea, saber ler e escrever é essencial à interação comunicativa, pois faz parte do nosso cotidiano de forma direta ou indireta. É o que confirma o fragmento abaixo:

> Se houve um tempo em que era comum a existência de comunidades ágrafas, se houve um tempo em que a escrita era de difícil acesso ou uma atividade destinada a alguns poucos privilegiados, na atualidade, a escrita faz parte da nossa vida, seja porque somos constantemente solicitados a produzir textos escritos (bilhete, e-mail, listas de compras, etc., etc.), seja porque somos solicitados a ler textos escritos em diversas situações do dia-a-dia (placas, letreiros, anúncios, embalagens, e-mail, etc., etc.). (KOCH E ELIAS, 2015, p. 31).

Koch e Elias (2015) informam que o ato de escrever envolve processos de natureza variada: linguística, cognitiva, pragmática, sócio-histórica e cultural. Nessa pluralidade de aspectos, constatamos que a maneira como concebemos a escrita não é vista de modo separado da maneira como entendemos a linguagem, o texto e o sujeito que escreve.

A concepção de escrita, segundo Koch e Elias (2015), deve ser observada e analisada a partir de três pontos fundamentais: escrita com o foco na linguagem, no escritor e na interação.

No primeiro caso, destacamos a valorização do vocabulário e o conhecimento das regras gramaticais, pois para escrever bem é necessário o domínio de ambos. Implícita a essa visão de escrita encontramos uma concepção de linguagem como um sistema pronto e acabado do qual o escritor deve se apropriar. Nesse ponto de vista, o texto é observado como simples produto de uma codificação realizada pelo escritor e que deve ser decodificada pelo suposto leitor.

No segundo ponto, o texto é visto como um produto do pensamento do escritor, senhor absoluto de suas ações e do seu expressar. E a língua é concebida como representação do pensamento desse sujeito que é visto como detentor absoluto de seu dizer e de suas ações. Nesse contexto, a escrita é entendida como uma atividade por meio da qual o escritor expressa seu pensamento, suas intenções, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor como também a interação que envolve esse processo.

No contexto da escrita com o foco na interação, alicerce do nosso trabalho, observamos que, ao contrário dos demais pontos, a escrita é vista em relação à interação escritor-leitor. Nessa concepção dialógica da língua, tanto o escritor como o leitor são vistos como sujeitos agentes que se complementam e são construídos no texto de maneira interacional.

Nessa concepção, a escrita é vista como uma produção textual, a qual exige que o produtor ative seus conhecimentos e mobilize várias estratégias pensando no que vai escrever e para quem é destinado o texto. Em seguida, deve escrever e ler o que escreveu, rever ou reescrever o que julgar necessário. Nessa concepção interacional (dialógica) da língua, segundo Koch e Elias (2015), tanto aquele que escreve como aquele para quem se escreve são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto.

Nessa perspectiva, para a produção textual, as autoras sugerem algumas estratégias:

> Ativação de conhecimentos sobre os componentes da situação comunicativa (interlocutores, tópico a ser desenvolvido e configuração textual adequada à interação em foco); seleção, organização e desenvolvimento das ideias, de modo a garantir a continuidade do tema e sua progressão; "balanceamento" entre

> informações explícitas e implícitas, entre informações "novas" e "dadas", levando em conta o compartilhamento de informações com o leitor e o objetivo da escrita; revisão da escrita ao longo de todo o processo, guiada pelo objetivo da produção e pela interação que o escritor pretende estabelecer com o leitor. (KOCH E ELIAS, 2015, p.34). ("Grifo nosso")

A prática dessas estratégias confirma o fato de que o sentido da escrita não se faz apenas através do uso do código, nem das intenções do escritor, o sentido é a consequência da interação das múltiplas estratégias.

Destacamos que a escrita pode ser elaborada mais formalmente ou mais informalmente. Isso vai depender do gênero textual a ser produzido (assunto que será tratado) e quem será o interlocutor, os conhecimentos compartilhados, a familiaridade, o grau de maior ou menor intimidade entre esses interlocutores. Vale salientar que no contexto interacional, o que dizer e como dizer é revelador de que o processo da escrita envolve, de fato, escolha de um gênero textual que esteja de acordo com as práticas sociais, além de seleção, organização e revisão das ideias com o objetivo de ajustar ou reajustar as informações tendo em vista a eficiência e a eficácia da comunicação.

Quando falamos em processo de escrita, é importante destacar a concepção de texto que está implícita. É sobre isso que trata o tópico seguinte.

1.3 Texto, evento comunicativo no processo de leitura e escrita

Para iniciarmos nossa explanação sobre o texto, abordaremos sua importância no processo comunicativo, vejamos o que nos diz Breaugrande:

> Texto é um sistema atualizado de escolhas extraído de sistemas virtuais entre os quais a língua é o sistema mais importante [...] é essencial tomar o texto como um evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais (BEAUGRANDE, 1997 apud MARCUSCHI, 2008, pp.79 – 80).

Para o autor, o texto não é um mero agrupamento de frases, e sim um resultado da influência de outros textos, tendo reflexos do contexto externo em que está inserido o autor. A definição de texto é complexa e torna-se difícil, pois envolve uma enorme riqueza de aspectos:

> 1. O texto é visto como um sistema de conexões entre vários elementos, tais como: sons, palavras, enunciados, significações, participantes, contextos, ações etc;
> 2. O texto é construído numa orientação de *multissistemas*, ou seja, envolve tanto aspectos linguísticos como não linguísticos no seu processamento (imagem, música) e o texto se torna em geral multimodal;
> 3. O texto é um evento interativo e não se dá como um artefato monológico e solitário, sendo sempre um processo e uma coprodução;
> 4. O texto compõe-se de elementos que são multifuncionais sob vários aspectos, tais como: um som, uma palavra, uma significação, uma instrução etc. e deve ser processado com esta multifuncionalidade. (MARCUSCHI, 2008, p.80)

Conforme Antunes (2010), antes de compreender o conceito do que é texto, é necessário desenvolver o conceito de textualidade, que pode ser entendida como a característica estrutural das atividades sociocomunicativas executadas entre os parceiros da comunicação. O que podemos elencar é que em qualquer situação de interação verbal, em qualquer língua, o modo de manifestação da atividade comunicativa é a textualidade. Daí que nenhuma ação de linguagem fora da textualidade demonstra sentido, conforme afirma Schmidt (1978, p.164 apud Antunes, 2010, p.29) que "desde que ela existe, a comunicação se dá de forma textual".

Nessa configuração, as palavras e as frases só têm sentido na proporção que são observadas como partes de texto, como componentes de discursos, pelos quais os falantes dizem, agem, participam, tomam posição, se firmam e se afirmam no instante presente de sua existência.

Nesse contexto, o entendimento de que inicialmente se aprende as palavras, depois as frases e finalmente se chega ao texto, perde sentido. Pois todos os meios usados na nossa atividade de linguagem são compreendidos e classificados como partes funcionais de um todo integrado: o texto.

Dessa forma, todo texto, segundo Antunes (2010), é:

> A expressão de algum propósito comunicativo. Caracteriza-se, portanto, como uma atividade eminentemente funcional, no sentido de que a ele recorremos com uma finalidade, com um objetivo específico, nem que seja, simplesmente, para ficarmos calados (ANTUNES, 2010, p.31).

Assim, entender um texto é uma operação que vai além do seu contexto linguístico, já que se trata de um evento comunicativo em que operam, simultaneamente, ações linguísticas, sociais e cognitivas. Em relação a isso, Antunes (2010, p.32) diz que "o texto é caracterizado por uma orientação temática, quer dizer, o texto se constrói a partir de um tema, de um tópico, de uma ideia central ou de um núcleo semântico, que lhe dá continuidade e unidade".

Com efeito, assim como o texto deve estar em correlação aos fatores contextuais presentes à situação comunicativa, a escrita também está sujeita às determinações dos contextos sociais e culturais em que essa atividade acontece. Assim, é importante ressaltar que os textos produzidos pertencem aos gêneros textuais/discursivos específicos dos quais passamos a falar.

1.4 Gêneros textuais/discursivos: caminho para a comunicação verbal

Como sabemos, o uso da linguagem se dá de muitas formas, pois a mesma está ligada a todos os campos da atividade humana. Ela é empregada em forma de enunciados, sendo eles orais ou escritos, proferidos pelos integrantes de determinado campo da atividade humana, determinados pela especificidade dos campos da comunicação. Nos termos de Bakhtin (2003, p.261), cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso.

Podemos perceber que os gêneros atuam como mediadores da atividade enunciativa sendo impossível a comunicação verbal sem a utilização de um gênero. Dessa forma, uma vez que, cada campo da atividade humana se integra num determinado gênero, os gêneros do discurso são infinitos.

De acordo com Bakhtin (2003) assim como são variadas as atividades humanas, variadas também são as formas de uso da língua e, por conseguinte, os gêneros do discurso, que para o autor, podem ser considerados como entidades heterogêneas, tendo em vista que englobam uma infinidade inesgotável de possibilidades de usos da língua, a qual aproxima-se à vida humana de tal maneira que uma penetra na outra. Quando alguém escolhe um gênero, nunca o fará como um fato individual, mas coletivo, pois o gênero é uma forma de inserção social e de execução de um plano comunicativo intencional. O teórico ainda afirma que os gêneros refletem as características de seu meio de produção e de circulação e muitas

atividades humanas já têm estabelecido um estilo específico para cada situação de uso da língua que se configura como forma padronizada.

A esse respeito nos fala Bakhtin:

> O estilo linguístico ou funcional nada mais é senão o estilo de um gênero peculiar a uma dada esfera da atividade humana e da comunicação. Cada esfera conhece seus gêneros apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos (BAKHTIN, 2003, pp. 283 – 284).

Para Marcuschi (2007, p.20), "Os gêneros textuais, surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem". Estão presentes em toda atividade comunicativa humana. Têm reflexos nas interações sociais. Nessa perspectiva os PCN enfatizam que:

> Produzir linguagem significa produzir discursos. Significa dizer alguma coisa para alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico. Isso significa que as escolhas feitas ao dizer, ao produzir um discurso, não são aleatórias – ainda que possam ser inconscientes – mas decorrentes das condições em que esse discurso é realizado (PCN, 2001, p.25).

Os gêneros do discurso são infinitos, uma vez que cada campo da atividade humana se integra num determinado gênero. Paralela à grande variedade de gêneros do discurso, existe também uma enorme heterogeneidade oral e escrita. Segundo Bakhtin (2003, p. 268), os gêneros discursivos "refletem de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social". Podemos afirmar que os gêneros são constituídos dentro de uma coletividade social a fim de atender a uma necessidade comunicativa específica. Os mesmos podem ser trabalhados em sala de aula, permitindo que o aluno possa produzir e analisar realizações linguísticas tanto orais quanto escritas e identificar seus tipos e respectivas características de forma que este exercício possa ser produtivo e promissor.

Para Marcuschi (2008),

> Os gêneros textuais são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder. Pode-se, pois, dizer que os gêneros textuais são nossa forma de inserção, ação e controle social no dia-a-dia. (MARCUSCHI, 2008, p.161).

Sendo assim, a variedade da produção discursiva em gênero tem como correlato a própria organização e estruturação da sociedade. Nesse sentido, o gênero crônica, foco de nosso interesse, constitui-se resultado das relações entre sujeitos e sociedade. Desse modo, a escola deve contemplar o ensino dos gêneros como forma de fortalecer cada vez mais essa relação. E, em especial, o ensino do gênero crônica, sobre o qual passaremos a tratar.

Salientamos que ao trabalhar com o referido gênero não podemos esquecer que os gêneros do discurso ou gêneros discursivos estão intrinsecamente ligados à esfera de comunicação do qual fazem parte e refletem as condições específicas e as finalidades dessas esferas através de três aspectos básicos: conteúdo, composição e funcionalidade. Esta escolha é inspirada nos estudos de Bakhtin (2003), que optou por condensar na palavra funcionalidade aquilo que diz respeito ao estilo.

A expressão conteúdo temático refere-se aos temas das diferentes atividades humanas, ou seja, o assunto de que vai tratar o enunciado em questão. Trata-se de um domínio de sentido.

A estrutura composicional corresponde ao modo de estruturar o texto. Cada gênero apresenta uma determinada estrutura. Assim, uma carta possui indicação do local e da data em que essa foi escrita, a saudação e o nome da pessoa para quem se escreve, o texto propriamente dito, a despedida e o nome de quem escreve. Uma receita apresenta o título, ingredientes e modo de fazer.

O estilo de linguagem corresponde à seleção dos recursos linguísticos (vocabulário, estrutura sintática, escolha lexical, etc.) que serão empregados em função da esfera em que o gênero circulará. Assim, o vocabulário poderá ser mais formal o menos formal, poderá apresentar termos técnicos de determinada área de conhecimento, por exemplo. A estrutura sintática, por sua vez, poderá privilegiar uma sintaxe mais simples ou com estrutura mais complexa, exemplificada por períodos mais longos. As classes de palavras, como conjunções, verbos, nomes (adjetivos e substantivos) também estão inseridas no estilo de linguagem. Até mesmo questões relacionadas à paragrafação e à pontuação estão relacionadas ao estilo de linguagem para que um gênero atenda às finalidades comunicativas a que se propõe.

1.5 A crônica e a formação de leitores

Na prática, todos os falantes de uma língua aprendem, juntamente com a aquisição das regras gramaticais dessa língua, a se expressar por meio de diferentes gêneros textuais antes mesmo de aprendê-los na escola. Cabe à mesma aproveitar esse conhecimento intuitivo,

sistematizá-lo e tornar consciente o uso dos diferentes gêneros textuais/discursivos, com os quais convivemos nos diversos níveis das nossas práticas sociais.

Diante do exposto, destacamos a importância do gênero crônica para ser trabalhado com os alunos tendo em vista que os mesmos terão facilidade em interagir com esse tipo de gênero que quase sempre é curto, através do qual o cronista volta seu olhar atento para notícias veiculadas em jornais falados e escritos e para fatos do dia a dia, registrando-os com sensibilidade e poesia, ora criando humor, ora provocando uma reflexão crítica acerca da realidade. Caracteriza-se como um texto híbrido pelo fato de não seguir um padrão determinado entre o lugar do literário e do jornalístico. Requer uma linguagem mais simples. Apresenta função social que é a de refletir acerca dos fatos cotidianos.

Através do gênero crônica, o leitor pode conhecer particularidades de várias culturas, manifestações de um povo, de uma época, numa miscigenação entre o jornalístico e o literário, além da abordagem de temas mais próximos do cotidiano dos leitores, especialmente daqueles que não têm a leitura como uma prática no seu dia-a-dia. Nossa hipótese, nessa pesquisa é a de que a interação do aluno/leitor com o gênero crônica lhe permitirá perceber que ele (sujeito ativo) também será capaz de observar de forma detalhada com mais sensibilidade o cotidiano em que está inserido, como também estará trabalhando com um gênero que aparece em todos os níveis de proficiência exigidos pela Prova Brasil.

Uma vez tendo justificado a escolha do gênero crônica para ser trabalhado em nossa pesquisa, é importante ressaltar que o abordamos através da sequência didática, inspirando-nos em Dolz, Noverraz e Chneuwly (2004). Vejamos no tópico seguinte como esses autores apresentam essa prática.

1.6 A sequência didática: novo horizonte para o aprimoramento da escrita

A sequência didática adequa-se a nossa proposta de ensino de leitura e produção dos gêneros que considera o caráter sociodiscursivo da linguagem. Definida por Dolz, Noverraz e Chneuwly (2004 p.82), como "um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito", é uma estratégia válida tanto para a produção oral como escrita de diferentes gêneros do discurso.

Acreditamos que um trabalho dessa natureza possibilitará aos alunos mais facilidade em desenvolver, na prática, a habilidade de escrever adequadamente. Nesse sentido, torna-se necessária a apropriação das técnicas e de instrumentos essenciais para o desenvolvimento da escrita através de exercícios e atividades variados e a partir do contexto social e cultural, no

qual o discente está inserido. Em relação a um trabalho dessa natureza Dolz, Noverraz e Schneuwlt (2004) afirmam que

> criar contexto de produção precisos, efetuar atividades ou exercícios múltiplos e variados: é isso que permitirá aos alunos apropriarem-se das noções, das técnicas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita, em situações de comunicação diversas. (DOLZ, NOVERRAZ & SCHNEUWLY, 2004, p. 82).

Nessa perspectiva, através da sequência didática, torna-se possível auxiliar o aluno a dominar adequadamente um determinado gênero textual, dando-lhe a oportunidade de, no nosso caso, escrever de forma adequada numa determinada situação comunicativa.

As atividades desenvolvidas em nossa pesquisa seguem uma sequência didática dividida em quatro momentos. O primeiro momento, denominado "Apresentação da situação", prepara os alunos para a produção inicial, definida por Dolz, Noverraz e Chneuwly (2004), como uma primeira tentativa de produção dos gêneros que será, posteriormente, trabalhado nos módulos. Na ocasião, são dadas indicações que estimulam a atividade do aluno para que ele saiba identificar o gênero que será trabalhado; qual o objetivo do gênero; o uso no cotidiano e como estes trabalhos são realizados e apresentados. Também tratamos dos conteúdos dos textos que serão produzidos, e da importância desses conteúdos, com os quais os alunos irão trabalhar.

No segundo momento, temos a Primeira produção, que representa a concretização das informações debatidas na apresentação das situações. Aqui temos como objetivo permitir que os alunos descubram o que já são capazes de fazer e tenham a consciência de quais são as dificuldades encontradas ao elaborar o gênero. Segundo Shneuwly e Dolz (2004), esse ponto da sequência começa a definir o que é preciso ser trabalhado, com a finalidade de desenvolver a capacidade de linguagem dos alunos e, assim, deixá-los aptos para a produção final.

Após a apresentação da situação e da prática da primeira produção, iniciamos o trabalho com os módulos, nos quais as inadequações que apareceram na primeira produção são trabalhadas com a finalidade de criar condições para que os alunos possam superar as dificuldades observadas na produção inicial. Nos módulos, a variação das atividades é importante, pois propicia aos alunos a possibilidade de terem acesso, por diferentes meios, às noções e aos instrumentos necessários para se produzir um gênero.

O conjunto dessas ações se volta para o desenvolvimento de um trabalho colaborativo com os alunos, de modo que os mesmos consigam progredir nas atividades desenvolvidas, sejam elas de leitura, escrita ou reflexão linguística, sempre em torno de um gênero textual.

Concluído o trabalho com os módulos, chegamos à produção final. Momento em que a sequência é finalizada com uma produção final, que dá ao aluno a possibilidade de pôr em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos. Essa produção permite ao professor realizar uma avaliação formativa e também somativa do desempenho do aluno. Assim, o professor analisa os processos do aluno durante a realização das tarefas e elabora critérios objetivos para a avaliação da produção final, atribuindo uma nota ou um conceito à mesma. Nesse procedimento, ainda segundo os autores, essa avaliação é uma questão de comunicação e de trocas, que orienta os professores para atitudes responsáveis, humanistas e profissionais.

Feitas essas considerações acerca dos aspectos teóricos relativos à sequência didática, passamos às questões práticas da metodologia de nosso trabalho.

2. METODOLOGIA

2.1 Natureza e tipo da pesquisa

Nesta pesquisa, o ambiente de investigação escolhido foi a sala de aula e o processo de ensino - aprendizagem de leitura e escrita numa abordagem sociointeracionista como objeto de análise. Tendo em vista esta abordagem, a pesquisa caracteriza-se como sendo de base etnográfica.

A pesquisa etnográfica baseia-se na observação e levantamento de hipóteses, onde o etnólogo (pesquisador) procura descrever o que, na sua visão, ou seja, na sua interpretação, está ocorrendo no contexto pesquisado. Assim uma das características da Etnografia é a presença física do pesquisador e a observação *in loco*.

Essa opção metodológica amplia o universo de investigação e interpretação de dados, permitindo perceber as múltiplas faces do processo do ensino-aprendizagem vivenciado.

Para Bortoni-Ricardo (2008, p.49),

> O objetivo da pesquisa etnográfica em sala de aula (...) é o desvelamento do que está dentro da "caixa preta", na rotina dos ambientes escolares, identificando processos que, por serem rotineiros, tornam-se "invisíveis" para os autores que dela participam. (Grifos da autora)

Portanto, as contribuições da pesquisa ação estão concentradas na ampliação do conhecimento do pesquisador assim como dos discentes analisados na intenção de que os saberes sejam gerados a partir da somo da experiência real às contribuições teóricas na área, gerando um processo dialético de comunicação mútua entre conhecimentos.

2.2 Cenário da investigação e seus sujeitos

O estudo foi realizado com discentes inseridos em diversos contextos sociais, sejam advindos de famílias de agricultores residentes na zona rural do município, filhos de feirantes e outros profissionais que residem próximo à escola, bem como àqueles pertencentes a famílias carentes que moram em bairros na periferia da cidade de Guarabira - PB. Essas Informações foram colhidas junto à secretaria da escola através das fichas de matrículas dos alunos. Trata-se de uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental, do turno matutino,

composta por 30 alunos, dos quais apenas 26 iniciaram o processo de intervenção, tendo em vista o fato de 4 alunos terem pedido transferência, pois passaram a residir em outro município.

Inicialmente, foi realizada visita *in loco* para observarmos como ocorre o processo de leitura e de escrita dos alunos. A partir do diagnóstico, através de conversas com a turma e realização de questionário por escrito, além de uma produção textual, o que nos ajudou a identificação do problema ficou evidente que a maioria dos alunos apresenta grandes dificuldades em leitura e em escrita. Uma vez identificado o problema, foram realizados estudos sistematizados sobre leitura e escrita, assim como também do gênero crônica; em seguida, ocorreu a elaboração do capítulo teórico e da atividade de intervenção a ser aplicada.

2.3 Processo de intervenção

A intervenção ocorreu através de uma sequência didática, inspirada aos modos de Dolz e Schneuwly (2004). Porém, antes de seu início, aplicamos, em sala de aula, um questionário com os alunos sobre leitura e produção escrita, o qual teve como objetivo conhecer melhor os alunos para só depois elaborar as estratégias consideradas necessárias para o desenvolvimento da intervenção. O questionário foi o seguinte:

Quadro 6 – Questionário diagnóstico aplicado

Aluno (a): _____ Turma: 9º ano Data: ____/____/____

Questionário relacionado ao conhecimento prévio dos alunos sobre a leitura e a produção textual do gênero crônica

1. Você tem o hábito de ler? Sim ( ) Não ( )
2. Você gosta de escrever textos nas aulas de Língua Portuguesa? Sim ( ) Não ( )
3. Que tipo de assunto você gosta de ler?

( ) Ação ( ) Romance ( ) Poesia

( ) Textos que falam do cotidiano ( ) Ficção

4. Você já leu textos do gênero crônica?
   Sim ( ) Não ( )
5. Se sua resposta foi sim, o que lhe chama mais a atenção nesse gênero?
   _____
   _____
6. Na sala de aula, no decorrer dos seus estudos, os professores incentivaram você a ler e a escrever?
   Sim ( ) Não ( )
7. Você tem o costume de reescrever o próprio texto?
   Sim ( ) Não ( )
8. Em relação aos textos escritos pelos alunos, o que caracteriza um bom texto?

( ) Ter boa escrita (caligrafia, ortografia e concordância)

( ) Apresentar enredo com muitas ações

( ) Prender a atenção do leitor

O questionário é composto por 7 (sete) perguntas objetivas e 1(uma) subjetiva com a finalidade de conhecer melhor os alunos. Essa atividade foi aplicada para 23 alunos que estavam presentes na sala de aula, no dia 19 de julho de 2016. Eles foram interpelados sobre as leituras das quais gostam; sobre a prática de leitura e de escrita com as quais lidam no ambiente escolar e fora dele. Perguntamos sobre os temas e livros os quais têm curiosidade em ler e sobre o conhecimento prévio acerca do gênero crônica.

Os resultados obtidos nas respostas aos questionários podem ser observados através dos gráficos abaixo.

Neste gráfico destacamos o índice relacionado ao hábito de leitura dos alunos.

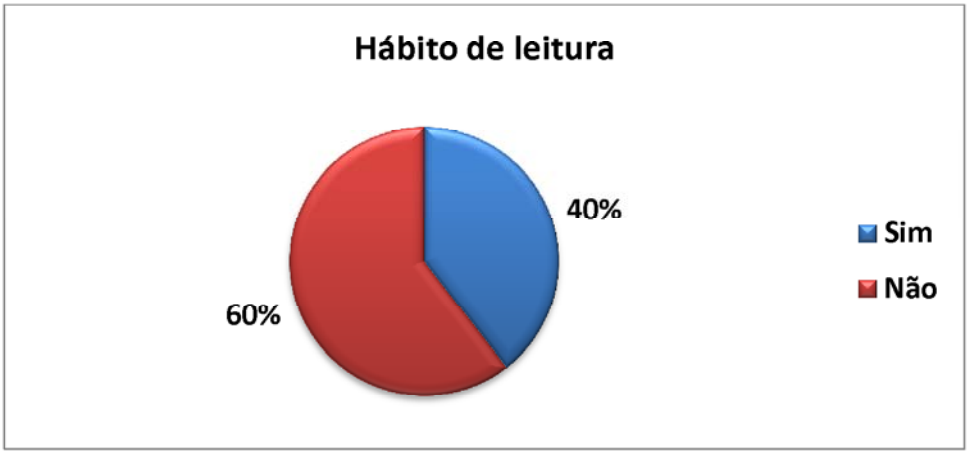


Gráfico 2 – Percentagens de alunos que têm o hábito de leitura

Na questão 1, quando perguntamos se eles tinham o hábito de ler, dos 23 alunos que participaram da atividade 40% informaram que sim e 60% disseram que não liam habitualmente.

Ao analisarmos este gráfico, em relação à leitura, observamos que apesar dos alunos estarem inseridos em um mundo de práticas letradas, demonstram ter dificuldades em reconhecê-las fora do ambiente escolar. Isso se dá talvez porque a escola tenha primado apenas pelo trabalho com a Língua Portuguesa de forma descontextualizada.

A seguir, expomos o índice associado ao hábito dos alunos em produzir textos.

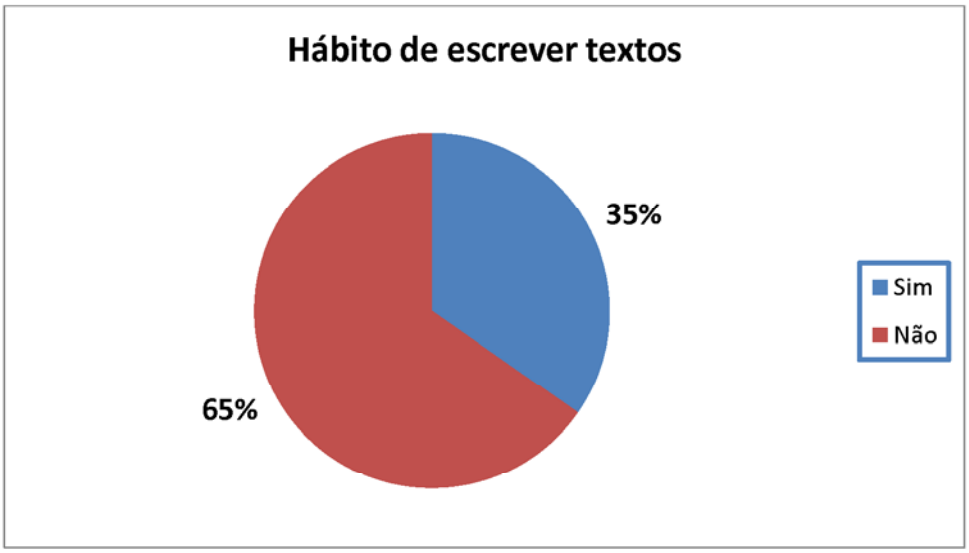


Gráfico 3 – Percentagem de alunos que gostam de escrever textos nas aulas de Língua Portuguesa

Na segunda pergunta, quando questionamos se eles gostam de escrever textos nas aulas de produção textual, 35% afirmaram que sim e 65% disseram que não possuem o hábito de escrever texto. Com esses dados, podemos inferir que essa atividade não tem sido trabalhada de forma a motivar os alunos a gostar de escrever. Talvez a prática não seja trabalhada de forma que os alunos saibam que a escrita perpassa a vida deles. Isso talvez ocorra porque a produção textual é vista como atividade a parte nas aulas de Língua Portuguesa e não faz parte do cotidiano do aluno.

No próximo gráfico expomos os dados percentuais em relação às leituras preferidas pelos alunos.

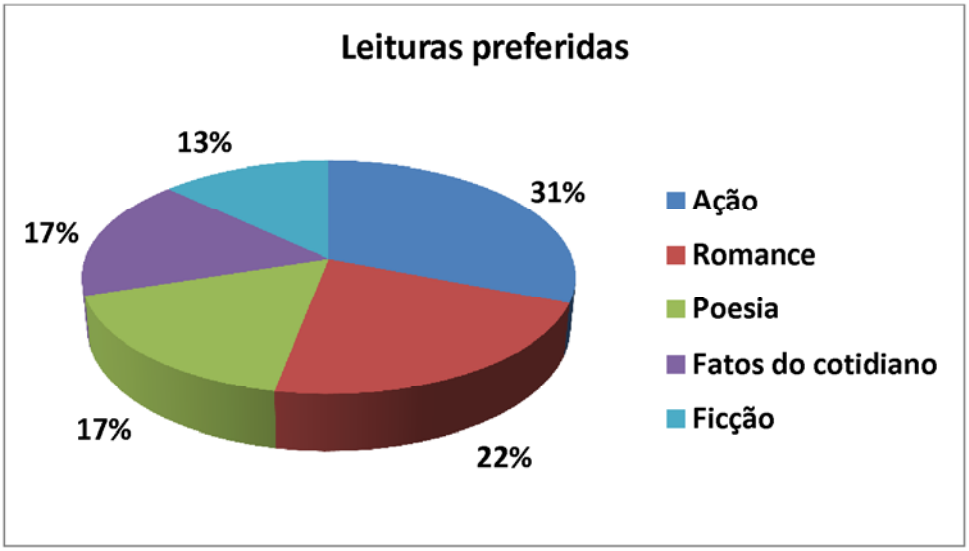


Gráfico 4 – Percentagem dos principais assuntos preferidos pelos alunos na leitura

A terceira questão foi sobre os assuntos que mais chamaram a atenção deles para a leitura. 31% informaram que gostam de ler histórias que tenham ações, 22% disseram que preferem histórias românticas, 17% preferem poesia, 17% gostam de ler histórias sobre o cotidiano e 13% declararam que têm preferência por textos de ficção.

Na análise desse gráfico observamos certa contradição em relação ao gráfico 1 (um), no qual constatamos que a maioria dos alunos afirma que não gosta de ler. Aqui demonstraram ler textos variados. Comparando os dois gráficos (1 e 3), podemos verificar também que para o aluno o processo de leitura só ocorre quando é planejado e orientado pelo professor, ou seja, o ato de ler somente pode estar presente na sala de aula.

Em relação à questão de número quatro, o gráfico revela a relação dos alunos com o gênero crônica.

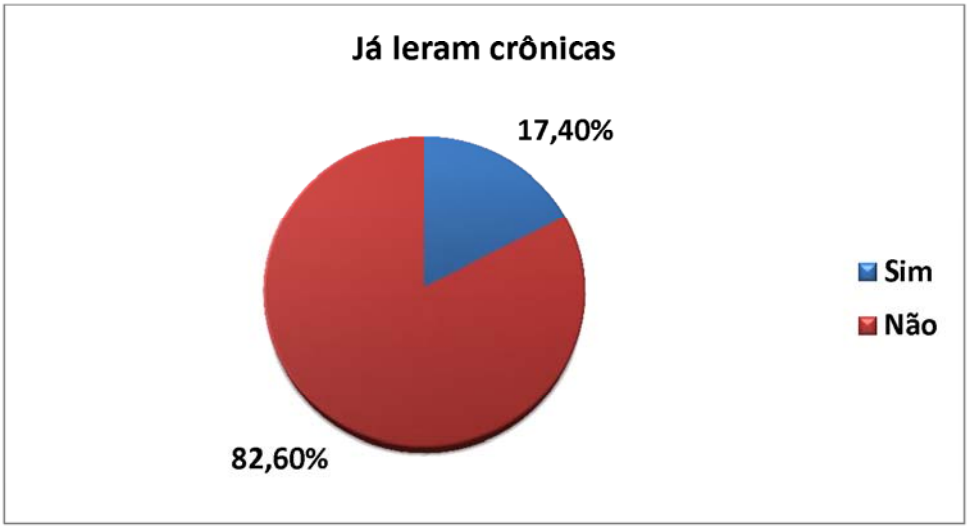


Gráfico 5 – Percentagem dos alunos que leem crônica

Na quarta questão, perguntamos se os alunos já tinham lido textos do gênero crônica. Constatamos que 17,40% informaram que sim e 82,60% deixaram claro que nunca leram um texto relacionado ao gênero em estudo.

O gráfico revela que apenas a minoria dos alunos teve acesso, de maneira consciente ao gênero crônica. Isso nos mostra que o trabalho com gêneros, de modo especial o gênero crônica, deve ser incentivado nas aulas de Língua Portuguesa com o objetivo de desenvolver nos alunos o gosto e o hábito de ler e escrever adequadamente.

No gráfico seguinte, as informações estão relacionadas ao percentual dos 17,40% que informaram, anteriormente, ter lido crônicas.

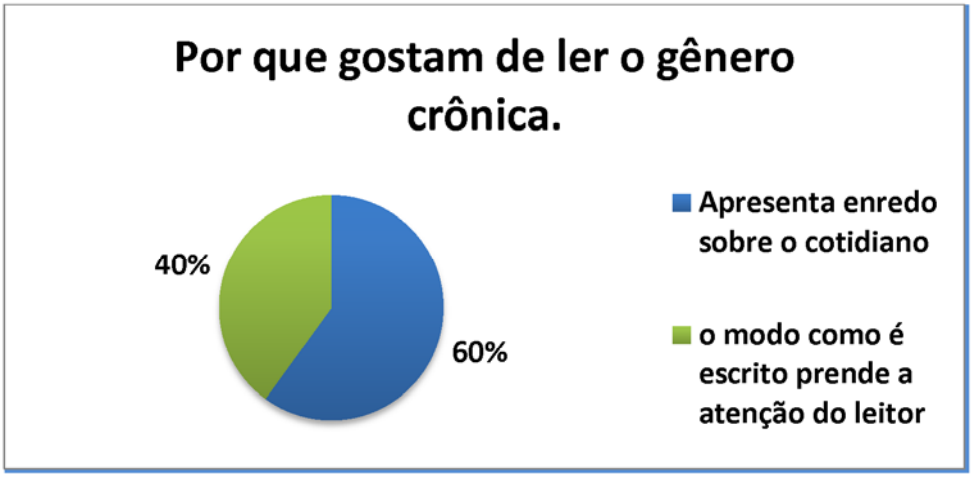


Gráfico 6 – Percentagem sobre a justificativa do gosto pela leitura do gênero crônica

Na quinta questão, constatamos que dos 82,60% dos alunos que informaram na questão quatro que liam textos referentes ao gênero crônica, 60% responderam que o fato do enredo estar relacionado a histórias do cotidiano das pessoas é o que mais chama a atenção e 40% afirmaram que o gênero crônica prende a atenção dos leitores pelo modo como é escrito.

Essas informações nos conduzem à seguinte análise: muitas vezes a temática do gênero em estudo aproxima-se das expectativas e dos anseios dos alunos. Pois os mesmos preferem ler textos curtos, de fácil entendimento e que falem sobre o cotidiano.

Em relação ao incentivo à leitura, o gráfico a seguir nos revela algo interessante.

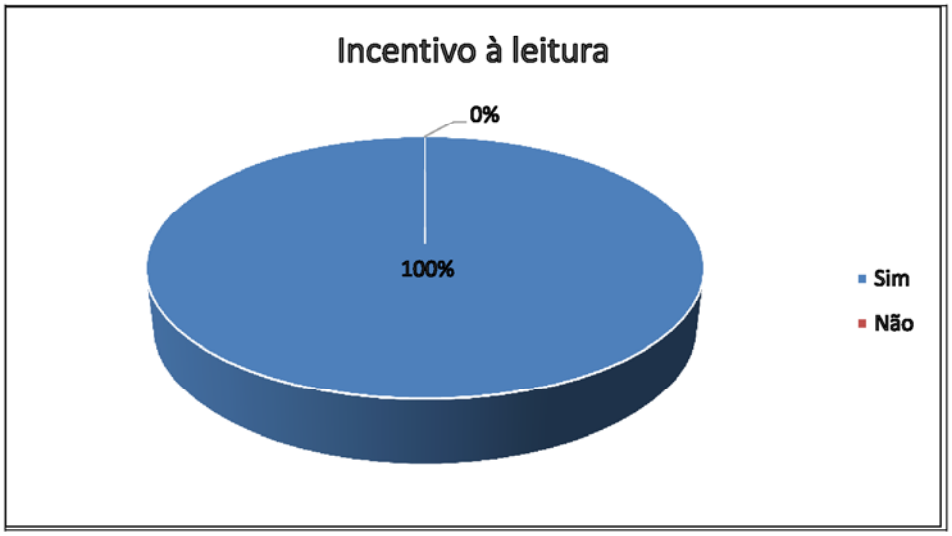


Gráfico 7 – Percentagem de alunos que foram incentivados pela escola, durante o Ensino Fundamental, à prática da leitura.

Na sexta pergunta, questionamos se os alunos foram incentivados à prática da leitura na sala de aula. Nesta questão foram unânimes, 100% afirmaram que sim, que sempre os professores de língua portuguesa falaram sobre a importância da leitura e que eles deveriam ler bastante para poderem escrever.

O que nos chama a atenção neste gráfico é justamente o fato dos alunos afirmarem que são incentivados à prática da leitura. Porém, por que não leem? Então, de acordo com o que foi constatado, o problema não está na falta de incentivo e sim na forma como ocorre esse incentivo à prática da leitura ao longo dos anos de estudo. Diante do exposto, realmente é

preciso repensar a nossa maneira de ensinar a prática da leitura nas aulas de Língua Portuguesa.

O gráfico seguinte expõe os índices relacionados à prática da reescrita das produções textuais realizadas pelos alunos.

Gráfico 8 – Percentagem de alunos que exercem a prática da reescrita do texto

Na sétima pergunta, questionados sobre a prática da reescrita do texto com o intuito de aperfeiçoá-lo, 17,4% responderam positivamente e 82,6% informaram que o ato de produzir texto é muito complicado e que não veem a hora de terminar a escrita e entregá-la ao professor.

Aqui, constatamos que de fato é necessário repensar a nossa prática pedagógica das aulas de Língua Portuguesa. Não se concebe mais atividade de produção textual como um exercício que deve ser feito apenas para registro, sem dar a devida importância ao ato de pensar, de analisar e de interagir com o cotidiano, no qual o aluno está inserido. O texto deve ser lido, relido e reescrito várias vezes e esse exercício da reescrita só será praticado quando houver incentivo direto do professor.

Por último, trazemos no gráfico seguinte os dados associados à perspectiva dos alunos pesquisados a respeito das características de um "bom" texto.

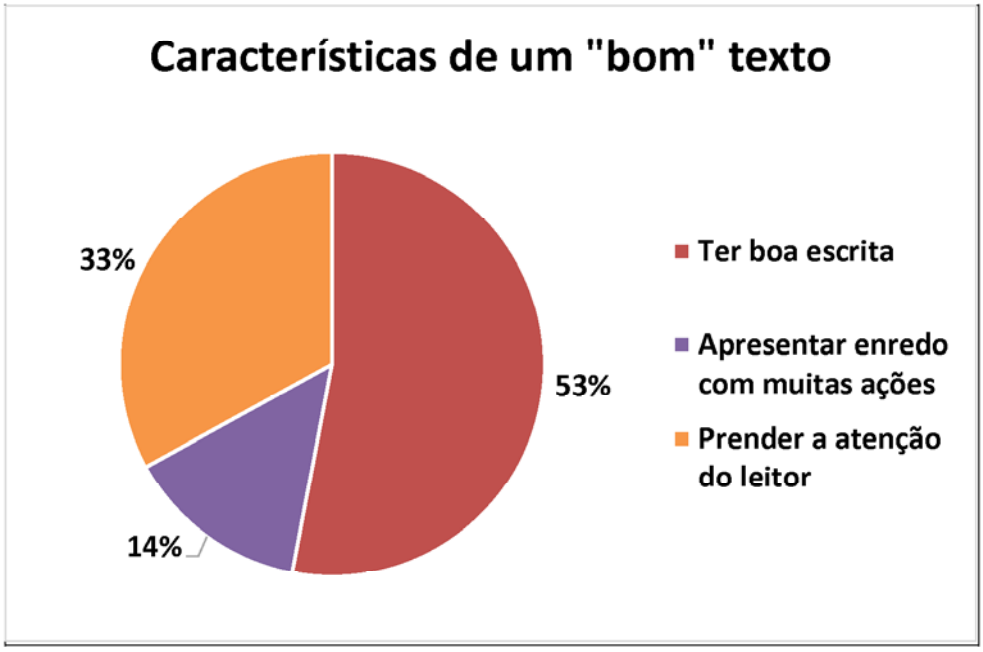


Gráfico 9 – Percentagem de alunos em relação ao questionamento sobre o que caracteriza um bom texto para eles

Ao final, perguntamos o que para eles caracterizava um bom texto. 53% informaram que um bom texto tinha que ter uma boa escrita (caligrafia, ortografia e concordância), 14% afirmaram que tem que apresentar enredo com muitas ações e 33% disseram que o texto deve prender a atenção do leitor.

Após analisarmos e avaliarmos, cuidadosamente, as respostas dos alunos ao questionário proposto, no tocante aos aspectos de aprendizagem da escrita, constatamos a necessidade de se trabalhar com uma nova metodologia, pois

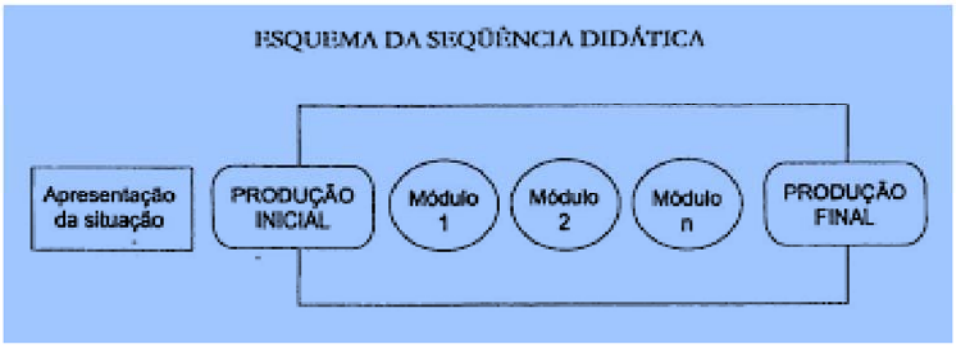
> falta toda a escola se convencer de que, apenas "ouvindo", os alunos não conseguem desenvolver a competência para lidar com a leitura e com a escrita de textos. Ou seja, *aprender a ler e a escrever, somente lendo e escrevendo.* Só através de um *amplo convívio com textos escritos*. Com *práticas letradas* cada vez mais diversificadas e complexas frequentemente aliadas, no presente, a outros modos gráficos e icônicos de significar. (ANTUNES, 2009, p.199).

É importante que o aluno sinta-se motivado a desenvolver o gosto e o hábito de ler e escrever adequadamente. Destacamos que o ser humano se sente motivado por aquilo que conhece, apreende e é capaz de identificar a funcionalidade daquela aprendizagem para o seu dia a dia. Sendo assim, de acordo com o que foi constatado com a aplicação do questionário, confirmamos a necessidade de desenvolver uma intervenção através do trabalho com gênero textual/discursivo crônica na tentativa de amenizar os problemas identificados.

Para isso, trabalhamos com a **sequência didática** como eixo de ensino da escrita, na qual, as metas a serem atingidas são: formar alunos cidadãos críticos, sujeitos agentes capazes de ver, analisar, compreender e interagir com o mundo nos contextos social, histórico, político e cultural através da leitura e da escrita. E com base nesse pressuposto, destacamos a importância de se trabalhar com o gênero crônica, na sala de aula, com os alunos do 9º ano.

Como já foi comentado, desenvolvemos a intervenção a partir da proposta do quadro **componentes da sequência didática** de acordo com o esquema abaixo, fazendo algumas adequações à realidade dos alunos:

Quadro 7 – Componentes da sequência didática



(DOLZ, NOVERRAZ & SCHNEUWLY 2004, p. 83)

Inicialmente, realizamos a **apresentação** da situação. Expomos aos alunos o trabalho que seria realizado, o motivo de se trabalhar com o gênero crônica, baseado no fato de o mesmo tratar do cotidiano (utilizando-nos de uma linguagem coloquial de fácil entendimento) e proporcionamos reflexões sobre o comportamento humano em relação ao meio no qual os sujeitos estão inseridos. Explicamos que, ao desenvolver atividade com esse gênero, temos o objetivo de facilitar a aprendizagem da escrita e da leitura de forma prática nas aulas de língua portuguesa. Informamos que, ao término das atividades desenvolvidas, algumas crônicas produzidas serão apresentadas a outros alunos da escola. Essa apresentação será realizada pelos próprios alunos/escritores e posteriormente os textos selecionados serão encadernados e distribuídos com os alunos do 9º ano A, como forma de valorização das produções realizadas. Acreditamos que esses textos não devem ser guardados e sim lidos também pela comunidade na qual cada aluno está inserido, já que alguns desses textos falam do cotidiano deles.

O momento da apresentação é, de acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), o momento em que a turma constrói uma representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a ser executada, é a hora de o professor motivar os alunos a

desenvolverem o gosto pela leitura e pela escrita, ocasião de fornecer aos alunos todas as informações necessárias para que conheçam o trabalho que será realizado e a aprendizagem de linguagem a que está relacionado.

Dando continuidade à intervenção, iniciamos a etapa da **primeira produção**. Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.86), "a produção inicial pode ser simplificada, ou somente dirigida à turma, ou, ainda, a um destinatário fictício". Para realizá-la, distribuímos com todos os alunos presentes uma crônica de Fernando Sabino, intitulada "A última crônica", abaixo transcrita.

Quadro 8 – Texto: A última crônica de Fernando Sabino

A Última Crônica

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer um flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num incidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: "assim eu quereria o meu último poema". Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim, um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acentuar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno da mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para

algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado, o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho — um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.

A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de coca-cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno da mesa um pequeno ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a coca-cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: “parabéns pra você, parabéns pra você...”

Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura — ajeita-lhe a fitinha no cabelo, limpa o farelo de bolo que lhe cai no colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. De súbito, dá comigo a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido — vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

> Assim eu quereria a minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

(Fernando Sabino. In: Para gostar de ler. São Paulo: Ática, 2003)

Após a distribuição das cópias do texto de Fernando Sabino, pedimos aos alunos que lessem a crônica individual e silenciosamente; em seguida que escutassem atentamente a leitura realizada em voz alta. Após a leitura, propomos um debate. Norteamos o debate dando ênfase a alguns pontos do assunto do texto, com o objetivo de gerar discussões sobre o preconceito e a dignidade humana, sobre a felicidade que perpassa todas as camadas sociais e que é indiferente às condições de poder aquisitivo. Os alunos demostraram-se motivados a falar sobre o texto. Muitos se identificaram com a cena dos parabéns e relataram que não comemoram o aniversário em família devido a variados fatores e outros comemoram de maneira simples, mas em harmonia com os seus familiares. Disseram que mesmo diante das dificuldades financeiras, quando se tem uma família, na qual existe o amor e o respeito, todos os obstáculos são superados. Destacaram também que mesmo vivendo em um país, onde "dizem" que não existe racismo, a realidade do cotidiano comprova que existe sim discriminação em relação à cor das pessoas, à classe social e que alguns dos alunos revelaram que já foram vítimas dessa discriminação. Diante de tudo que foi debatido, uma fala nos chamou mais atenção: *"Nós temos que ter força de vontade para derrubar barreiras e continuar lutando pela felicidade"*. A partir dessa fala, podemos compreender que para o aluno(a) há uma crença de que a felicidade não depende unicamente do contexto financeiro, mas da mancira como vivcmos cm família c com os nossos amigos.

Terminado o debate sobre o tema proposto pelo texto, pedimos aos alunos que escrevessem uma crônica a partir do texto de Fernando Sabino. Explicamos que eles podiam parafrasear o texto analisado. Para a produção desses textos, lembramos que nada foi explicado ainda sobre a **composição**, o **conteúdo** e a **funcionalidade** do gênero crônica para que pudéssemos perceber se de fato o que pontuaram no questionário (17,40% já tinham lido textos do gênero crônica e 82,60% nunca leram um texto relacionado a esse gênero) estava em consonância com a prática.

Em seguida, de posse desses textos, passamos a analisar o nível de conhecimento dos alunos em relação ao **conteúdo**, à **composição** e à **funcionalidade** do gênero proposto - elementos que caracterizam o gênero - até a produção final. Para a nossa análise, dentre os

textos produzidos, destacamos uma amostra de textos de três alunos. Essa escolha obedeceu ao seguinte critério: a participação dos alunos em todas as etapas da intervenção, a realização dos exercícios e a concretização das cinco produções textuais propostas na metodologia aqui aplicada e trabalhada. Os referidos textos são transcritos abaixo e seus autores são identificados por numeração, ou seja, os nomes foram substituídos por números.

Quadro 9

Texto I / Aluno 1

O amor supera a dificuldade

A caminho de casa, entro num botequim para tomar um café junto ao balcão. na realidade estou odiando o momento de escrever.

Ao fundo do botequim um casal de negros acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deve-se acrescentar pela presença de uma bela negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumada no vestido pobre, que se instalou também á mesa. mal balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. três pessoa que compõem em torno á mesa a instituição tradicional a família. veja, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Posso observá-los. o pai, depois de contar o dinheiro que discretamente ritirou do bolso, abordou o garçom inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa como-se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados. a intimidade encaminha a ordem de freguês, o homem atrás do balcão apanha a porção de bolo com a mão, larga-o no pratinho, como não si estiveci A mínima vontade de servilos sem higiene, um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.

A negrinha contida na sua expectativa olha a garrafa de coca-cola e o

pratinho que o garçom deixou á sua frente, porque não começou a comer? vejo que o pai, mãe e filha, obedecem em torno á mesa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa o esposo se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda atenta como um beija-flor. ninguém mais observa além de mim.

São três velinhas brancas, pequenas, que a mãe espeta caprichosamente, delicadamente na fatia do bolo. E quando ele serve a coca-cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. como a um gesto ensaiado, a menina repousa o queijo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas muito comsentrados cantando discretos "parabéns pra você, parabéns pra você..." depois a mãe recolhe as velas torna a guarda-los no bolso. a negrinha agarra finalmente a fatia com as duas mãos e põe-se a comê-la. A mãe está olhando para ela com ternura – ageita-lhe a fitinha na cabeça crespo, limpa o farelo de bolo que cai ao colo o pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como se convencer intimamente do sucesso da celebração dá comigo de súbito, a observalo, nossos olhos se encontram, ele se preturba, constrangido vacila, ameaça baixar a cabeça mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso de alegria com deus nas suas vidas.

(O Amor de Deus move o mundo)

Nada que a união o amor da família supera mesmo com dificuldade.
não abaixa a cabeça.
não deiche ninguém pisar em você
você e capaz va a luta com respeito, humildade.
Ser capaz, você e capas, nos somos capaz tenha fé, não dezista. um dia após o outro.

Texto I / Aluno 2

A felicidade que poucos tem com o pouco

A caminho de casa, paro na frente de uma lanchonete, e decido entrar, peço um suco e uma coxinha pra acompanhar. Após algumas mordidas na coxinha

reparo em uma família que se destaca das outras, pois vejo que são todos negros de roupas simples, e por isso fico a observalos pensando "o que eles vão fazer". O homem que acredito ser o pai conta o dinheiro discretamente que retirou do bolso, e aborda o garçom apontando-o para o balcão cheio de guloseimas, mas reparo que ele está apontando especificamente para uma fatia de bolo, de aparencia deliciosa. A mulher que acredito ser a mãe fica olhando, e acho que talvez ela estivesse pensanto, "será que o dinheiro e suficiente". O garçom se afasta para atende-lo. um outro homem pega a fatia de bolo e leva para a mesa deles. A menininha que acredito ser a filha olha a garrafinha de coca-cola e o pratinho que o garçom deixou na mesa, eu penso "porque não comer logo a fatia que estava na sua frente?" mas logo reparo que a mãe pega três velinhas simples que estavão em sua bolsa, e as espetão na pequena fatia. O pai pega uma caixa de fósforo e acende as velinhas, a garotinha fica com queixo sobre a mesa e asopra todas as velinhas apagando-as.

Imediatamente todos os três começão bater palmas, e cantar baixinho "parabéns pra você, parabéns pra você". Depois a mãe pega as velinhas e guarda-as no bolso. A menininha agarra com uma enorme vontade a fatia de bolo e come-a, e depois bebe a coca-cola. Os pais a observam com ternura e felicidade sabendo que a celebração foi um sucesso. Ao sair o pai olha para mim invergonhado, mas mesmo assim abre um sorriso e vai embora.

Texto I / Aluno 3

A Felicidade não tem preço

Fernando Sabino estava procurando um fato simples do cotidiano para concluir sua ultima crônica, em seu caminho entrou em um bar e sentou-se.

Logo após dele ter chegado, chegou uma família em que se centaram na última mesa do bar. Ele começou a passa a o observar.

Todos os três estavam com roupas simples e constrangidos o pai contou o dinheiro que estava no bolso discretamente e logo após chamou o garçon e pediu uma pequena fatia de bolo triangular.

O garçon foi lá no balcão e pegou com as mãos a pequena fatia de bolo e levou até a mesa do casal e sua filho.

Fernando Sabino estava ali percebendo um discreto ritual de comemoração de aniversario, e acertou a mãe começou a mexer na bolsa e retirou três pequenas velinhas brancas e o pai tira um caixa de fósforo e espera.

Logo após a mãe espeta as pequenas velinhas na fatia de bolo e o pai a risca o fósforo e acende as pequenas velinhas depois a filha encosta o queixo na marmore a asoprou as velinhas.

Discretamente o casal começa a bater palmas leve e cantar feliz aniversario bem baixinho depois da simples comemoração a mãe recolhe as velinha e finalmente a filha pode comer a pequena fatia de bolo.

O casal por sua filha está muito feliz eles também estavam. Por conhecidência o olhar do pai se encontra com o de Fernando Sabino e o pai fica constrangido quase que baixa a cabeça mais acaba sustentando e abre um belo sorriso.

E Fernando Sabino assim concluiu sua ulima crônica pura e feliz como o sorriso daquele pai.

2.4 O que essas primeiras produções revelam

Em relação ao **conteúdo**, constatamos que a maioria dos textos analisados revelam que os alunos não conseguiram se distanciar da temática da crônica de Fernando Sabino (A última crônica). Os alunos repetiram a cena apoiando-se no texto do autor. Ainda quanto ao conteúdo, no texto do aluno 1 (TI/A1) há, no final, uma alteração na qual identificamos uma marca da autoria do aluno quando ele traz para o texto o contexto religioso, destacando a figura de Deus como sinônimo de felicidade. Essa inserção é um traço de diálogo do aluno com o texto. Revela a interação autor/texto/leitor.

Do ponto de vista da **composição**, os dados apresentados confirmam as respostas dadas pelos discentes ao questionário em relação à falta de experiência deles com o gênero crônica. Os alunos demonstram não avançar na construção do próprio texto.

Já no tocante à **funcionalidade** os textos analisados conduzem o leitor a uma reflexão sobre a inversão de valores. O TER é muitas vezes mais valorizado do que o SER. Em outras palavras, a pessoa humana é avaliada pelo seu poder aquisitivo e não pelo seu caráter, dignidade. Aparece também, uma reflexão sobre a questão do preconceito racial. De acordo com os textos tanto o preconceito social quanto o racial afastam as pessoas.

Em TI/A2 e em TI/A3, identificamos a mudança do título. Essa mudança revela reflexão realizada pelo aluno a partir da observação de que, mesmo com pouco, algumas pessoas podem ser felizes e que a felicidade não tem preço.

Essas observações nos revelam que mesmo com dificuldades em produzir textos do gênero crônica, o que não é de se estranhar, já que os alunos não tinham de fato conhecimento sobre o gênero em estudo, eles conseguiram escrever textos com uma funcionalidade próxima daquela que é da crônica: propiciar a reflexão. Foram capazes de conduzir o leitor a uma análise sobre o comportamento humano diante do inesperado.

A partir da escritura da primeira produção, aplicamos três módulos com o objetivo de trabalhar alguns problemas que apareceram na primeira produção: a falta de conhecimento da estrutura do gênero crônica; falta de autoria na maioria dos textos, pois os alunos em alguns momentos reproduziram fielmente o texto "A última crônica" . Buscamos meios de dar aos alunos os instrumentos necessários para superar essas dificuldades e outras que serão observadas no decorrer da intervenção. Cada módulo teve a duração de duas aulas.

Na aplicação do **primeiro módulo**, apresentamos ao aluno o gênero crônica, as características relativas ao conteúdo, à composição e à funcionalidade desse gênero através de aula expositiva. Nessa aula, foram apontados os caminhos para a elaboração de uma crônica. Na ocasião, a própria crônica de Fernando Sabino serviu de norte porque nesse texto, o autor aponta os passos a serem seguidos para a elaboração: "*Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer um flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num incidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial*".

Posteriormente, cada aluno recebeu essas informações através de uma aula expositiva e também por escrito.

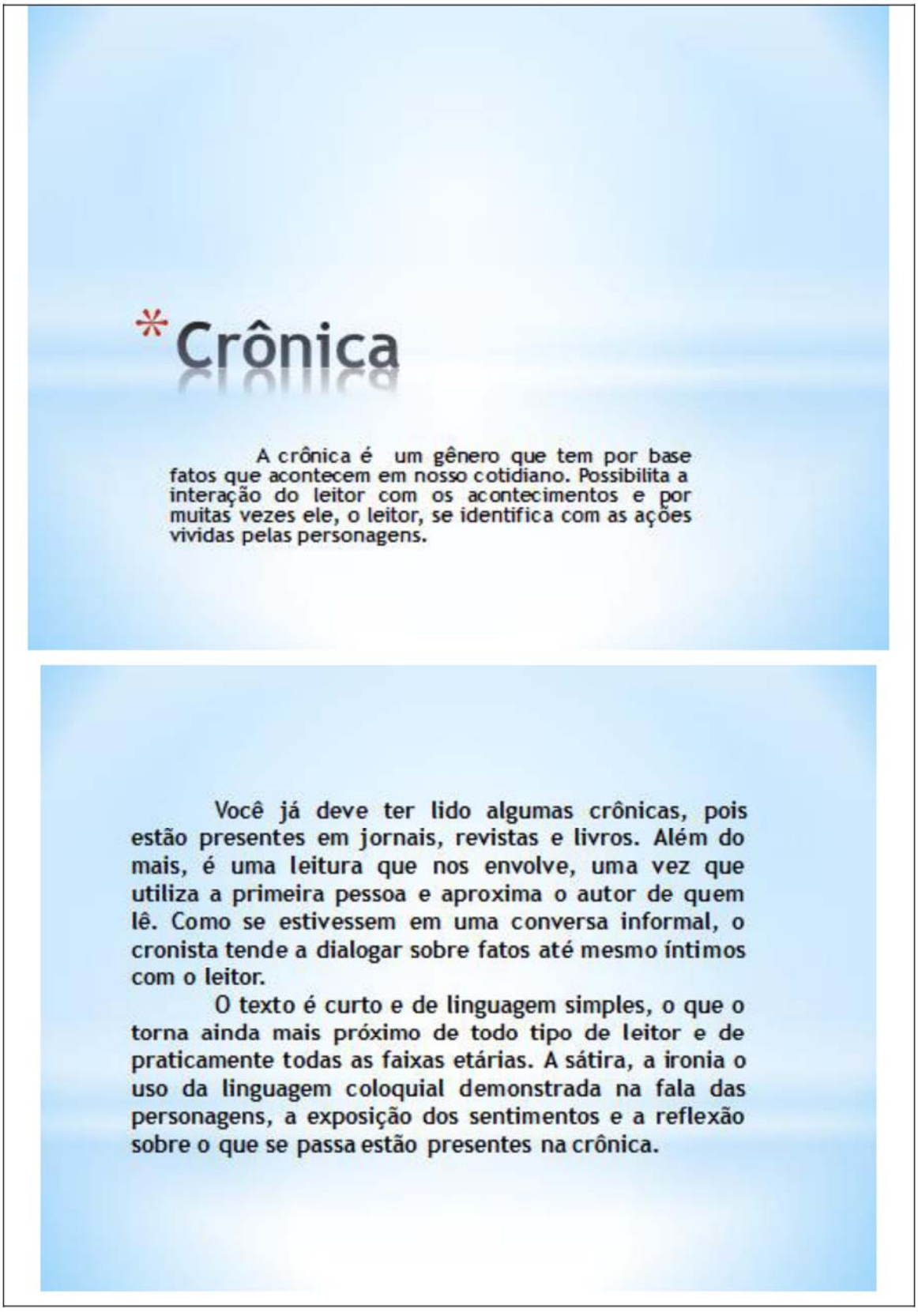
Durante a aula, desenvolveu-se também um debate mediante a explanação sobre a composição e a funcionalidade da crônica.

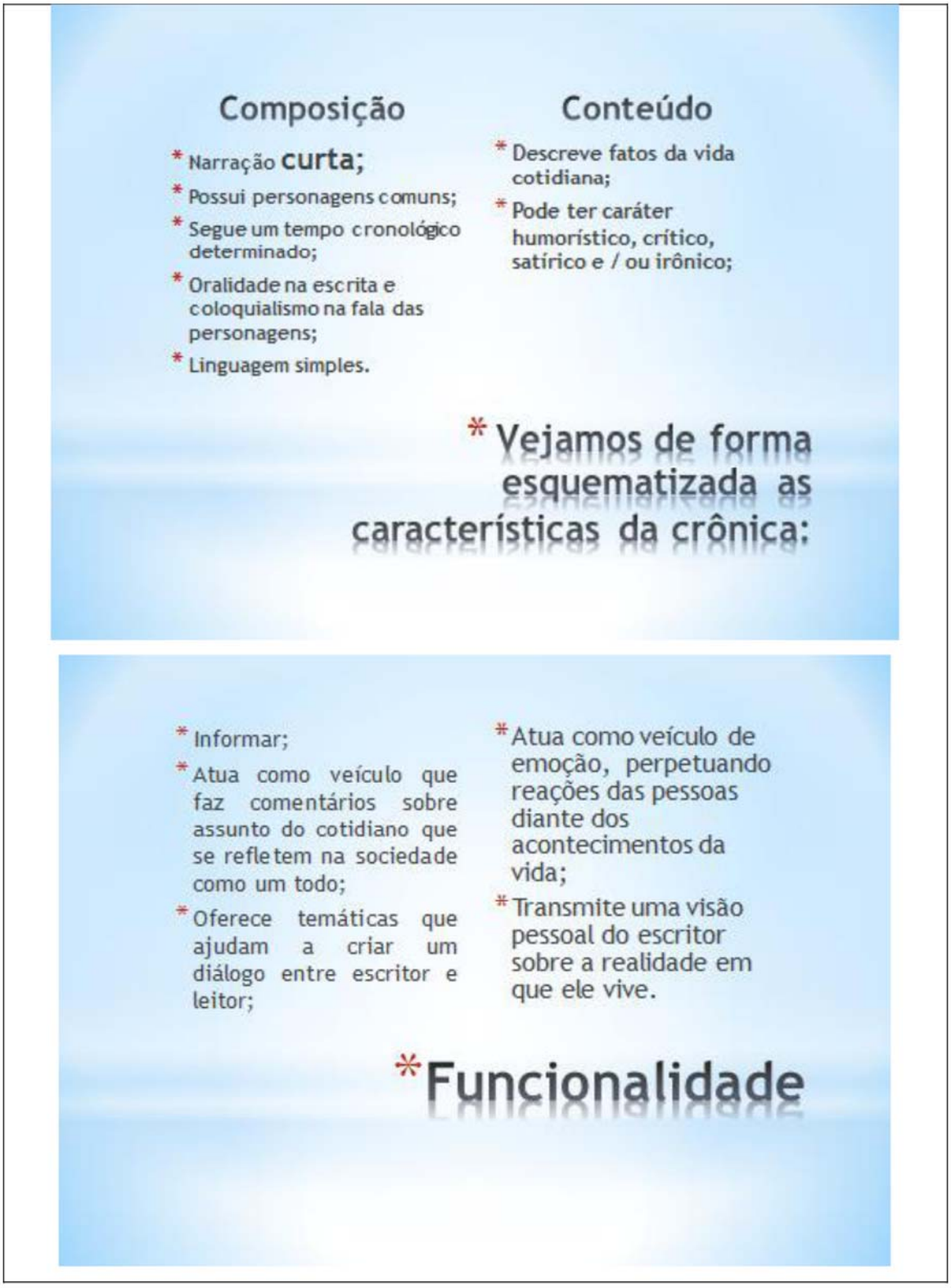
Iniciamos a aula questionando a turma sobre o conhecimento dos alunos em relação ao gênero em estudo. A partir das informações iniciais expostas por eles, começamos a acrescentar outras dando início a uma aula compartilhada. Os poucos que gostavam de ler e que já tinha lido crônicas foram os que mais participaram. Em seguida, foi exposto em *slides* o conceito e algumas características do gênero crônica. Explicamos mais detalhadamente o assunto, inclusive destacamos que o conceito está exposto no texto "A última crônica" de Fernando Sabino, o qual consegue na introdução da crônica utilizar-se de metalinguagem para explicar como buscar inspiração para escrever esse gênero. Em seguida, entregamos a cada aluno uma cópia do material exposto nos *slides* e pedimos que colassem nos seus cadernos, pois iriamos usá-los posteriormente como suporte para revisar o assunto.

Podemos afirmar que a aula contou com a participação da maioria da turma e que os discentes mostraram interesse em abraçar esse desafio de tentar ler, compreender e produzir textos com características do gênero crônica.

O quadro e a imagem seguintes tratam do material que foi exposto em *slides* e que foi entregue aos alunos como suporte para aprimorar os estudos sobre produção textual.

Quadro 10 – Slide apresentado à turma



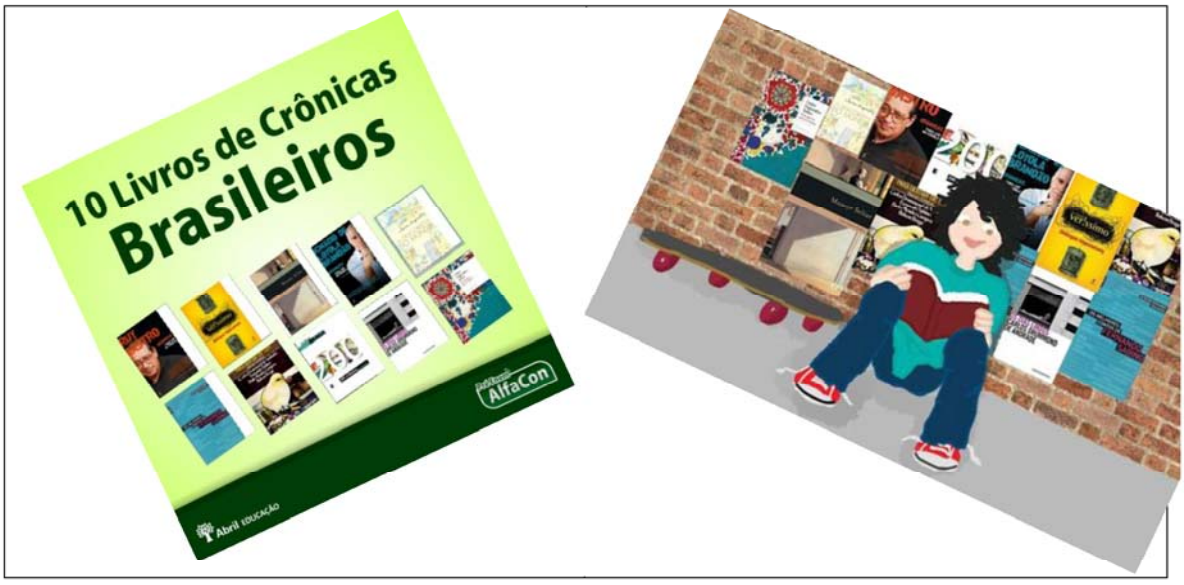

Composição
* Narração curta;
* Possui personagens comuns;
* Segue um tempo cronológico determinado;
* Oralidade na escrita e coloquialismo na fala das personagens;
* Linguagem simples.
Conteúdo
* Descreve fatos da vida cotidiana;
* Pode ter caráter humorístico, crítico, satírico e / ou irônico;
* Vejamos de forma esquematizada as características da crônica:
* Informar;
* Atua como veículo que faz comentários sobre assunto do cotidiano que se refletem na sociedade como um todo;
* Oferece temáticas que ajudam a criar um diálogo entre escritor e leitor;
* Atua como veículo de emoção, perpetuando reações das pessoas diante dos acontecimentos da vida;
* Transmite uma visão pessoal do escritor sobre a realidade em que ele vive.
*Funcionalidade

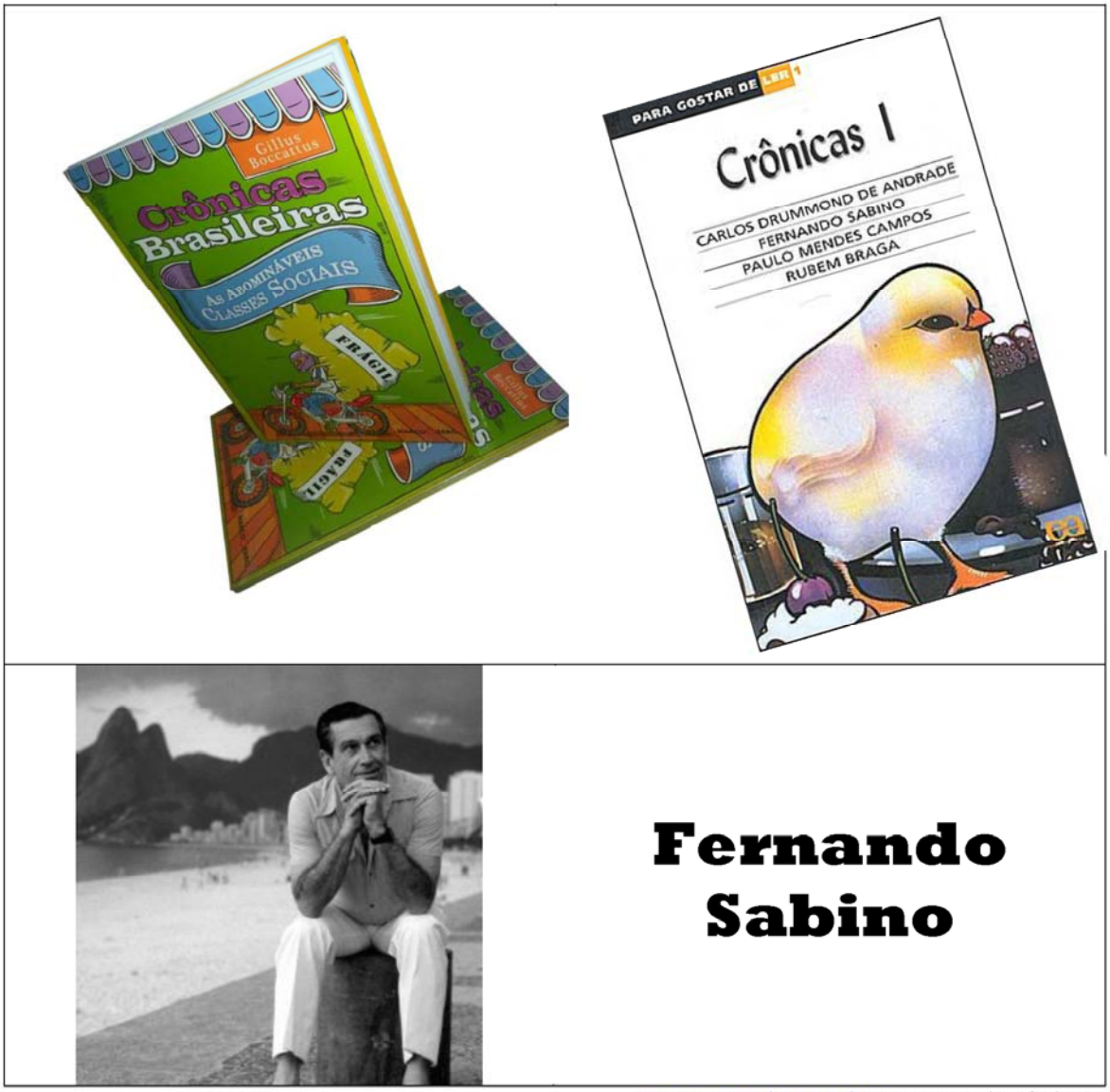
Portanto, se você não gosta ou sente dificuldades de ler, a crônica é uma dica interessante, pois possui todos os requisitos necessários para tornar a leitura um hábito agradável!

Alguns cronistas (veteranos e mais recentes) são: Fernando Sabino, Rubem Braga, Luis Fernando Veríssimo, Carlos Heitor Cony, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Ernesto Baggio, Lygia Fagundes Telles, Machado de Assis, Moaxyr Scliar, Pedro Bial, Arnaldo Jabor, dentre outros.

Sabrina Vilarindo. Equipe Brasil Escola
http://professoreslinguaportuguesa.blogspot.com.br/2013/06/caso-de-secretaria-carlos-drummond-de.htm

Figura 1





www.google.com.br Imagens de cônicas

2.5 Primeiro módulo: prática em observar o cotidiano

Após a leitura e a apresentação do gênero crônica, assim como de suas características, solicitamos como atividade para casa que a turma exercitasse a prática de passar a observar em detalhes a vida, as pessoas e os acontecimentos do cotidiano. O objetivo era que a partir dessas observações fossem capazes de escolher um dos fatos para servir como tema da produção textual, começando o exercício de elaborar o gênero crônica. Salientamos que o fato escolhido como tema, teria que ser algo do cotidiano deles. Fatos que acontecem, mas que passam desapercebidos. Então foi dado um período de 24 horas para que observassem isso.

Inicialmente, uma parte dos alunos se recusou, alegando que seria muito complicado fazer esse tipo de observação e ainda mais escrever sobre ela. Explicamos que fazia parte do exercício e que estávamos ali para ajudá-los no processo de aprendizagem da construção de um texto do gênero crônica. Nossa hipótese nessa proposta foi a de que a interação do aluno/leitor com o gênero crônica lhe permitiria perceber que ele (sujeito ativo) também seria capaz de observar de forma detalhada, com mais sensibilidade, o cotidiano em que estava inserido. Era a hora de valorizar os alunos para que se sentisse motivado a desenvolver o trabalho.

A maioria da turma realizou a atividade de produção textual. Antes que entregasse para que fossem analisados, incentivamos os alunos a lerem seus próprios textos em voz alta para a turma a fim de que pudessem ouvir a própria voz autoral. A escrita e a oralização constituíram uma experiência gratificante que despertou nos sujeitos da pesquisa a vontade de conhecer mais sobre o assunto. Sentiram-se valorizados por estarem compartilhando com os colegas aquele texto que foi elaborado baseado em algo do seu cotidiano. E o melhor foi constatar que os colegas ficaram curiosos e atentos para ouvir cada história.

Vamos observar a segunda produção textual.

Quadro 11

Texto II \ Aluno 1

A Realidade na nação

Respeito serra que é dimais? discriminação, preconceito, Bullying, rasa cor. Somos vingativos, quera ser como uma criança.

Vamos pensa? querer mais e mais respeito de menos a pior? ou respeito em primeiro luga. estou começando uma bela crônica. (é o que acho)

Os jovens de hoje e as deslizada da vida.

Ao lado de nóis uma sena frequente. em uma praça há coreria das pessoas e veículos em um inesperado momento estava caminhando atento olhos bem abertos, paro. vou atravesa a rua em uma faxa de pedestre os carros e veículos pasava e pasava rapidamente eu há espera tento uma vés a passa dou a mão e nada volto para meu luga em pé esperando em estantes atravesso

rapidamente como só atento olho para o lado um grupo de jovens fazendo baderna xutando lixeiras há palavrões e rindo como se fosse normal fumando, não sei o que. as pessoas envolta obiservava bem discretos, um deles não esta em si mesmo olhos vermelhos, um deles rindo a toa, foram em bora em minutos o desastre focor. lixo pelo chão e a população ao comentar que futuro terá esses jovens de hoje. uma senhora fala com migo você ai jovem nunca faça isso eu sei pela sua cara você e um bom garoto. obrigado senhora já mais ireir faze essa atitude. muito bem jovem sempre seja Educado. Tchau senhora obrigado pelo conselho. Va com paz e Deus nós seus caminhos joven. e foi em bora pra onde estava indo há Farmácia.

Texto II / Aluno 2

Um dia

Como todos os dias eu acordei de manhã ainda com sono e foi escovar os dentes, tomei banho, troquei de roupa, fui comer e depois escovei os dentes de novo, depois eu sai de casa e fui para casa do meu vizinho esperar o ônibus, e conversar um pouquinho. Ápos uns minutos chegou o ônibus, entramos e sem perceber chegamos a escola, ao entrar na sala de aula eu deixei minha bolsa e sai para ver se os professores tinhão chegado, depois fui para sala. Logo ao fim das aulas, eu achei que as horas tinhão passado rápido.

Eu e meus amigos fomos para rodoviária, esperar o ônibus, eu joguei no celular um tempo para passar mais rápido as horas, e porque não tinha o que fazer, quando menos esperava aparecerão alguns policiais, eu fiquei assustado, pois se eles estavão lá é porque tinha alguma coisa seria acontecendo. Ápos algum tempo vinherão vários policiais para revistar um ônibus, e mandarão agente sair da cadeira. Um tempo depois os policiais entrarão em um ônibus e mandarão que todas as pessoas saicem, todas as pessoas forão revistadas uma por uma, e cada vez mais apareciam pessoas com curiosidade de saber o que estava acontecendo. Ápos algumas pessoas serem revistadas minha amiga falou que os policiais tinhão pegado uma pessoa, e depois pegarão outra, eu pensei

que essas pessoas erão muito perigosas, pois quando vi tinha muitas viaturas espalhadas pela rodoviária. Quando as viaturas forão embora levando os presos, tudo voltou ao normal, e todas as pessoas que estavão olhando com curiosidade forão embora.

Texto II/ Aluno 3

Riqueza

Qual a verdadeira riqueza desse mundo? No dicionário é sinônimo de abundancia, ostentação e luxo. Mas acredito que esteja longe disso. Recentemente tive dois exemplos claros de que a riqueza de fato está contida em outra fontc. Vi um programa quc mostrou a história dc um scnhor heptagenário que possui três empregos humildes, acorda as 4:00 para começar a rica jornada de trabalho, adorado por todos habitantes da pacata cidadezinha. Quer saber se e infeliz e seu sorriso espontâneo a todo momento reponde essa pergunta. Quer outro exemplo? Há alguns dias fui hospedado na casa de um grande amigo. Casa simples que acompanha uma simples e linda. A todo momento sou questionado si eu estou sem do bem tratado. A todo momento recebo pedidos de desculpas por qualquer falha na hospedagem. Para minha supresa encontro uma mesa farta sempre e quando digo farta não significa nenhuma ostentação. Encontro também uma mãe autônoma que cria seus filhos com muita intuição e amor. Intuição que é expressa no coração bondoso de seus filhos ajudado por um padrasto carinhoso e dedicado. Sou uma pessoa rica? Sou a medida que aprendo com o senhor heptagenario e choro com a sua história de superação. Sou a medida que extraio dessa família todas as qualidades que preciso para ter uma família verdadeiramente rica de sentimentos e preceitos da vida. Quero viver dessa fonte de forma inesgotável.

2.6 Análises das produções textuais do primeiro módulo

Nessas produções textuais do primeiro modulo, nosso objetivo principal foi verificar se os alunos conseguiram identificar e destacar uma cena do cotidiano, a partir da qual escreveriam a crônica. Também buscamos identificar características composicionais do gênero crônica nas produções textuais.

Observando o T II/ A1, constatamos o esforço realizado pelo aluno para escrever sobre o cotidiano de forma objetiva, simples e com sensibilidade. É importante salientar o novo olhar que ele lança sobre os acontecimentos, capaz de captar com sensibilidade os momentos a serem tratados.

Quanto aos elementos que compõem o gênero crônica destacamos em relação à **composição** que escreveu uma narrativa curta, com linguagem simples, seguindo tempo cronológico *"...em um inesperado momento estava atento"* e *"e foi embora pra onde estava inda há Farmácia"* com personagens comuns *"...grupo de jovens... uma senhora..."* . Em relação ao **conteúdo**, destacamos a narração de fatos do cotidiano como podemos observar em *"... uma praça há correria das pessoas e veículos ... faixa de pedestre os carros e veículos pasava e pasava rapidamente..."*. Quanto à **funcionalidade**, o aluno consegue fazer comentários sobre assunto do cotidiano que se reflete na sociedade como um todo causando emoção e perpetuando reações das pessoas diante do fato ocorrido *"... há grupos de jovens fazendo baderna xutando lixeiras há palavrões e rindo como de fosse normal fumando, não sei o que as pessoas envolta obiservava bem discretos, um deles não esta em si mesmo olhos vermelhos, um deles rindo atoa, foram em bora em minutos o desastre focor. lixo a toa pelo chão e a população ao comentar que futuro terá esses jovens de hoje"*.

No entanto, mistura vários assuntos e não consegue fazer a reflexão de apenas um momento. Parece que quer preparar o leitor para a crônica que será produzida. Inclusive, na parte introdutória, o discente proclama uma avaliação do próprio texto *"estou começando uma bela crônica. (é o que acho)"*. Ele também introduz trechos de diálogo: *"uma senhora fala com migo você ai jovem nunca faça isso eu sei pela sua cara você e um bom garoto. obrigado senhora já mais ireir faze essa atitude. muito bem jovem sempre seja Educado. Tchau senhora obrigado pelo conselho. Va com paz e Deus nós seus caminhos joven"*.

No T II / A 2, é possível que o aluno tenha feito a descrição do próprio dia, pois o fato descrito por ele, aconteceu de verdade. O que foi relatado foi de conhecimento de toda a comunidade. Porém, essas informações não nos autorizam a afirmar que ele tenha vivido tal

experiência. Em relação à **composição** verificamos no texto alguns elemento: narração curta; tempo cronológico *"eu acordei de manhã ainda" "ápos uns minutos chegou o ônibus" "Logo ao fim das aulas" "Um tempo depois" "Quando as viaturas forão embora ... todas as pessoas que estavão olhando com curiosidade forão embora"* e personagens comuns *"meu vizinho" "alguns policiais" "minha amigo"*. Em termos de **conteúdo**, o aluno narra sobre um fato do cotidiano *"Ápos uns minutos chegou o ônibus, entramos e sem perceber chegamos a escola"*. E em se falando de **funcionalidade** , o aluno tenta de maneira discreta transmitir uma visão pessoal sobre a realidade na qual vive *"Quando as viaturas forão embora levando os presos, tudo voltou ao normal, e todas as pessoas que estavão olhando com curiosidade forão embora"*. Apenas no final da produção é que ele parece deter-se no fato sobre o qual faria a reflexão, apesar de não ter conseguido dar sequência lógica ao relato reflexivo desse fato. Em suma, também não conseguiu restringir o momento ou o acontecimento do cotidiano. Constatamos que há forte tendência do aluno a continuar produzindo textos relativos à tipologia que ele conhece, principalmente, a narração e a descrição. Assim, torna-se necessário intensificar a abordagem sobre o gênero.

Analisando o T II / A 3, constatamos que o aluno pode ter tido a intenção de falar sobre o sentido da felicidade no seu cotidiano. Todavia, ele plagiou na íntegra um outro texto que está na internet pelo fato desta parte da atividade ter sido realizada em casa. Sobre esse acontecimento queremos registrar que não foi adequado, constatamos que as atividades de produção textual devem, de fato, serem realizadas em sala de aula. Esse é um dado muito sério, revelador de um procedimento, infelizmente, comum entre os estudantes, que muitas vezes, por falta de conhecimento acomodam-se a simplesmente copiar textos da internet em suas pesquisas ao invés de buscar ler e compreender textos relacionados ao assunto pesquisado. Esse é um tema que merece aprofundamento de reflexão, mas não é o foco de nossa pesquisa.

Quanto ao objetivo principal analisado nesse módulo, com exceção do T II / A3, os demais tiveram a intenção de relatar o cotidiano, trouxeram em seus textos algumas características do gênero proposto, todavia não conseguiram deter-se unicamente em uma cena. Com isso, enfatizamos que a produção de gêneros textuais/discursivos ainda é um desafio.

Dando sequência ao nosso trabalho de intervenção, seguiu-se a aplicação do II Módulo, com a realização do trabalho com leitura e interpretação.

2.7 Segundo módulo: prática em leitura e em interpretação textual

A partir das dificuldades evidenciadas no primeiro módulo, propomos aos sujeitos da pesquisa que lessem e debatessem, em duplas, uma crônica de Carlos Drummond de Andrade intitulada "Caso de secretária". A leitura foi realizada em duplas para que os discentes, sujeitos ativos, dialogassem acerca do texto. O objetivo principal desse segundo módulo foi conduzir os alunos a identificar a importância de delimitarem os fatos quando fosse produzir o gênero crônica. Para isso, distribuímos com os alunos cópias do texto de Drummond e pedimos que realizassem a leitura e trocassem ideias a respeito do assunto da crônica, o fato do cotidiano que o autor desenvolve no texto, observassem os elementos textuais presentes na narrativa que a caracteriza como pertencente ao gênero em questão, como também fossem capazes de entenderem como o autor prende a atenção do leitor e revela no final, um elemento surpresa capaz de gerar novo sentido para o texto. Ao término das leituras, houve um debate sobre o assunto proposto. Foi elencada a sequência de acontecimentos que levaram ao desfecho com o elemento surpresa. Foram elencadas as hipóteses sobre que história eles imaginavam que seria contada a partir do título "Caso de secretária" e constatada que história de fato foi contada. Após o debate, os alunos foram convidados a responder um exercício interpretativo sobre o texto de Carlos Drummond de Andrade com o intuito de praticarem o conhecimento sobre o gênero em estudo.

Transcrevemos logo abaixo o texto de Carlos Drummond que foi lido pela turma e em seguida o exercício interpretativo, que os alunos receberam após a leitura do texto e que foi fonte de incentivo para um segundo debate no qual ocorreu a participação de todos os alunos, a partir do momento em que eles compartilharam oralmente as respostas do questionário.

Quadro 12

Caso de secretária
Foi trombudo para o escritório. Era dia de seu aniversário, e a esposa nem sequer o abraçara, não fizera a mínima alusão à data. As crianças também tinham se esquecido. Então era assim que a família o tratava? Ele que vivia para os seus, que se arrebentava de trabalhar, não merecer um beijo, uma palavra ao menos!
Mas no escritório, havia flores à sua espera, sobre a mesa. Havia o sorriso e o abraço da secretária, que poderia muito bem ter ignorado o aniversário,

entretanto, o lembrava. Era mais do que uma auxiliar, atenta, experimentada e eficiente, pé-de-boi da firma, como até então a considerara; era um coração amigo.

Passada a surpresa, sentiu-se ainda mais borocochô: o carinho da secretária não curava, abria mais a ferida. Pois então uma estranha se lembrava dele com tais requintes, e a mulher e os filhos, nada?

Baixou a cabeça, ficou rodando o lápis entre os dedos, sem gosto para viver. Durante o dia, a secretária redobrou de atenções. Parecia querer consolá-lo, como se medisse toda sua solidão moral, o seu abandono. Sorria, tinha palavras amáveis, e o ditado da correspondência foi entremeado de suaves brincadeiras da parte dela.

- O senhor vai comemorar em casa ou numa boate?

Engasgado, confessou-lhe que em parte nenhuma. Fazer anos é uma droga, ninguém gostava dele neste mundo, iria rodar por aí à noite, solitário, como o lobo da estepe.

Se o senhor quisesse, podíamos jantar juntos – insinuou ela, discretamente.

E não é que podia mesmo? Em vez de passar uma noite besta, ressentida – o pessoal lá de casa pouco tá ligando – seria horas amenas, em companhia de uma mulher que – reparava agora – era bem bonita.

Daí por diante o trabalho foi nervoso, nunca mais que se fechava o escritório. Teve vontade de mandar todos embora, para que todos comemorassem o seu aniversário, ele principalmente. Conteve-se, no prazer ansioso da espera.

Onde você prefere ir? – perguntou, ao saírem.

- Se não se importava, vamos primeiro em meu apartamento. Preciso trocar de roupa.

Ótimo, pensou ele; - faz-se a inspeção prévia do terreno, e, quem sabe?

Mas antes quero um drinque, para animar – ele retificou.

Foram ao drinque, ele recuperou não só a alegria de viver e fazer anos, como começou a fazê-los pelo avesso, remoçando. Saiu bem mais jovem do bar, e pegou-lhe do braço.

No apartamento, ela apontou-lhe o banheiro e disse que o usasse sem cerimônia. Dentro de quinze minutos ele poderia entrar no quarto, não precisava bater – e o sorriso dele, dizendo isto, era uma promessa de felicidade.

Ele nem percebeu ao certo se estava arrumando ou se desarrumando, de tal modo os quinze minutos se atropelaram querendo virar quinze segundos, no calor escaldante do banheiro e da situação. Liberto da roupa incômoda, abriu a porta do quarto. Lá dentro, sua mulher e seus filhinhos, em coro e a secretária, esperam-no cantando "Parabéns para você".

Carlos Drummond de Andrade. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1988.

Exercício aplicado em sala de aula após leitura e debate do texto de Carlos Drummond de Andrade.

Quadro 13

Exercício interpretativo

1 . Pelo contexto qual o sentido de:

Trombudo – _____

Borocochô – _____

Pé-de-boi – _____

3 . O homem estava trombudo e borocochô porque:

( ) Estava ficando mais velho.

( ) Odiava festa de aniversário.

( ) Sua esposa e seus filhos não lembraram do seu aniversário,

( ) Não gostava das flores que ganhou da secretária.

4 . Ao começar a leitura, que história o leitor imagina que será contada?

_____

5 . Que história de fato é contada?

_____

6 . Que elemento do enredo permite perceber a diferença entre o que

se diz na questão 4 e na 5, tornando interessante e envolvente a leitura do texto?

_____

7 . O título do texto sugere alguns sentidos. Quais?

_____

8 . Depois de ter lido o texto, por que você acha que a secretária lembrou-se do aniversário do chefe?

_____

9 . Com que intenção a secretária convidou o chefe para jantar? Como o chefe interpretou a ida ao apartamento dela?

_____

10 . Como você imagina a reação do homem ao ver a esposa e os filhos cantando "Parabéns a você"?

_____

Após responderem o exercício em duplas, propomos que os alunos sentassem formando um círculo. Explicamos a eles que observassem as características da forma geométrica círculo, a qual transmite a ideia de uniformidade onde todos encontram-se na mesmo posição, não existindo o primeiro, nem o segundo, nem o último. Com isso deixamos os alunos mais à vontade, demonstrando que todos são capazes e que ali, naquele momento, todos se encontravam no mesmo espaço de aprendizagem. Essa foi uma maneira utilizada para motivá-los a trabalhar a oralidade de forma expressiva.

Pedimos que um deles começasse a comentar a sua resposta. Fizemos isso sem impor, sem parecer que era uma obrigação. Dessa forma, constatamos que a grande maioria queria ler e expor suas próprias opiniões, o que gerou um clima de satisfação e pudemos atingir o nosso objetivo nesse módulo: enfatizar a produção do gênero crônica a partir de um fato específico do cotidiano.

Ao concluir as atividades do segundo módulo, acreditamos que os alunos já tinham apreendido as informações necessárias para escrever uma boa crônica. Então, demos continuidade a nossa intervenção e colocamos em prática o módulo seguinte, no qual os

alunos foram convidados a colocar no papel, através de produções textuais do gênero crônica, o que estudaram até o momento.

2.8 Terceiro módulo: o cotidiano retratado de maneira reflexiva

Ciente de que a sequência didática é construída mediante a realidade do aluno e do processo didático, propomos no **terceiro módulo**, uma atividade extra-classe. A escola já havia agendado anteriormente, uma visita ao Casarão da Cultura, prédio localizado no centro da cidade de Guarabira (PB), construído no século IX e que passou 60 anos fechado. Por conta desta representação histórica, foram preservadas algumas características da casa, incluindo fachadas e jardins. O local agora abriga quatro museus: Museu de Arte Naif, Museu de Arte popular, Museu da Imagem e do Som e o Memorial dedicado à família Cunha Rego, antiga proprietária do casarão. Seguem imagens da fachada atual do casarão e de um dos museus instalado no casarão.

Figura 2

Imagens da parte externa e interna do Casarão da Cultura

Visualizamos no contexto da visita ao casarão oportunidade para que os alunos praticassem o ato da observação. Pedimos que observassem tudo que aconteceria durante a visita e escrevessem anotações sobre o que viram e vivenciaram. Depois, pedimos que escolhessem uma cena, em específico, que chamasse a atenção deles para que, a partir desta escolha escrevessem, em casa, uma crônica sobre o assunto. Os alunos gostaram da ideia e sentiram-se empolgados em realizar a tarefa.

Os textos produzidos foram levados à escola e lidos em sala de aula. Nesta etapa do trabalho, percebemos o quanto eles estavam motivados a compartilhar com os colegas as narrações escritas.

Vejamos alguns textos produzidos pelos alunos após a visita ao casarão.

Quadro 14

Texto III / Aluno 1

A caminho do conhecimento

Então tudo aconteceu em uma segunda-feira a 9:30 da manhã eu e meos colegas, a professora de história e Geni formos de ônibus para o sasarão da cultura em Guarabira a caminho foi obisevando cada pessoas cada gesto. core-core, gente praça e prala unis trabalhando outros gastando dinheiro o movimento dos caros enfim chegamos decemos do ônibus paramos na frente do

casarão e lembramos como era antes todo feio manchado. sujo e agora bem bonito limpo, organizado. entramos vimos o jadim verde e colorido diramos fotos adepos entramos no casarão conhecemos o que e arte naif? Foi conceituada como arte de característica ingênua. Obiservamos quadros de pintura de artistas também buneco de bano de barro, agila a história de Guarabira mas o que mim chamou mais atenção foi a primeira maquina antiga de filmes em Guarabira como material refosado todu de ferro. Conhecemos a família di Cunha Rego enorme a hisória da Estação ferroviária o trem que tinha em Guarabira vimos uma parte que não foi reformada como o auditório entre outros locas, máquinas antigas como radio, panelas de ferro entrumentos musicais etc. foi legal conhecemos um pouco da historia de Guarabira e ao sai formos para casa com o pensamento bem longi imaginando como era Guarabira a 60 e 70 anos atrais.

Texto III / Aluno 2

O passeio para o conhecimento da cultura

O casarão da cultura foi reformado e renovado no dia 18 de junho. Ao fundo do casarão a um jardim colorido que transmitia harmonia, e felicidade, além de encontramos os pássaros que Amando fez, que combinarão com a paisagem do jardim. Quando entramos no casarão encontramos várias pinturas, e vimos em vários quadros uma arte chamada "arte naif", que é uma arte bastante colorida que expressa a cultura, diversidade e beleza em suas cores maravilhosas.

Depois de lermos alguns cartazes que explicarão algumas coisas, fomos olar as "artes", e eu vi um jaro que Amando fez e fiquei impressionado com a dificuldade de fazer uma flor, que tinha no jaro, e além do jaro, vi várias esculturas e artesanados com uma dificuldade extrema em se fazer mais o resultado é lindo e expressa o sentimento, ideia e imaginação dos artistas. Após algumas olhadas fomos para um andar abaixo, e vimos vários objetos que foram utilizados a um tempo atrás e mostrão uma certa dificuldade em se utilizar. Logo fomos ver uma foto com algumas pessoas da família Cunha Rego que pareciam

estar contentes naquela época. Depois fomos observar as fotografias de quarto onde têm algumas fotos das etapas da reforma. Um jovem falou que o objetivo é "expandir a cultura e valorizar o artista" isso mostra a importancia desse casarão que é muito importante.

Texto III / Aluno 3

Casarão da cultura

Guarabira ganhou mais um patrimônio para a população no dia 18 de junho de 2016 a prefeitura entregou o casarão da cultura o espaço que pertenceu a importante família de comerciantes, têm como patriaca José da Cunha Rêgo, localizado ao lado da Praça João Pessoa encontrava-se aban donado e sendo demolido aos pouco pelo tempo. Foi quando a atual gestão municipal o desaproprio, tambou e realizou sua recuperação, onde no local funciona o museu da imagem e do som a galeria de arte Naif, o museu de arte popular e o memorial dedicado a família cunha Rego.

O mais novo equipamento educo-cultural de Guarabira também homenageia um grande vulto da cultura, educação e comunicação local trata-se do saudoso professor José Barbosa da Silva. Irmão do também professor Vicente Barbosa atual diretor do memorial do cordel José camelo de Melo Resende. O Casarão é agora mais um ponto turisco a ser visitado em nossa cidade.

2.9 Análise das produções textuais I do terceiro módulo

Analisando os textos com a preocupação de identificar os pilares do gênero proposto: o **conteúdo**, a **composição** e a **funcionalidade** verificamos o quanto os alunos ainda precisam estudar e praticar a produção textual.

O T III/ A1 traz um relato do cotidiano, escrito em primeira pessoa. O aluno continua com dificuldades em eleger uma única cena da visita ao Casarão da Cultura como ponto de partida para suas discussões, que não são observadas no texto;

Já em T III/ A 2, o autor fez um registro sobre o que observou na visita, destacou a importância desse patrimônio para a cultura guarabirense. Ele não conseguiu deter-se em apenas um aspecto, o que ocasionou a dificuldade de conduzir o leitor a uma reflexão sobre um determinado assunto.

Ao analisarmos o T III/ A3, constatamos que o aluno focou apenas em relatar sobre a importância do Casarão da Cultura para o município. O autor apresenta-se de maneira impessoal e não escolheu um fato para servir de fonte para uma reflexão.

Está bastante clara a dificuldade que os alunos demonstram quando o assunto é escrever um texto do gênero crônica. Mesmo com explicações, eles continuam repetindo produções de textos focados apenas na tipologia narrativa ou descritiva. Eles não conseguiram por em prática a teoria estudada sobre o gênero. Essa dificuldade pode relacionar-se ao fato dos alunos, na maioria das vezes, no decorrer do Ensino Fundamental, não terem a oportunidade de trabalhar com variados gêneros, inclusive, o literário. Os alunos apresentaram dificuldade em deter-se em apenas um fato da visita ao casarão, talvez por ser tudo novo para eles ou pelo fato de eles terem apenas visualizado o cenário que pode parecer distante da realidade deles.

Destacamos que para um aluno de nono ano ainda é difícil ter a sensibilidade para direcionar adequadamente o olhar minucioso sobre um fato do cotidiano. Pois, para isso, dependemos de outros fatores que interferem no nosso processo de aprendizagem, como o conhecimento de mundo.

Diante das dificuldades apresentadas, não podíamos dar continuidade ao trabalho de intervenção sem tentar minimizar esses problemas identificados. Sabendo que a sequência didática, segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), se aplica ao ensino da escrita e prevê um fechamento de um encontro de produções que começa com um determinado texto e termina com ele, após sucessivos processos para aperfeiçoá-lo, tomamos a liberdade de fazer

adequações de acordo com a necessidade da turma e em função da concretização dos objetivos propostos até a produção final.

Com base nesse princípio, propomos à turma que escrevesse um segundo texto, uma crônica sobre uma Gincana Estudantil [2] da qual os alunos participaram e foram sujeitos ativos. Nosso objetivo foi analisar se de fato quando o aluno escreve sobre algo de que ele participou, teria mais facilidade de adequar o texto ao gênero sugerido.

Logo abaixo, transcrevemos as produções dos alunos sobre a gincana estudantil.

Quadro 15

Texto IV / Aluno 1

Dia 12 de agosto de 2016 foi rocha o colégio CEDHC deo o seo melhor e venceo em Gincana estudantil, competil com varias escolas do município entre 6º até 9º ano do ensino fundamental. Chegando no ginásio zenobão formos as primeiros a chega com a cor verde de esperança a cor que contagia somos do Dom hélder entramos cantando e saímos brilhando com muito esfoso e forsa de vontade demos o nosso melhor a torcida era grande o colegio foi quase todo os professores estavão muito contente dando ordi para faz barulho e parra eu estava ancioso e confiante quando foi a vez do nosso colegio fiquei muito animado pulei gritei a professora Elianete foi a que mais incentivou, explicoi que falava que a gente do Dom hélder não conseguia superamos vencemos demos a volta por cima somos educados respeitamos as escolas forão muito boasis derão o seu melho. cada escola Apresentou bem mas a nossa foi melho vesemos a prova supreza e inpatamos com 3 escolas e vencemos as outras ganho final das apresentação abraçei meos professores mim dispidie do meos colegas e foi em borra para Rodoviaria pega o ônibus e não esperei para sabe qual era o colegio vencedor. foi para casa cheguei as 7:0 horas da noite cansando, com a vos roca as pernas duidas mas gostei muito marco vou lembra da quele momento da minha infancia.

[2] Gincana Estudantil Cultural promovida pela Secretaria Municipal de Educação e comemoração ao dia dos estudantes.

Texto IV / Aluno 2

A 1ª gincana

No dia da gincana todos estavão ansiosos para começar, pois nos vimos que estava muito difícil a competição, que tinha 6 colégios e a maioria com a reputação melhor do que o nosso. Ao começar nos tivemos animação, alegria e muito barulho na torcida que a maioria de nós participol no desfile nos fizemos bonito, com uma torcida muito barulhenta e animadora. Após um tempo começarão as provas da gincana, que com força de vontade nos fizemos provas maravilhosas que nos garantirão uma boa pontuação, em todas as provas todos virão lindas coriocrafias, respostas que nos tínhamos ensaiado e estudado com muito esforço, para não fazer feio na hora. tinha uma prova que eu não sabia que iria participar, mas com meus amigos nos fizemos bonito, e conseguimos uma boa pontuação que nos garantio um lugar melhor no ranking. Ao chegar a minha prova com Renam, eu fiquei nervoso mas sabia que o que fizessimos estava bom, e foi isso que aconteceu apezar de não ganharmos, nos fizemos uma bela prova, além do mas "ninguém é perfeito". Passada algumas provas eu tive que ir embora e no outro dia soube que nos tínhamos ganhado em 1ºlugar, e fiquei feliz só que não fiquei muito surpreendido, pois já sabia da capacidade de todos.

Texto IV / Aluno 3

Gincana

A gincana 2016 foi no centro de Guarabira no Estadio de esportes Zenobão no dia 12/08/16. Foi uma grande festa e acontecimento entre as escolas municipais.

A gincana teve como objetivo a arrecadação de produtos de limpeza para ajudar o abrigo dos idosos que fica situado em nossa cidade.

No Zenobão estava uma festa contagiante em muitas escolas levaram seus instrumentos musicais para fazer barulho na hora que a escola acabava-se de apresenta.

No estádio estava uma alegria contagiante já que havia muitos alunos

torcendo para as suas escolas.

As 3:00 da tarde iniciou as seções de provas foi ai que a maioria das escolas fizeram silêncio para não atrapalha a escola que estava se apresentando.

Enquanto as outras escolas apresentavam os professores já ficavam preocupados em ver se os alunos das provas seguintes estavam todos mais num fim acabou tudo bem.

No final de todas as provas o locutor encerrou falando: "A Equipe vencedora é a equipe rocha da Escola Dom Helder Câmara".

Foi ai que os alunos que estavam ainda lá foram com uma alegria imensa e o orgulho de dizer que era da escola Dom Helder Câmara.

2.10 Análise das produções textuais II do terceiro módulo

O T IV / A1 não traz título, no entanto isso não desmerece observar outros fatos importantes e positivos da narrativa que estão relacionados aos pilares do gênero. Quanto à **composição** destacamos a narrativa curta, o tempo cronológico e a oralidade na escrita *"Chegando no ginásio do zenobão formos os primeiros a chega com a cor verde de esperança a cor que contagia"*. O texto foi narrado em primeira pessoa ficando evidente a voz do autor quando expõe as emoções em relação à realidade vivenciada, marca de autoria *"a cor verde da esperança", "demos o nosso melhor" ;"fiquei muito animado"; "mas gostei muito marco vou lembra da quele momento da minha infância"*. Outro ponto que destacamos foi a capacidade do aluno em focalizar atentamente o evento escolhido para narrar e conseguir realizar uma reflexão referente à superação dos desafios. Na opinião do aluno, conforme suas próprias palavras, os jovens (o aluno) são capazes de mudar a história de vida mesmo que pareça ser impossível *"falava que a gente do Dom Helder não conseguia superamos vencemos demos a volta por cima"*. No final da narrativa, o aluno declara que não esquecerá daquele momento, pois foi bastante significante em sua vida. Quanto ao **conteúdo,** tivemos problemas para identificar.

A narrativa utiliza-se de uma linguagem simples. Constatamos que o aluno de fato conseguiu recortar, nesse texto, um momento vivido. Diante do exposto podemos dizer que o

texto traz elementos que o aproximam do gênero crônica. As marcas de autoria funcionam como motivação para convidar o leitor à reflexão.

No T IV / A2, também constatamos a presença autoral do aluno. Ele deixa bem evidente a emoção relacionada à ansiedade *"todos estavam ansiosos para começar"*, *"que com força de vontade"*. Revela a persistência e superação dos obstáculos e a valorização da auto estima. O aluno deixa clara a sua opinião sobre a emoção diante dos fatos da vida, ele expõe um dos elementos da **funcionalidade** do texto que atua como veículo de emoção, perpetuando reações das pessoas diante dos acontecimentos da vida.

Constatamos uma narrativa curta, linguagem simples e segue um tempo cronológico *"As 3:00 da tarde" "No final de todas as provas"*. Verificamos aqui características relacionadas ao elemento **composicional**.

Ele conseguiu deter-se na gincana. Foi capaz, mesmo com algumas dificuldades de revelar um novo olhar diante dos acontecimentos da vida, um olhar mais atento e reflexivo. E mais do que aprimorar o olhar, ele foi capaz de escrever a partir de uma linguagem simples, narrar um episódio como um momento singular, revelando o pensamento e as emoções de aprendiz de escritor. Conforme relatamos, encontramos nessa narrativa, elementos que a aproxima do gênero em estudo a exemplo da **funcionalidade** e da **composição**.

Já no T IV/ A3 temos uma narrativa em terceira pessoa, marcando a impessoalidade. O aluno não conseguiu delimitar o acontecimento ocorrido. Ele escreve de forma superficial sobre o evento, detendo-se apenas no contexto informativo. Com isso, ele não conseguiu expor no texto os elementos do **conteúdo**, da **composição** e da **funcionalidade** que caracterizam o gênero crônica.

2.11 Produção Final

Concluídas as etapas dos módulos, chegamos à produção final. Etapa em que os alunos produziram uma crônica, cujo título foi o mesmo da crônica lida no início da aplicação da sequência didática, "A última crônica".

Solicitamos que escolhessem um fato do cotidiano, que observassem o contexto social e cultural do meio no qual vivem, que observassem o comportamento das pessoas que eles encontravam diariamente e que de forma consciente fizessem a escolha do momento, as anotações necessárias, assim como as reflexões para, em seguida, produzirem o texto final. Orientamos que antes de escreverem fizessem uma revisão sobre as observações realizadas na sala de aula durante a aplicação dos módulos.

Vejamos os textos produzidos.

Quadro 16

Texto V / Aluno 1

A convivencia e a Realidade

Como quero sabe o que aconteceu a muitos anos atrás. O jeito das pessoas como elas vivia o modo de convivencia entre as Família e amigos, si elas eram muito agitadas com a dia a dia em trabalho ou mais paciente. si respeitavam uns as outros. Não degistia, sempre conseguia as coisas com o esfoso do trabalho com honestidade, Educação sinceridade que olhava sempre para frente não dechava o odio toma a diração com Deus em primeiro luga si gostava de ajudar o proximo ou não? Eu sei que sempre existio pessoas mas e boas deisti quando Eva comeo do fruto do pecado e deo para Adão. então para o meu conhecimento as pessoas que viviam a muitos anos atrás eram mais digna tanto que agora sim existe muitas pessoas boais, as vezes para para pensa como Deus e tam pefeito crior o céu a terra o homem para construí a sua Família. lembro quando mim entendie por gente que tudo não é a rosa mais bela sempre tem espinhos. como quero sabe si nos e as novas criaturas que vem a conhecer o mundo si daqui pra frente vam ter um futuro melhor com gente Educada com compaixão é no Criador mas so o tempo dirá. enfim Curiosidade sempre tenho de conhecer como era antes e daqui a decadas, vamos tenta o masimo pocível agradecer a Deus por tudo faz boais conquistas marca os momentos bomis e lembre que so você pode muda o que é, pare pense e imagine um novo momento novo luga nolva conquista. soriso aberto para quem ama.

Texto V / Aluno 2

A Ultima crônica de José[3]

Amanheceu, o sou apareceu com um raio de luz encandecente até o horizonte, cuidei em fazer os meus deveres, depois fui caminhar e pensei na minha história:

- O que devo escrever?

Logo vi que não seria fácil, pois minhas ideias voavam. Distraido não percebi que poderia reescrever algo do cotidiano ao meu redor. Após tentar fixar em uma só ideia, acabei pensando em várias que não se encaixavam e nem se completavam, chateado sentei em uma cadeira que estava na minha frente, parei de tentar mi sufocar com minhas ideias, respirei devagar, e logo mi acalmei.

Depois de alguns minutos sentado, reparei em um menino que estava sozinho jogando bola, ele deu um chute na bola tentando acertar no gol, mas a bola acabou indo parar nunha árvore, ele estava tentando alcançar a bola, tentou subir na árvore, mas acabou caindo, e ao cair ele mi avistou e não falou nada só se levantou e foi tentar denovo alcançar a bola. Se levantei, e fui perguntar se ele queria ajuda, mas ele falou "não" e eu voltei para a cadeira e sentei. Após várias tentativas e vários tombos ele desistiu, e foi para perto de mim, ficou com o rosto para baixo, respirou e comessou a falar:

- Mi desculpa pelo mal jeito que tinha falado com o senhor, mas por favor tem como o senhor pegar minha bola?

Logo respondi:

- Eu ti desculpo, e vou pegar sua bola mas lembresse que as vezes todos precisão de ajuda para algo.

Quando devolvi a bola para o garoto, ele agradeceu por pegar a bola, e pelo conselho com um abraço e depois foi embora.

Texto V / Aluno 3

A ultima crônica de José

Só temos uma chance

Sonhei com que você quiser vá para onde você quiser ir

Seja o que você que ser porque você só possui apenas uma vida e nela só temos uma chance de fazer aquilo que queremos

Tenha felicidade bastante para fazê-la doce. Dificuldade para fazê-la forte. Tristeza para fazê-la humana e esperança suficiente para fazê-la feliz

Seja humilde nas horas que for necessário pense no seu proximo não só

no seu ego. Pois a vida nos da chances entre o bem e o mal então temos que escolher entre o caminho a seguir mais tem caminho que só temos uma chance para ser feliz.

Como podemos avaliar essas produções finais?

Queremos esclarecer que na análise que seguimos enfocamos pontos que foram observados na primeira produção: o conhecimento dos alunos em relação ao conteúdo, composição e a funcionalidade do gênero crônica. Nosso objetivo é comparar e constatar se, nos textos em estudo, os alunos foram capazes de realizar produções textuais pertencentes ao gênero em estudo.

Com relação ao **conteúdo** constatamos que, nos textos analisados na produção final, os alunos conseguiram se distanciar da temática do texto de Fernando Sabino, revelando propriedade em relação à temática descrita. Entretanto, apenas no T V/ A 2 constatamos que de fato o aluno apropria-se de um momento do seu cotidiano para narrar o texto.

No T V/ A 1, identificamos a narrativa em primeira pessoa, transmitindo uma visão pessoal do autor sobre a realidade em que está inserido. O que revela uma marca de autoria do aluno quando ele traz para o texto a reflexão sobre a vida *"lembro quando mim entendie por gente que tudo não é a rosa mais bela sempre tem espinhos"*. Nesse fragmento também destacamos outra característica do gênero crôntica, quanto à **funcionalidade**, trata-se de um comentário sobre assunto do cotidiano que se reflete na sociedade como um todo. Observamos uma interação do aluno com o meio social e cultural em que vive.

Ainda no tocante à **funcionalidade**, o texto V do aluno 1 conduz o leitor a refletir sobre as atitudes e o comportamento das pessoas no passado, no presente e como essas atitudes influenciarão na vida delas, no futuro *"então para o meu conhecimento as pessoas que viviam a muitos anos atrás eram mais digna tanto que agora sim existe muitas pessoas boais"*, *"si daqui pra frente vam ter um futuro melhor"*.

Do ponto de vista da **composição**, o T V / A1 traz fatos do cotidiano, no entanto não consegue delimitá-los de forma que justifique a reflexão, deixando o texto incompleto e se distanciando um pouco do gênero em foco.

O aluno encerrou o texto em análise aconselhando o leitor a exercer uma atitude ativa diante dos acontecimentos da vida: ir em busca de novas conquistas. Essa injunção é

característica particular dos textos dos alunos nessa fase, característica que já tínhamos identificado na primeira produção textual desse aluno em particular.

Ao compararmos os textos T V/ A 1 com o T I/A 1, levando-se em consideração o conjunto conteúdo, composição e funcionalidade podemos afirmar que houve uma pequena evolução e que o aluno conseguiu, mesmo com algumas falhas, aproximar de forma mediana a sua produção textual final ao gênero crônica.

No T V/A 2, observamos que em relação ao **conteúdo**, o aluno conseguiu se distanciar do texto motivador e deteve-se apenas no fato do cotidiano que foi escolhido. *"Depois de alguns minutos sentado, reparei em um menino que estava sozinho jogando bola"*. Ao lermos o texto final do A 2, somos capazes de sentir a propriedade e a vivência do aluno sobre o acontecimento narrado.

Quanto à **composição**, tratou-se de uma narrativa curta, apresenta uma linguagem simples, segue um tempo cronológico determinado e apresenta personagem comum *"um menino que estava sozinho"*.

A narrativa em primeira pessoa deixa evidente a marca individual do aluno, que transmite uma visão pessoal do escritor sobre a realidade da vida *"parei de tentar mi sufocar com minhas ideias, respirei devagar, e logo mi acalmei"*. Atua como veículo de emoção, proporcionando que o aluno refletir sobre os acontecimentos da vida. Reflexão na qual está contida a **funcionalidade** do gênero crônica. No texto somos convidados a pensar sobre a humildade e a solidariedade, sobre o fato de que não podemos viver de maneira isolada e de que precisamos uns dos outros. *"- Eu ti desculpo, e vou pegar sua bola mas lembresse que as vezes todos precisão de ajuda para algo."*

Diante do que foi analisado, chegamos à constatação de que o T V/A 2 aproximou-se verdadeiramente do gênero estudado e que o aluno conseguiu atingir o objetivo proposto no início da aplicação da intervenção.

Na análise do T V/A 3, percebemos que o aluno, apesar de vir desenvolvendo positivamente as atividades dos módulos da sequência didática, aqui ele demonstrou um recuou, pois, ao invés de expor seus próprios pensamentos, a sua reflexão diante do cotidiano no qual está inserido, o aluno trouxe para o seu texto partes do texto "O sonho" de Clarice Lispector.

Conseguimos identificar traços de autoria do aluno apenas no último parágrafo, *"Seja humilde nas horas que for necessário pense no seu proximo não só no seu ego. Pois a vida nos da chances entre o bem e o mal então temos que escolher entre o caminho a seguir mais*

tem caminho que só temos uma chance para ser feliz". o que revela que o T V/A 3 se distanciou do gênero trabalhado.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como nos propomos fazer, identificamos as principais dificuldades do aluno no processo de leitura e principalmente de produção textual que correspondem à falta de concentração, dificuldades em desenvolver competência suficiente para o domínio da produção textual; observamos que, mesmo aqueles alunos com boa capacidade de expressão oral, também apresentam lacunas, na escrita, relacionadas à sintaxe, ortografia, à organização dos parágrafos. Além dos problemas já mencionados destacamos o despreparo em reconhecer e produzir textos de variados gêneros.

Constatados os obstáculos, buscamos a partir do gênero textual/discursivo, no caso aqui específico o gênero crônica, estratégias de ensino de leitura e escrita, que ajudassem a minimizar, de forma prática, os empecilhos que impedem o aluno a desenvolver o gosto pela leitura e pela escrita.

Queremos deixar bem explícito que não foi nosso objetivo, nesse trabalho, enfocar questões gramaticais, mesmo tendo conhecimento da precariedade dos alunos, tendo em vista o fato de que essas dificuldades não fazem parte dos objetivos da nossa pesquisa. A nossa proposta foi fazer com que os alunos lessem e compreendessem de forma coerente os textos trabalhados, que pudessem observar a vida, o cotidiano em que se encontram inseridos e que fossem capazes de, através da leitura e da escrita pensar, escrever e interagir com o mundo a sua volta.

Para o enfrentamento de tais dificuldades, elaboramos uma sequência didática inspirada nos moldes de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) e a aplicamos na turma de 9° ano do Ensino Fundamental da escola/campo. Pudemos observar que esse tipo de intervenção pode ser um auxílio a mais para que o professor de Língua Portuguesa possa trabalhar a partir de gêneros textuais/discursivos.

Através da sequência didática, o processo de aprendizagem da turma foi dividido em módulos didáticos referentes ao gênero crônica, suas características, composição, temática e funcionalidade. Trabalhamos a leitura de crônicas, seguida de debates sobre os temas propostos a fim de conduzir os alunos a identificarem nos textos a teoria estudada, além de conduzi-los a refletir sobre o contexto do cotidiano em que vivem e aplicar em suas produções textuais essas reflexões.

A proposta discutida teve também como base as experiências dos autores/alunos e o conhecimento de mundo destes sobre o contexto sócio-cultural, no qual encontram-se

inseridos. Isso foi o ponto de partida para as produções textuais realizadas durante a aplicação da sequência didática.

A concretização de cada etapa levou-nos a concluir que embora os alunos apresentassem dificuldades em delimitar o tema do cotidiano, assim como em escrever o texto com funcionalidade, conteúdo e composição adequados ao gênero crônica e em consonância com temas do cotidiano deles, numa aula expositiva e compartilhada, os alunos apresentaram facilidade em identificar e caracterizar a crônica. Aqui destacamos a presença da oralidade como uma característica própria dos gêneros relacionados às práticas cotidianas da linguagem. Na ocasião, os alunos desenvolveram um novo olhar em relação aos acontecimentos do cotidiano. Foram capazes de refletir e conduzir o leitor a fazer o mesmo em relação aos temas propostos pelos textos.

Outra constatação, que merece destaque, foi a dificuldade que os alunos tiveram quando foi pedido a eles que colocassem na folha de papel o reflexo de suas emoções. Essa dificuldade só veio ser amenizada quando passaram a escrever sobre um acontecimento no qual eles eram protagonistas das ações narradas. Em suma, podemos constatar que, na maioria das vezes, quando o sujeito da nossa pesquisa passa a escrever a respeito de um fato significativo, no qual ele mesmo esteve inserido e se sente sujeito das ações ocorridas, mesmo não atingindo o objetivo desejado, ele apresenta facilidade em colocar no papel suas ideias, seus pensamentos e suas reflexões sobre o cotidiano.

Essa constatação nos faz refletir sobre a importância de um trabalho com leitura e escrita na perspectiva sociointeracionista.

O processo atingido pelos alunos parece pouco, porém diante de uma turma que muitas vezes se recusava a escrever, que tinha pouco conhecimento sobre gêneros textuais, vê-los produzir textos com um pouco de propriedade foi gratificante.

Ao finalizar o processo, reunimos em um compêndio intitulado "Um novo olhar", textos produzidos pelos alunos que participaram da pesquisa. Realizamos no auditório da escola sarau desses textos para os alunos de outras turmas. Na ocasião, entregamos a cada aluno/autor uma cópia dessa encadernação (a mesma encontra-se anexa neste trabalho) como forma de valorização das produções textuais realizadas, pois acreditamos que esses textos não devem ficar guardados. Devem ser lidos e compartilhados na comunidade em que os alunos estão inseridos, já que algumas dessas produções falam justamente do cotidiano deles.

Esse processo evolutivo, no tocante ao ensino da leitura e de modo especial ao da escrita, vai tornar-se cada vez mais produtivo e eficaz quando realizado em parceria. De um lado está o aluno curioso, cheio de expectativa sobre o mundo e que, na maioria das vezes

encontra-se distraído e distante por não ter tido a oportunidade de apreender o gosto pela leitura e escrita. Do outro lado, deve estar um professor pesquisador, que ciente da importância do seu papel, busque novas teorias e metodologias para ensinar seus alunos a ler e a escrever promovendo a interação desses sujeitos com o mundo no contexto social e cultural.

Esperamos que nossas constatações possam contribuir para outros pesquisadores aprofundarem o estudo sobre o ensino do processo de leitura e escrita a partir dos gêneros textuais/discursivos, trazendo contribuições significativas para o ensino de Língua Portuguesa.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português**: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____ . **Língua, Texto e Ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____ . **Análise de textos**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M/VOLOCHINOV, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. Ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Leitura e mediação pedagógica.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BRANDÃO, Helena Nagamine. **Gêneros do discurso na escola:** mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros curriculares nacionais**: Língua Portuguesa/ Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação**: Prova Brasil: ensino fundamental: matriz de referência, tópico de descritores. Brasília. MEC/SEB; Inep, 2008.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2013.

DOLZ, Joaquim et al. Sequências didáticas para o oral e a escrita: Apresentação de um procedimento. In.Schneuwly, Bernard; DOLZ, Joaquim et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo. Autores Associados: Cortez, 1989.

GERALDI, João Wanderley (org). **O texto na sala de aula**. São Paulo, Ática, 2002.

KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (organização); MARCUSCHI, Luiz Antônio ... [et al.]. **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. 4.ed. – São Paulo: Parábola Editotorial, 2011.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura**: teoria e prática. 15. Ed., São Paulo: Pontes Editora, 2013.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3. Ed., São Paulo: Contexto, 2014.

_____ . **Ler e escrever**: estratégias de produção. 2. Ed., São Paulo: Contexto, 2015.

LAGINESTRA, Maria Aparecida; PEREIRA, Maria Imaculada. **Olimpíada de Língua Portuguesa escrevendo o futuro:** a ocasião faz o escritor. 4. Ed.,São Paulo: Cenpec, 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4ª. Ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2006.

_____ . Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In. DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org). **Gêneros textuais e ensino**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

ROJO, Roxane (org). **A prática de linguagem em sala de aula**: Praticando os PCN. São Paulo: Campinas: Mercado das Letras, 2000.

_____ . (tradução e organização); CORDEIRO, Glaís Sales. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas – SP: Mercado de Letras, 2004.

SABINO, Fernando. "A última crônica". In: **Para gostar de ler** – Crônicas. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003.

SOLÉ, ISABEL. **Estratégias de leitura**. 6. Ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de Gramática. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Mais comédias para ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

ZACCUR, Edwiges et al. **A magia da linguagem**. Rio de Janeiro: DP&A – SEPE, 1999.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

OBS: menor de 18 anos ou mesmo outra categoria inclusa no grupo de vulnerável)

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, _____, em pleno exercício dos meus direitos autorizo a participação do _____ de _____ anos na Pesquisa "UMA ABORDAGEM DA PRÁTIVA DE ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA NA PERSPECTIVA SOCIOINTERACIONISTA".

Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho UMA ABORDAGEM DA PRÁTIVA DE ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA NA PERSPECTIVA SOCIOINTERACIONISTA terá como objetivo geral: Analisar metodologias aplicadas ao ensino que permitam aos educandos do 9º ano do Centro Educacional Dom Helder Câmara (turma A – 2016), escola municipal localizada na cidade de Guarabira/PB, sobretudo, sua função social.

Ao responsável legal pelo (a) menor de idade só caberá a autorização para que o (a) menor responda (sem se identificar) a um questionário sobre o tema O local onde vivo, que visa identificar o grau de conhecimento da turma do 9º ano do Centro Educacional Dom Helder Câmara (turma A – 2016) acerca do tema citado e não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.

Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.

Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número **(83) 98766-7330** com **Maryngá Meireles Cardoso Alves**.

Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre esclarecido.

Assinatura do Pesquisador Responsável Maryngá Meireles Cardoso Alves

Assinatura do responsável _____
Legal menor

Assinatura do menor de idade _____

Assinatura Dactiloscópica do participante da pesquisa (OBS: utizado apenas nos casos em que não seja possível a coleta da assinatura do-participante da pesquisa).

PREFEITURA DE GUARABIRA
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
CENTRO EDUCACIONAL DOM HÉLDER CÂMARA
CNPJ: 05.006.516/0001-67 - Lei Municipal: 530/2001 - Código INEP: 25116720

PREFEITURA M. DE GUARABIRA
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
CENTRO EDUCACIONAL DOM HÉLDER CÂMARA
CNPJ: 05.006.516/0001-67
Lei Municipal: 530/2001
Código INEP: 25116720

Guarabira-PB, 14 de março de 2016.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Estamos cientes da intenção da realização do projeto intitulado "UMA ABORDAGEM DA PRÁTICA DE ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA NA PERSPECTIVA SOCIOINTERACIONISTA" desenvolvido pela aluna Maryngá Meireles Cardoso Alves do Curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação da professora Drª. Edilma de Lucena Catanduba.

Atenciosamente,

MARIA GERLANE CLAUDINO OLIVEIRA
Gestora – Mat.: 02170-9

Maria Gerlane Claudino Oliveira
Gestora Escolar
Matrícula 02170-9

Rua Vereador Severino Bezerra, S/N – Bairro Novo – Guarabira / PB - 58200-000 – (83) 3271 8161
domheldergba.blogspot.com.br - domheldergba@gmail.com

TERMO DE ASSENTIMENTO (TA)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa "UMA ABORDAGEM DA PRÁTICA DE ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA NA PERSPECTIVA SOCIOINTERACIONISTA". Neste estudo pretendemos _____

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler etc. apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização, no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada, sendo que seu nome ou o material que indique sua participação será mantido em sigilo. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. Este termo foi elaborado em conformidade com o Art. 228 da Constituição Federal de 1988; Arts. 2º e 104 do Estatuto da Criança e do Adolescente; e Art. 27 do Código Penal Brasileiro; sem prejuízo dos Arts. 3º, 4º e 5º do Código Civil Brasileiro.

Eu, _____. Portador(a) do documento de Identidade _____ (se já tiver documento), fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações junto ao pesquisador responsável listado abaixo ou com o acadêmico Maryngá

Meireles Cardoso Alves telefone: (83)98766-7330 ou ainda com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Estadual da Paraíba, telefone (83) 3315-3373. Estou ciente que o meu responsável poderá modificar a decisão da minha participação na pesquisa, se assim desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

_____,____ de _____ de 20____

Assinatura do(a) menor ou impressão dactiloscópica.

Assinatura Dactiloscópica do participante da pesquisa (OBS: utizado apenas nos casos em que não seja possível a coleta da assinatura do participante da pesquisa).	

Assinatura:
Nome legível:
RG:
Fone :
Data ____/____/____

Data ____/____/___

Maryngá Meireles Cardoso Alves
Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISADOR
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUIS.
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

PARECER DO RELATOR: 04

CAAE Plataforma Brasil: 56331416.1.0000.5187

Número do parecer: 1.571.806

Pesquisador Responsável: Maryngá Meireles Cardoso Alves

Data da relatoria: 25 de maio de 2016

Publicação Plataforma Brasil: 02/06/2016

Situação do parecer: Aprovado.

Apresentação do Projeto: O Projeto é intitulado "Uma abordagem da prática de ensino da leitura e da escrita na perspectiva sociointeracionista". O Projeto é para fins de pesquisa do Mestrado Profissional em Letra / UEPB.

Objetivo da Pesquisa: A pesquisa tem como objetivo geral: Identificar e pontuar as principais dificuldades enfrentadas na leitura e escrita pelos alunos do 9° ano A de uma escola municipal da cidade de Guarabira.

Avaliação dos Riscos e Benefícios: Considerando a justificativa e os aportes teóricos e metodologia apresentados no presente projeto, e ainda considerando a relevância do estudo as quais são explícitas suas possíveis contribuições, percebe-se que a mesma não trará riscos aos participantes da pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa: Será realizada a pesquisa qualitativa com uso de estratégias metodológicas como: leituras prévias sobre leitura e escrita e o gênero crônica; visita in locus; observações sobre como

ocorre o processo de leitura e escrita dos alunos; diagnóstico da realidade do aluno sobre a leitura e a escrita antes e depois de se trabalhar como o gênero específico.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória: Os termos encontram-se devidamente anexados.

Recomendações: Sem recomendações.
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações: Sem pendências.
Situação do parecer: Aprovado

ProvaBrasil — Avaliação do Rendimento Escolar

DESEMPENHO DA SUA ESCOLA | PROVA BRASIL 2015

CENTRO EDUCACIONAL DOM HELDER CAMARA / MUNICIPAL
GUARABIRA - PB

25116720

A Avaliação Nacional do Rendimento Escolar, denominada PROVA BRASIL, tem como objetivo a produção de informações sobre os níveis de aprendizagem em Língua Portuguesa - ênfase em leitura, e em Matemática – ênfase em resolução de problemas. Apresenta, ainda, indicadores contextuais sobre as condições em que ocorre o trabalho da escola, os quais devem ser considerados na análise dos resultados.

Os resultados de desempenho nas áreas avaliadas são expressos em escalas de proficiência. As escalas de Língua Portuguesa (Leitura) e de Matemática da Prova Brasil são compostas por níveis progressivos e cumulativos. Isso significa uma organização da menor para a maior proficiência. Ainda, quando um percentual de alunos foi posicionado em determinado nível da escala, pode-se pressupor que, além de terem desenvolvido as habilidades referentes a este nível, eles provavelmente também desenvolveram as habilidades referentes aos níveis anteriores.

Ao analisar os resultados da escola, a equipe escolar poderá verificar o percentual de alunos posicionados em cada nível da escala de proficiência, conferindo a descrição das habilidades referentes a esses níveis, para refletir pedagogicamente sobre tais resultados.

Poderá, ainda, analisá-los tendo como referência um perfil de "Escolas Similares", que expressa os resultados de um grupo de escolas com características semelhantes, ou seja, que pertencem à mesma microrregião geográfica, localizam-se na mesma zona (urbana ou rural) e possuem valores do indicador de nível socioeconômico próximos.

Indicadores Contextuais

O Indicador de Nível Socioeconômico e o Indicador de Adequação da Formação Docente produzem informações sobre o contexto em que cada escola desenvolve o trabalho educativo.

O Indicador de Nível Socioeconômico possibilita, de modo geral, situar o público atendido pela escola em um estrato ou nível social, apontando o padrão de vida referente a cada um de seus estratos. Esse indicador é calculado a partir da escolaridade dos pais e da posse de bens e contratação de serviços pela família dos alunos. Para melhor caracterizar as escolas foram criados sete grupos, de modo que, no Grupo 1, estão as escolas com nível socioeconômico mais baixo e, no Grupo 7, com nível socioeconômico mais alto.

O Indicador de Adequação da Formação Docente analisa a formação dos docentes que lecionam nos anos iniciais e finais do ensino fundamental na escola. Apresenta o percentual de disciplinas, em cada etapa, que são ministradas por professores com formação superior de Licenciatura (ou Bacharelado com complementação pedagógica) na mesma disciplina que leciona. No caso dos anos iniciais, considera-se adicionalmente a formação em Licenciatura em Pedagogia (ou Bacharelado com complementação pedagógica).

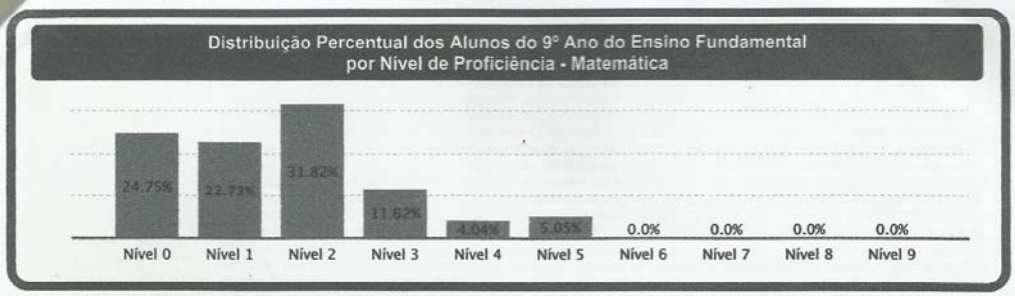
Nível Socioeconômico
Médio Baixo

Formação Docente	
Anos Iniciais	Anos Finais
Não foi possível calcular.	54.50%

Participação na Avaliação

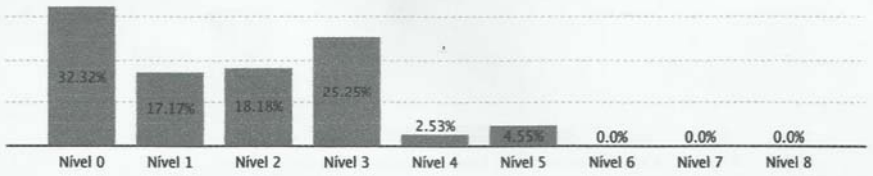
O quadro a seguir mostra o número de alunos que realizou a Prova Brasil e a respectiva taxa de participação da escola, com base nos dados do Censo Escolar 2015

	5º Ano	9º Ano
Alunos que realizaram a prova		44
Taxa de participação da escola (%)		81.48%



Nível	Descrição do Nível - O estudante provavelmente é capaz de:
Nível 0 Desempenho menor que 200	
Nível 1 Desempenho maior ou igual a 200 e menor que 225	Os estudantes provavelmente são capazes de: Números e operações; álgebra e funções: Reconhecer o maior ou o menor número em uma coleção de números racionais, representados na forma decimal. Tratamento de informações: Interpretar dados apresentados em tabela e gráfico de colunas.
Nível 2 Desempenho maior ou igual a 225 e menor que 250	Além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Números e operações; álgebra e funções: Reconhecer a fração que corresponde à relação parte-todo entre uma figura e suas partes hachuradas. Associar um número racional que representa uma quantia monetária, escrito por extenso, à sua representação decimal. Determinar uma fração irredutível, equivalente a uma fração dada, a partir da simplificação por três. Tratamento de informações: Interpretar dados apresentados em um gráfico de linha simples. Associar dados apresentados em gráfico de colunas a uma tabela.
Nível 3 Desempenho maior ou igual a 250 e menor que 275	Além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Espaço e forma: Reconhecer o ângulo de giro que representa a mudança de direção na movimentação de pessoas/objetos; Reconhecer a planificação de um sólido simples, dado através de um desenho em perspectiva. Localizar um objeto em representação gráfica do tipo planta baixa, utilizando dois critérios: estar mais longe de um referencial e mais perto de outro. Números e operações; álgebra e funções: Determinar uma fração irredutível, equivalente a uma fração dada, a partir da simplificação por sete; Determinar a soma, a diferença, o produto ou o quociente de números inteiros em situações-problema. Localizar o valor que representa um número inteiro positivo associado a um ponto indicado em uma reta numérica. Resolver problemas envolvendo grandezas diretamente proporcionais, representadas por números inteiros. Tratamento de informações: Associar dados apresentados em tabela a gráfico de setores. Analisar dados dispostos em uma tabela simples. Analisar dados apresentados em um gráfico de linha com mais de uma grandeza representada.
Nível 4 Desempenho maior ou igual a 275 e menor que 300	Além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Espaço e forma: Localizar um ponto em um plano cartesiano, com o apoio de malha quadriculada, a partir de suas coordenadas. Reconhecer as coordenadas de um ponto dado em um plano cartesiano, com o apoio de malha quadriculada. Interpretar a movimentação de um objeto utilizando referencial diferente do seu. Grandezas e medidas: Converter unidades de medidas de comprimento, de metros para centímetros, na resolução de situação-problema. Reconhecer que a medida do perímetro de um retângulo, em uma malha quadriculada, dobra ou se reduz à metade quando os lados dobram ou são reduzidos à metade. Números e operações; álgebra e funções: Determinar a soma de números racionais em contextos de sistema monetário. Determinar o valor numérico de uma expressão algébrica de 1° grau envolvendo números naturais, em situação-problema. Localizar números inteiros negativos na reta numérica. Localizar números racionais em sua representação decimal. Tratamento de informações: Analisar dados dispostos em uma tabela de dupla entrada.
Nível 5 Desempenho maior ou igual a 300 e menor que 325	Além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Espaço e forma: Reconhecer que o ângulo não se altera em figuras obtidas por ampliação/redução. Localizar dois ou mais pontos em um sistema de coordenadas. Grandezas e medidas: Determinar o perímetro de uma região retangular, com o apoio de figura, na resolução de uma situação-problema. Determinar o volume através da contagem de blocos. Números e operações; álgebra e funções Associar uma fração com denominador dez à sua representação decimal. Associar uma situação problema à sua linguagem algébrica, por meio de equações do 1° grau ou sistemas lineares. Determinar, em situação-problema, a adição e multiplicação entre números racionais, envolvendo divisão por números inteiros. Determinar a porcentagem envolvendo números inteiros. Resolver problema envolvendo grandezas diretamente proporcionais, representadas por números racionais na forma decimal.

Distribuição Percentual dos Alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental por Nível de Proficiência - Língua Portuguesa



Nível	Descrição do Nível - O estudante provavelmente é capaz de:
Nível 0 Desempenho menor que 200	
Nível 1 Desempenho maior ou igual a 200 e menor que 225	Os estudantes provavelmente são capazes de: Reconhecer expressões características da linguagem (científica, jornalística etc.) e a relação entre expressão e seu referente em reportagens e artigos de opinião. Inferir o efeito de sentido de expressão e opinião em crônicas e reportagens.
Nível 2 Desempenho maior ou igual a 225 e menor que 250	Além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Localizar informações explícitas em fragmentos de romances e crônicas. Identificar tema e assunto em poemas e charges, relacionando elementos verbais e não verbais. Reconhecer o sentido estabelecido pelo uso de expressões, de pontuação, de conjunções em poemas, charges e fragmentos de romances. Reconhecer relações de causa e consequência e características de personagens em lendas e fábulas. Reconhecer recurso argumentativo em artigos de opinião. Inferir efeito de sentido de repetição de expressões em crônicas.
Nível 3 Desempenho maior ou igual a 250 e menor que 275	Além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Localizar informações explícitas em crônicas e fábulas. Identificar os elementos da narrativa em letras de música e fábulas. Reconhecer a finalidade de abaixo-assinado e verbetes. Reconhecer relação entre pronomes e seus referentes e relações de causa e consequência em fragmentos de romances, diários, crônicas, reportagens e máximas (provérbios). Interpretar o sentido de conjunções, de advérbios, e as relações entre elementos verbais e não verbais em tirinhas, fragmentos de romances, reportagens e crônicas. Comparar textos de gêneros diferentes que abordem o mesmo tema. Inferir tema e ideia principal em notícias, crônicas e poemas. Inferir o sentido de palavra ou expressão em história em quadrinhos, poemas e fragmentos de romances.
Nível 4 Desempenho maior ou igual a 275 e menor que 300	Além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Localizar informações explícitas em artigos de opinião e crônicas. Identificar finalidade e elementos da narrativa em fábulas e contos. Reconhecer opiniões distintas sobre o mesmo assunto em reportagens, contos e enquetes. Reconhecer relações de causa e consequência e relações entre pronomes e seus referentes em fragmentos de romances, fábulas, crônicas, artigos de opinião e reportagens. Reconhecer o sentido de expressão e de variantes linguísticas em letras de música, tirinhas, poemas e fragmentos de romances. Inferir tema, tese e ideia principal em contos, letras de música, editoriais, reportagens, crônicas e artigos. Inferir o efeito de sentido de linguagem verbal e não verbal em charges e história em quadrinhos. Inferir informações em fragmentos de romance. Inferir o efeito de sentido da pontuação e da polissemia como recurso para estabelecer humor ou ironia em tirinhas, anedotas e contos.
Nível 5 Desempenho maior ou igual a 300 e menor que 325	Além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Localizar a informação principal em reportagens. Identificar ideia principal e finalidade em notícias, reportagens e resenhas. Reconhecer características da linguagem (científica, jornalística etc.) em reportagens. Reconhecer elementos da narrativa em crônicas. Reconhecer argumentos e opiniões em notícias, artigos de opinião e fragmentos de romances. Diferenciar abordagem do mesmo tema em textos de gêneros distintos. Inferir informação em contos, crônicas, notícias e charges. Inferir sentido de palavras, da repetição de palavras, de expressões, de linguagem verbal e não verbal e de pontuação em charges, tirinhas, contos, crônicas e fragmentos de romances.
Nível 6 Desempenho maior ou igual a 325 e menor que 350	Além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Identificar ideia principal e elementos da narrativa em reportagens e crônicas. Identificar argumento em reportagens e crônicas. Reconhecer o efeito de sentido da repetição de expressões e palavras, do uso de pontuação, de variantes linguísticas e de figuras de linguagem em poemas, contos e fragmentos de romances. Reconhecer a relação de causa e consequência em contos. Reconhecer diferentes opiniões entre cartas de leitor que abordam o mesmo tema. Reconhecer a relação de sentido estabelecida por conjunções em crônicas, contos e cordéis. Reconhecer o tema comum entre textos de gêneros distintos. Reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso de figuras de linguagem e de recursos gráficos em poemas e fragmentos de romances. Diferenciar fato de opinião em artigos e reportagens. Inferir o efeito de sentido de linguagem verbal e não verbal em tirinhas.
Nível 7 Desempenho maior ou igual a 350 e menor que 375	Além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Localizar informações explícitas, ideia principal e expressão que causa humor em contos, crônicas e artigos de opinião. Identificar variantes linguísticas em letras de música. Reconhecer a finalidade e a relação de sentido estabelecida por conjunções em lendas e crônicas.
Nível 8 Desempenho maior ou igual a 375	Além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Localizar ideia principal em manuais, reportagens, artigos e teses. Identificar os elementos da narrativa em contos e crônicas. Diferenciar fatos de opiniões e opiniões diferentes em artigos e notícias. Inferir o sentido de palavras em poemas.

Nível	Descrição do Nível - O estudante provavelmente é capaz de:
Nível 6 Desempenho maior ou igual a 325 e menor que 350	Além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Espaço e forma: Reconhecer a medida do ângulo determinado entre dois deslocamentos, descritos por meio de orientações dadas por pontos cardeais. Reconhecer as coordenadas de pontos representados no primeiro quadrante de um plano cartesiano. Reconhecer a relação entre as medidas de raio e diâmetro de uma circunferência, com o apoio de figura. Reconhecer a corda de uma circunferência, as faces opostas de um cubo, a partir de uma de suas planificações. Comparar as medidas dos lados de um triângulo a partir das medidas de seus respectivos ângulos opostos. Resolver problema utilizando o Teorema de Pitágoras no cálculo da medida da hipotenusa, dadas as medidas dos catetos. Grandezas e medidas: Converter unidades de medida de massa, de quilograma para grama, na resolução de situação-problema. Resolver problema fazendo uso de semelhança de triângulos. Números e operações; álgebra e funções: Reconhecer frações equivalentes. Associar um número racional, escrito por extenso, à sua representação decimal, e vice-versa. Estimar o valor da raiz quadrada de um número inteiro aproximando-o de um número racional em sua representação decimal. Resolver problema envolvendo grandezas diretamente proporcionais, com constante de proporcionalidade não inteira. Determinar o valor numérico de uma expressão algébrica que contenha parênteses, envolvendo números naturais. Determinar um valor monetário obtido por meio de um desconto ou um acréscimo percentual. Determinar o valor de uma expressão numérica, com números irracionais, fazendo uso de uma aproximação racional fornecida. Tratamento de informações: Resolver problemas que requerem a comparação de dois gráficos de colunas.
Nível 7 Desempenho maior ou igual a 350 e menor que 375	Além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Espaço e forma: Reconhecer ângulos agudos, retos ou obtusos de acordo com sua medida em graus. Reconhecer as coordenadas de pontos representados num plano cartesiano localizados em quadrantes diferentes do primeiro. Determinar a posição final de um objeto, após a realização de rotações em torno de um ponto, de diferentes ângulos, em sentido horário e anti-horário. Resolver problemas envolvendo ângulos, inclusive utilizando a Lei Angular de Tales sobre a soma dos ângulos internos de um triângulo. Resolver problemas envolvendo as propriedades de ângulos internos e externos de triângulos e quadriláteros, com ou sem justaposição ou sobreposição de figuras. Resolver problema utilizando o Teorema de Pitágoras no cálculo da medida de um dos catetos, dadas as medidas da hipotenusa e de um de seus catetos. Grandezas e medidas: Determinar o perímetro de uma região retangular, obtida pela justaposição de dois retângulos, descritos sem o apoio de figuras. Determinar a área de um retângulo em situações-problema. Determinar a área de regiões poligonais desenhadas em malhas quadriculadas. Determinar o volume de um cubo ou de um paralelepípedo retângulo, sem o apoio de figura. Converter unidades de medida de volume, de m3 para litro, em situações-problema. Reconhecer a relação entre as áreas de figuras semelhantes. Números e operações; álgebra e funções: Determinar o quociente entre números racionais, representados na forma decimal ou fracionária, em situações-problema. Determinar a soma de números racionais dados na forma fracionária e com denominadores diferentes. Determinar o valor numérico de uma expressão algébrica de 2º grau, com coeficientes naturais, envolvendo números inteiros. Determinar o valor de uma expressão numérica envolvendo adição, subtração, multiplicação e/ou potenciação entre números inteiros. Determinar o valor de uma expressão numérica com números inteiros positivos e negativos. Determinar o valor de uma expressão numérica com números racionais. Comparar números racionais com diferentes números de casas decimais, usando arredondamento. Localizar na reta numérica um número racional, representado na forma de uma fração imprópria. Associar uma fração à sua representação na forma decimal. Associar uma situação problema à sua linguagem algébrica, por meio de inequações do 1º grau. Associar a representação gráfica de duas retas no plano cartesiano a um sistema de duas equações lineares e vice-versa. Resolver problemas envolvendo equação do 2º grau. Tratamento de informações: Determinar a média aritmética de um conjunto de valores. Estimar quantidades em gráficos de setores. Analisar dados dispostos em uma tabela de três ou mais entradas. Interpretar dados fornecidos em gráficos envolvendo regiões do plano cartesiano. Interpretar gráficos de linhas com duas sequências de valores.
Nível 8 Desempenho maior ou igual a 375 e menor que 400	Além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Espaço e forma: Resolver problemas utilizando as propriedades das cevianas (altura, mediana e bissetriz) de um triângulo isósceles, com o apoio de figura. Grandezas e medidas: Converter unidades de medida de capacidade, de mililitro para litro, em situações-problema. Reconhecer que a área de um retângulo quadruplica quando seus lados dobram. Determinar a área de figuras simples (triângulo, paralelogramo, trapézio), inclusive utilizando composição/decomposição. Números e operações; álgebra e funções: Determinar o valor numérico de uma expressão algébrica do 1º grau, com coeficientes racionais, representados na forma decimal. Determinar o valor de uma expressão numérica envolvendo adição, subtração e potenciação entre números racionais, representados na forma decimal. Resolver problemas envolvendo grandezas inversamente proporcionais.
Nível 9 Desempenho maior ou igual a 400	Além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Espaço e forma: Resolver problemas utilizando a soma das medidas dos ângulos internos de um polígono. Números e operações; álgebra e funções: Reconhecer a expressão algébrica que expressa uma regularidade existente em uma sequência de números ou de figuras geométricas.

Distribuição Percentual dos Alunos do 5° Ano do Ensino Fundamental por Nível de Proficiência

Distribuição dos Alunos por Nível de Proficiência em Língua Portuguesa

		Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 6	Nível 7	Nível 8	Nível 9
Total Município	3.82%	16.93%	23.12%	22.85%	16.11%	12.47%	3.36%	0.84%	0.49%	0.00%
Total Estado	5.03%	14.81%	19.73%	19.30%	16.20%	12.08%	7.99%	3.18%	1.06%	0.62%
Total Brasil	3.41%	9.49%	14.75%	17.65%	18.23%	16.17%	11.39%	5.60%	2.19%	1.10%

Distribuição dos Alunos por Nível de Proficiência em Matemática

	Nível 0	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 6	Nível 7	Nível 8	Nível 9	Nível 10
Total Município	0.33%	10.44%	22.99%	22.32%	25.29%	12.15%	4.34%	1.83%	0.00%	0.33%	0.00%
Total Estado	0.33%	8.12%	19.00%	23.65%	20.52%	13.71%	8.18%	4.21%	1.74%	0.44%	0.11%
Total Brasil	0.23%	5.43%	13.12%	18.93%	19.35%	16.59%	13.00%	8.06%	3.68%	1.18%	0.43%

Distribuição Percentual dos Alunos do 9° Ano do Ensino Fundamental por Nível de Proficiência

Distribuição dos Alunos por Nível de Proficiência em Língua Portuguesa

	Nível 0	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 6	Nível 7	Nível 8
Sua Escola	32.32%	17.17%	18.18%	25.25%	2.53%	4.55%	0.00%	0.00%	0.00%
Escolas Similares	34.49%	18.69%	15.77%	17.81%	8.83%	3.40%	0.55%	0.35%	0.12%

	Nível 0	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 6	Nível 7	Nível 8
Total Município	36.76%	16.88%	16.00%	16.79%	9.17%	3.20%	0.50%	0.46%	0.25%
Total Estado	22.42%	16.37%	18.98%	17.10%	13.42%	7.54%	3.26%	0.79%	0.11%
Total Brasil	16.74%	13.52%	17.32%	18.53%	16.17%	11.10%	5.01%	1.43%	0.18%

Distribuição dos Alunos por Nível de Proficiência em Matemática

	Nível 0	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 6	Nível 7	Nível 8	Nível 9
Sua Escola	24.75%	22.73%	31.82%	11.62%	4.04%	5.05%	0.00%	0.00%	0.00%	0.00%
Escolas Similares	20.80%	27.97%	22.67%	16.27%	9.02%	2.54%	0.51%	0.21%	0.00%	0.00%

	Nível 0	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 6	Nível 7	Nível 8	Nível 9
Total Município	24.02%	26.25%	24.12%	12.74%	9.71%	2.49%	0.67%	0.00%	0.00%	0.00%
Total Estado	17.44%	19.62%	21.29%	17.08%	12.79%	6.52%	2.89%	1.56%	0.65%	0.18%
Total Brasil	12.41%	16.48%	19.35%	18.58%	15.01%	9.44%	5.15%	2.41%	0.88%	0.28%

Médias de Proficiência

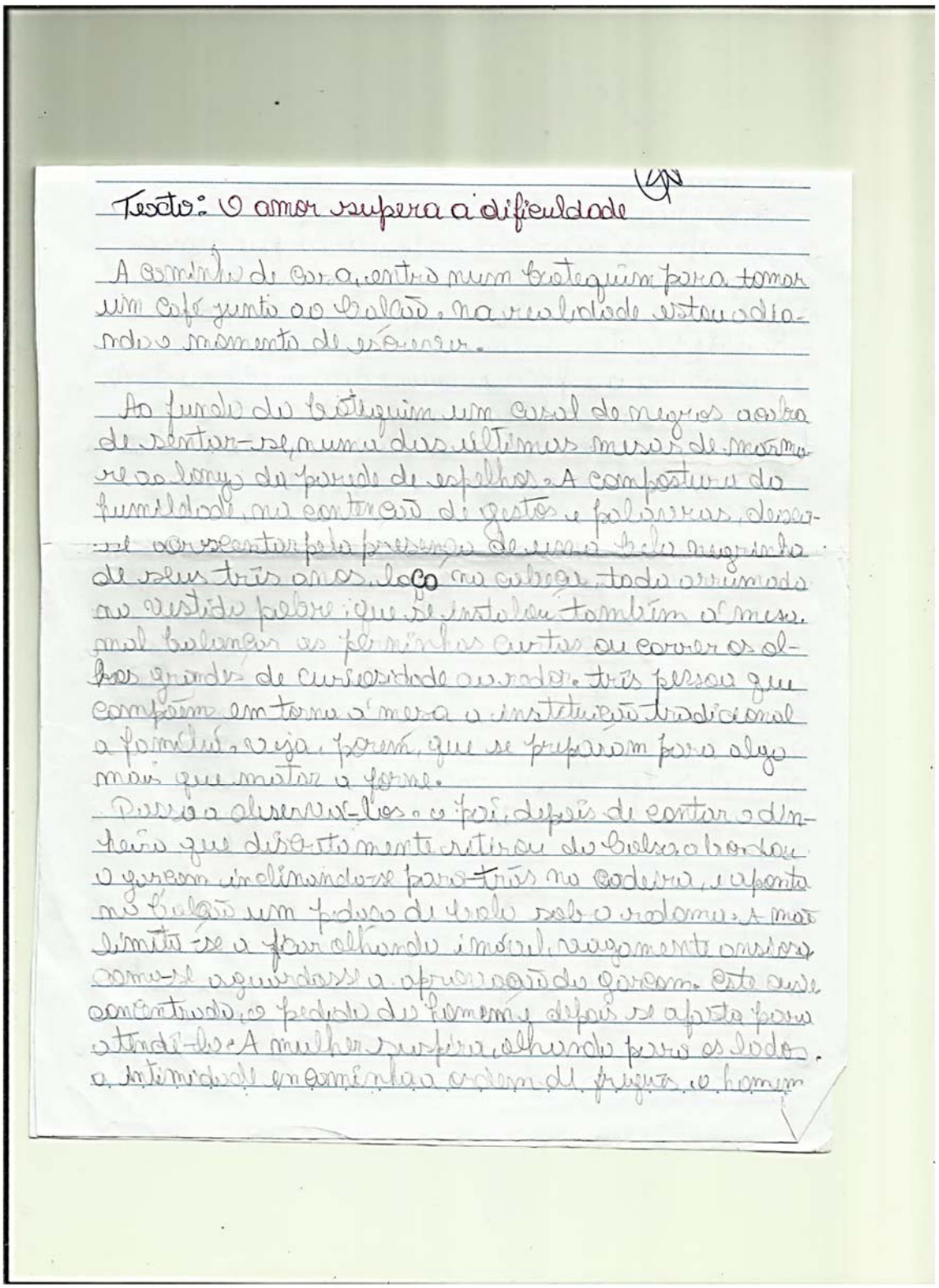
	5º Ano		9º Ano	
	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
Escolas Federais do Brasil	243.97	257.89	302.79	324.38
Escolas Estaduais do Brasil	210.13	222.33	247.02	250.53
Escolas Municipais do Brasil	200.21	212.49	243.56	246.62
Total Brasil	207.57	219.30	251.53	255.76
Escolas Estaduais do seu Estado	180.35	193.34	228.61	234.30
Escolas Municipais do seu Estado	185.44	196.91	234.07	237.64
Total Estado	192.76	203.73	240.03	244.66
Escolas Estaduais do seu Município	184.93	199.16	215.32	225.59
Escolas Municipais do seu Município	184.18	189.48	227.43	230.19
Total Município	184.52	193.85	220.09	227.40

	5º Ano		9º Ano	
	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
Sua Escola			218.99	224.57
Escolas Similares			222.44	230.00

Desempenho da sua Escola nas Edições da Prova Brasil	5º Ano		9º Ano	
	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
2011			211.42	223.18
2013			222.57	224.60
2015			218.99	224.57

INEP Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira — Ministério da Educação

APÊNDICES

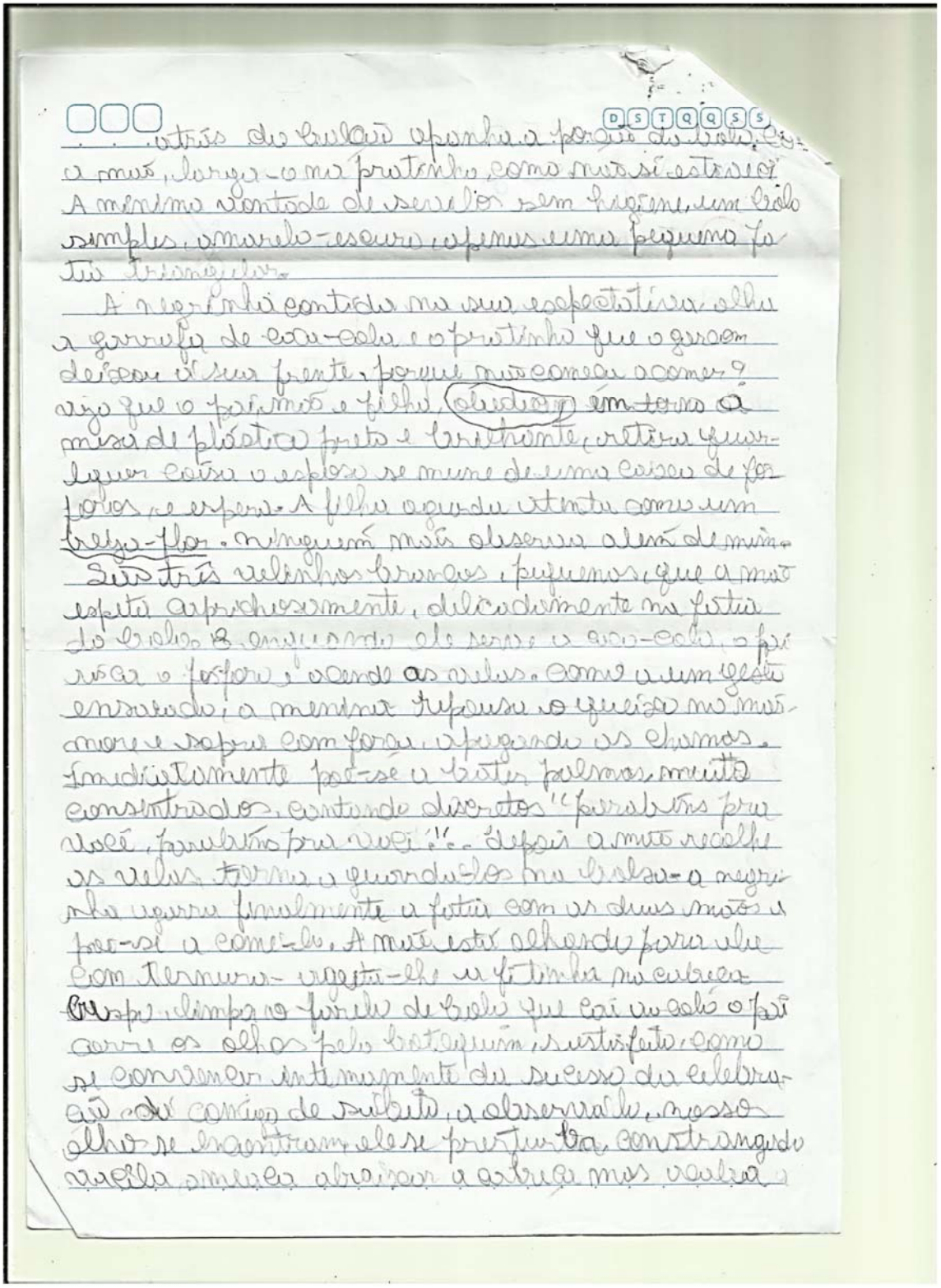


Texto: O amor supera a dificuldade

A caminho de casa, entro num botequim para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever.

Ao fundo do botequim um casal de negros acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma bela negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumada no vestido pobre; que se instalou também à mesa, mal balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três pessoa que compõem em torno à mesa a instituição tradicional a família, veja, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, abordou o garçom inclinando-se para-trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob o redoma. A mão limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como-se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados. A intimidade encaminha a ordem de frequês, o homem



... atrás do balcão apanha a porção do bolo, com a mão, larga-o na pratinha, como não se estivesse. A mínima vontade de sevilos sem higiene, um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.

A negrinha contida na sua expectativa, olha a garrafa de coca-cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente, porque não começa a comer? vejo que o pai, mão e filha, obedecem em torno à mesa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa o esposo se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda atenta como um beija-flor. Ninguém mais observa além de mim.

São três velinhos brancos, pequenos, que a mão espeta caprichosamente, delicadamente na fatia do bolo. E enquanto ele serve a coca-cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menina repousa o queixo na mão-mãe e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito concentrados, cantando discretos "parabéns pra você, parabéns pra você!". Depois a mão recolhe as velas, torna a guardá-los na bolsa - a negrinha agarra finalmente a fatia com as duas mãos e põe-se a comê-lo. A mãe está olhando para ela com ternura - ajeita-lhe a fitinha na cabeça. Cuspo, limpo o farelo de bolo que cai ao colo o pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como se convencer internamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido vacila, ameaça abaixar a cabeça mas acaba

D S T Q Q S S

sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso de alegria com Deus nas suas vidas.

(o Amor de Deus move o mundo)

nada que a sentão o amor da família supera mesmo com dificuldade.
não abaixa a cabeça.
não deixe ninguem pisar em você
você e capaz vai a luta com respeito, humildade.
Sor capaz você e capaz, nós somos capaz tenha fé, não desista um dia após o outro.

Crônica

A Realidade da nação

Respeito serra que é demais? discriminação, preconceito, Bullying, rasa cor. somos vingativos, quera ser como uma criança.

Vamos pensa? querer mais e mais respeito de menos a pior? ou respeito em primeiro luga. estou comesando uma bela crônica. (é o que acho)

Os jovens de hoje e as deslizada da vida.

Ao lado de nós uma sena frequente. em uma praça há coreria das pessoas e veículos em um inesperado momento estava caminando atento olhos bem abertos. para. vou atravesa a rua em uma faxa de pedestre os carros e veículos pasava e pasava rapidamente eu há espera tanto uma vés a passa dou a mão e nada volto para meu luga em pé esperando em estantes atravesa rapidamente como só atento olho para o lado um grupo de jovens

fazendo caderno. sutando lixeiras
há palavões e rindo como se fosse normal
fumando, não sei o que. as pessoas em vol-
ta observavam bem discretos, um deles
não estava em si mesmo olhos vermelhos
rindo a toa. foram em bora em minutos o
dezatre ficar. lixo pelo chão e a população ao
comentar que futuro terá esses jovens de hoje.
uma senhora fala com migo você ai jovem nun-
ca faça isso eu sei pela sua cara você e um
bom garoto. obrigado senhora já mais irei
faz essa atitude. muito bem jovem sempre se-
ja educado. tchau senhora obrigado pelo con-
selho, vá com paz e deus nós seus caminhos
jovem. e foi em bora pra onde estava indo
há farmácia.

Redação Título A Caminho do conhecimento

Então tudo aconteceu em uma segunda-feira a 9:30 da manhã: eu e meus colegas, a professora de história e ainí formos de ônibus para o casarão da cultura em Guarabira o caminho foi observando cada pessoas cada gasto: cor-cor, gente praca e prala unis trabalhando outros gastando dinheiro o movimento dos carros enfim chegamos decemos do ônibus paramos na frente do casarão e lembramos como era antes todo feio manchado, sujo e agora bem bonito limpo, organizado, entramos vimos o jadim verde e colorido diramos fotos adepos entramos no casarão conhecemos o que e arte naif? foi conceituado como arte de característica ingênua. observamos quadros de pintura de artistas também bunecos de bano de barro, agila a história de Guarabira mas o que mim chamou mais atenção foi a primeira maquina antiga de fimes em Guarabira com o material refosado todo de ferro. auta, conhecemos a família di cunha Rego enormi a história da estação ferroviária o trem que tinha em Guarabira vimos uma parte que não foi reformada como o auditorio entre outros locais, maquinas antigas como rodio, panelas de ferro entrumentos musicais etc. foi legal conhecemos um pouco da história de Guarabira e ao sai formos para casa com o pensamento bem longi imaginando como era Guarabira a 60 e 70 anos atrás.

cobra d'agua

(?)

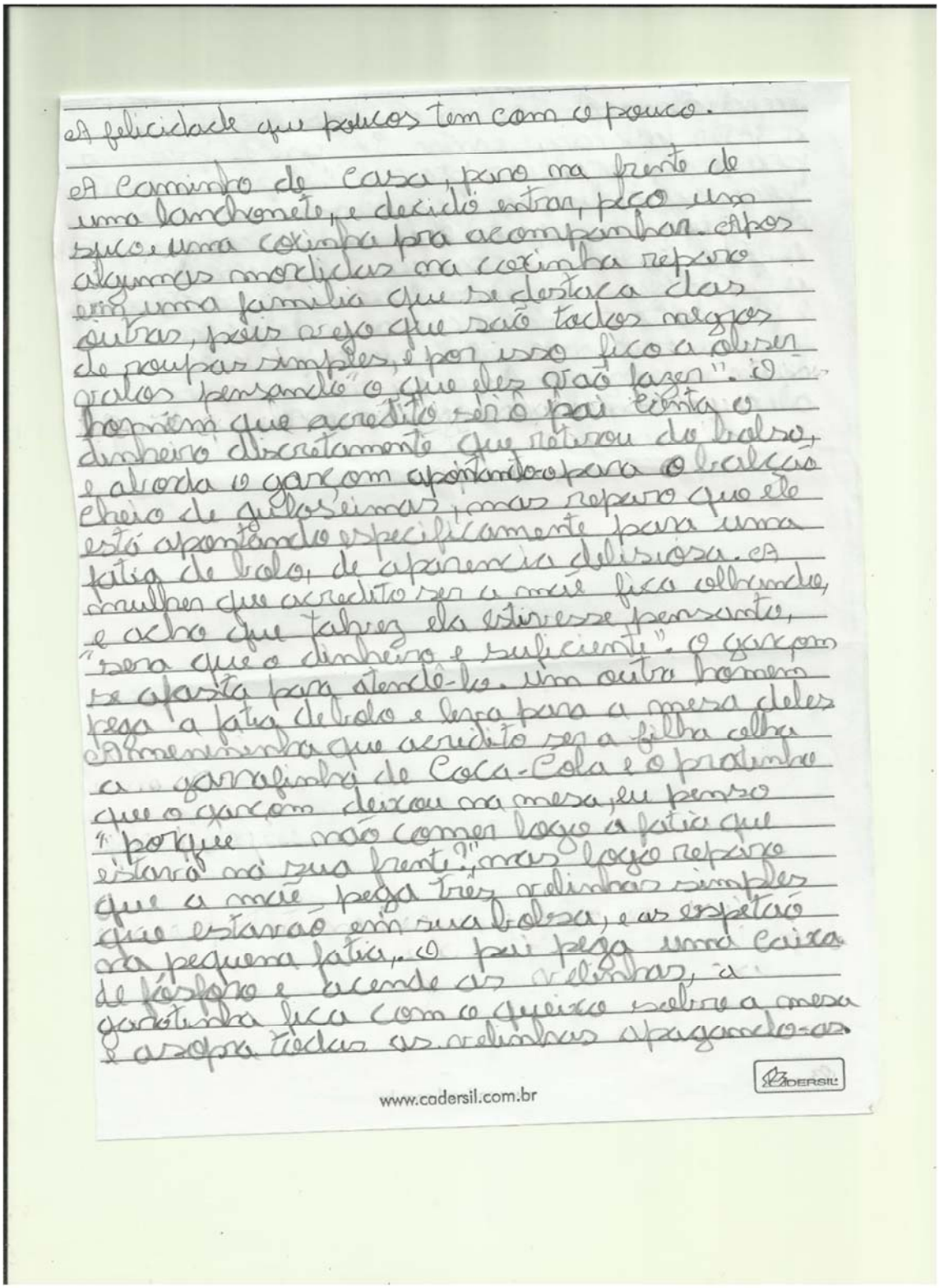
Dia 12 de agosto de 2016 foi rocha o colegio CEDHC/ deu o seu melhor e venceu uma Gincana estudantil, competil com varias escolas do municipio entre 6º até 9º ano do ensino fundamental. chegando no Ginazio zenobão formos os primeiros a chega com a cor verde de esperança a cor que contagia. somo do Dom Hélder entramos cantando e saimos brilhando com muito esfoso e forsa de vontade demos o nosso melhor a torcida era grande o colegio foi quase todo os professores estavão muito contente dando ordi para faz barulho e parra eu estava anciosa e confiante quando foi a vez do nosso colegio fiquei muito animade pulei gritei a professora Olionete foi a que mais encentivou. esplicou pulava cantava e vai vai rocha e outros colegios que falava que a gente do Dom Hélder não conseguia superamos vencemos demos a volta por cima somos educados respeitamos as escolas forão muito boais derão o seu melho. Cada escola Aprezentou bem mas a nosso vai melho vesemos a prova supreza e impatamos com 3 escolas e vencemos as outras ganha final das aprezentação abraçei meos professores mim despidie do meos colegas e foi em borra para Rodoviaria pego o onibus e não esperei para sabe qual era o colegio vencedor. foi para casa chuguei as 7:00 horas da noite cansando, com a vós roca as pernas duidas mas gostei muito marca vou lembra d'aquel momento da minha infancia.

cobra d'agua

A Convivencia e a Realidade

Como quero sabe o que aconteceu a muitos anos atras. o jeito das pessoas como elas vivia o modo de convivencia entre as Familia e amigos. si elas eram muito agitadas com o dia a dia em trabalho ou mais paciente. si respeitavam uns as outros. não digistia, sempre conseguia as coisas com o esforço do trabalho com honestidade, educação sinceridade que olhava sempre para frente não deixava o odio toma a direção com seus em primeiro luga si gostava de ajudar o proximo ou não? Eu sei que sempre existio pessoas mas e boas deisti quando Eva comeo do fruto do pecado e deo para Adão. então para o meu conhecimento as pessoas que viviam a muitos anos atras eram mais digna tanto que agora sim existe muitas pessoas boais. as vezes para para pensa como seus e tam perfeito criar o céu a terra o homem para construi a sua Familia. lembro quando mim entendie por gente que tudo não é como é a rosa mais bela sempre tem espinhos. como quero sabe si nos e as novas criaturas que vem a conhecer o mundo si daqui pra frente vam ter um futuro melhor com gente educada com compaixão fé no Criador mas so o tempo dira. enfim curiozidade sempre tenho de conhecer como era antes e daqui a decadas. vamos tenta o masimo pocivel agradecer a seus por tudo faz boais conquistas marca os momentos bomis e lembre que so você pode muda o que é. pare pense e imagine um novo momento novo luga vova conquista, sorriso aberto para quem ama.

Textos do Aluno 2



A felicidade que poucos tem com o pouco.

A caminho de casa, parei na frente de uma lanchonete, e decidi entrar, pedi um suco e uma coxinha pra acompanhar. Após alguns mordidas na coxinha reparei em uma família que se destaca das outras, pois creio que são todos magros de poupar simples, e por isso fico a olhar eles "pensando" o que eles irão fazer". O homem que acredito ser o pai conta o dinheiro discretamente que retirou do bolso, e aborda o garçom apontando para o balcão cheio de quitutes, mas reparo que ele está apontando especificamente para uma fatia de bolo, de aparência deliciosa. A mulher que acredito ser a mãe fica olhando, e acho que talvez ela estivesse pensando, "será que o dinheiro é suficiente". O garçom se afasta para atendê-lo. Um outro homem pega a fatia de bolo e leva para a mesa deles. A menininha que acredito ser a filha olha a garrafinha de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou na mesa, eu penso "porque não comem logo a fatia que estarão na sua frente?" mas logo reparo que a mãe pega três velinhas simples que estavam em sua bolsa, e as espetam na pequena fatia. O pai pega uma caixa de fósforo e acende as velinhas, a garotinha fica com o queixo sobre a mesa e assopra todas as velinhas apagando-as.

www.cadersil.com.br

Imediatamente todos os três começão a bater palmas, e cantar baixinho "parabéns pra você, parabéns pra você". Depois a mãe pega as velinhas e guarda-as no bolso. A meninha agarra com uma enorme vontade a fátia de bolo e come-a, e depois bebe a Coca-Cola. Os pais a observam com temura e felicidade sabendo que a celebração foi um sucesso. Ao sair a pai olha para mim invergonhado, mas mesmo assim abre um sorriso e vai embora.

CADERSIL www.cadersil.com.br

Um dia

Como todos os dias eu acordei de manhã ainda com sono e fui escovar os dentes, tomei banho, troquei de roupa, fui comer e depois escovei os dentes de novo, depois eu saí de casa e fui para casa do meu vizinho esperar o ônibus, e conversar um pouquinho. Após uns minutos chegou o ônibus, entramos e sem perceber chegamos a escola, ao entrar na sala de aula eu deixei minha bousa e saí para ver se os professores tinhão chegado, depois fui para sala. Logo ao fim das aulas eu achei que as horas tinhão passado rápido.

Eu e meus amigos fomos para rodoviária, esperar o ônibus, eu joguei no Celular um tempo para passar mais rápido as horas, e porque não tinha o que fazer, quando menos esperava aparecerão alguns policiais, eu fiquei assustado, pois se eles estavão lá é porque tinha alguma coisa seria acontecendo. Após algum tempo vinhão vários policiais para revistar um ônibus, e mandarão agente sair da cadeira. Um tempo depois os policiais entrarão em um ônibus e mandarão que todas as pessoas saiçem. Todas as pessoas forão revistadas uma por uma, e cada vez mais aparecian pessoas com curiosidade de saber o que estava acontecendo. Após algumas pessoas serem revistadas minha amiga I

que os policiais tinhão pegado uma pessoa, e depois pegarão outra, eu pensei que essas pessoas erão muito perigosas, pois quando vi tinha muitas viaturas espalhadas pela rodoviária. Quando as viaturas forão embora levando os presos, tudo voltou ao normal, e todas as pessoas que estavão olhando com curiosidade forão embora.

O passeio para o conhecimento da cultura

O casarão da cultura foi reformado e renovado no dia 18 de junho. No fundo do casarão a um jardim colorido que transmitia harmonia, felicidade, além de encontrarmos as pessoas que amando fez, que combinavam com a paisagem do jardim. Quando entramos no casarão encontramos várias pinturas, e vimos em vários quadros uma arte chamada "arte naif", que é uma arte bastante colorida que expressa a cultura diversidade e beleza em suas cores maravilhosas.

Depois de lermos alguns cartazes que explicavam algumas coisas, fomos olhar os "antes", e eu achei um jarro que amando fez e fiquei impressionado com a dificuldade de fazer uma flor, que tinha no jarro, e além do jarro, há várias esculturas e artesanatos com uma dificuldade extrema em se fazer mais o resultado é lindo e expressa o sentimento, ideia e imaginação dos artistas. Após algumas olhadas fomos para um encontro lá, e vimos vários objetos que foram utilizados a um tempo atrás e mostrou uma certa dificuldade de em se utilizar. Logo fomos ver uma foto com algumas pessoas da família Lourdes Rego que pareciam estar contentes naquela época. Depois fomos observar as fotografias de um quarto onde tem algumas fotos das etapas da reforma. Uma jovem falou que o objetivo é expandir a cultura e valorizar os artistas, isso mostra a importância desse casarão que é muito importante.

www.cadersil.com.br

A 1ª gincana.

No dia da gincana todos estavão anciosos para começar, pois nos vimos que estava muito difícil a competição, que tinha 6 colégios e a maioria com a reputação melhor do que o nosso. Ao começar nos tivemos animação, alegria e muito barulho na torcida que a maioria de nós participa. No desfile nos fizemos bonito, com uma torcida muito barulhenta e animadora. Após um tempo começarão as provas da gincana, que com força de vontade nos fizemos provas maravilhosas que nos garantirão uma boa pontuação, em todas as provas todos virão lindas coriografias, e respostas que nos tinhamos ensaiado e estudado com muito esforço, para não fazer feio na hora. Tinha uma prova que eu não sabia que iria participar, mas com meus amigos nos fizemos bonito, e conseguimos uma boa pontuação que nos garantio um lugar melhor no ranking. Ao chegar a minha prova com Renam, eu fiquei nervoso mas sabia que o que fizessimos estava bom, e foi isso que aconteceu apezar de não ganharmos, nos fizemos uma bela prova, além do mais "ninguém é perfeito". Passada algumas provas eu tive que ir embora, e no outro dia soube que nos tinhamos ganhado em 1º lugar, e fiquei feliz só que não fiquei muito surpreendido, pois já sabia da capacidade de todos.

www.cadersil.com.br

A Última Crônica

Amanheceu, o sol apareceu com um raio de luz encandecente até o horizonte, cuidei em fazer os meus deveres, depois fui caminhar e pensei na minha história:

- O que devo escrever?

Logo vi que não seria fácil, pois minhas ideias voaram. Distraído não percebi que poderia reescrever algo do cotidiano ao meu redor. Após tentar ficar em uma só ideia, acabei pensando em várias que não se encaixaram e nem se completaram, chateado sentei em uma cadeira que estava na minha frente, parei de tentar me sufocar com minhas ideias, respirei devagar, e logo me acalmei.

Depois de alguns minutos sentado, reparei em um menino que estava sozinho jogando bola, ele deu um chute na bola tentando acertar no gol, mas a bola acabou indo parar numa árvore, ele estava tentando alcançar a bola, tentou subir na árvore, mas acabou caindo, e ao cair ele me avistou e não falou nada só se levantou e foi tentar denovo alcançar a bola. Se levantei, e fui perguntar se ele queria ajuda, mas ele falou "não" e eu andei para cadeira e sentei. Após várias tentativas e vários tombos ele desistiu, e foi para perto de mim, ficou com o rosto para baixo, respirou e começou a falar:

- Oi desculpa pelo mal feito que tinha

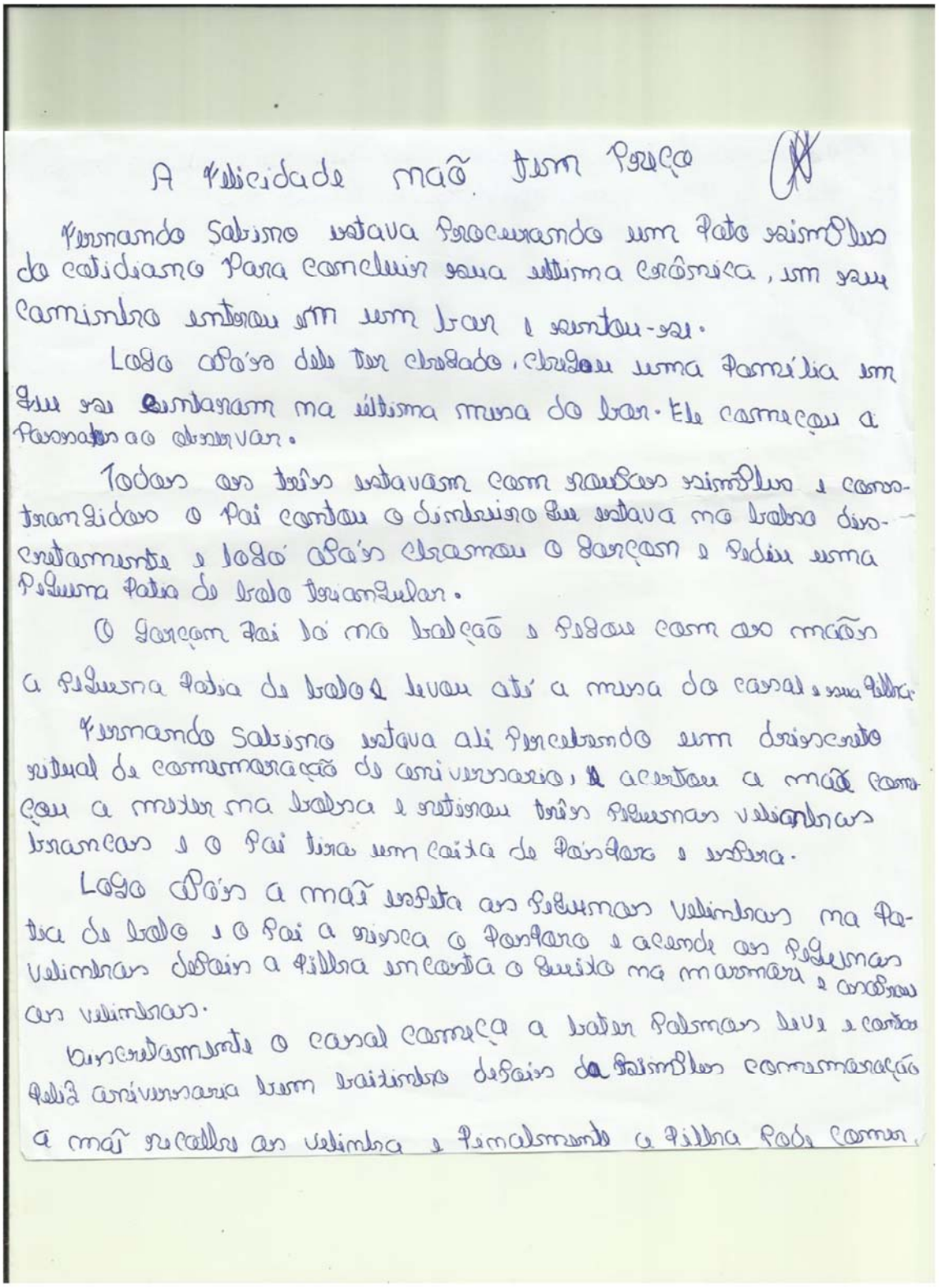
falando com o senhor, mas, por favor tem como o senhor pegar minha bola?

Logo respondi:

- Eu ti desculpo, e vou pegar sua bola mas lembresse que as vezes todos precisão de ajuda para algo.

Quando devolvi a bola para o garoto, ele agradeceu por pegar a bola, e pelo conselho com um abraço e depois foi embora.

Textos do Aluno 3



A felicidade mão tem preço

Fernando Sabino estava procurando um fato simples do cotidiano para concluir sua última crônica, um seu caminho entrou em um bar e sentou-se.

Logo após ele ter chegado, chegou uma família um pai e seu filho entraram na última mesa do bar. Ele começou a observar.

Todos os três estavam com roupas simples e constrangidos o pai contou o dinheiro que estava no bolso discretamente e logo após chamou o garçom e pediu uma pizza para do bolo triangular.

O garçom foi lá na cozinha e pegou com as mãos a pizza pela da bolo e levou até a mesa do casal e sua filha.

Fernando Sabino estava ali percebendo um diferente ritual de comemoração do aniversário, e acertou a mãe começou a mexer na bolsa e retirou três velinhas brancas e o pai tira um caixa de fósforo e acende.

Logo após a mãe espeta as velinhas na pizza do bolo e o pai a pega o fósforo e acende as velinhas depois a filha encosta o queixo na mesma e apaga as velinhas.

Discretamente o casal começa a bater palmas leve e canta feliz aniversário bem baixinho depois da simples comemoração a mãe recolhe as velinhas e finalmente a filha pode comer.

a pequena fatia de bolo..

O casal por sua filha está muito feliz eles também estavam, por conhecidência o olhar do pai se encontra com o de Fernando Sabino e o pai fica constrangido quase que baixa a cabeça mais acaba sustentando e abre um belo sorriso

E Fernando Sabino assim concluiu sua ultima crônica pura e feliz como o sorriso daquele pai.

Riqueza.

Qual a verdadeira riqueza desse mundo? No dicionario é sinônimo de abundancia, ostentação e luxo. Mas acredito que esteja longe disso. Recentemente tive dois exemplos claros de que a riqueza de fato está contida em outra fonte. Vi um programa que mostrou a história de um senhor heptagenário que possui três empregos humildes, acorda as 4:00 para comecar a rica jornada de trabalho, adorado por todos habitantes da pacata cidadezinha. Quer saber se é infeliz? Seu sorriso espontâneo a todo momento responde essa pergunta. Quer outro exemplo? Há alguns dias fui hospedado na casa de um grande amigo. Casa simples que acompanha uma simples e linda. A todo momento sou questionado se eu estou sendo bem

www.cadersil.com.br

CADERSIL

tratado. A todo momento recebo pedido de desculpas por qualquer falha na hospedagem. Para minha supresa encontro uma mesa farta sempre e quando digo farta não significa nenhuma ostentação. Encontro também uma mãe autônoma que cria seus filhos com muita intuição e amor. Intuição que é expresso no coroção bondoso de seus filhos ajudado por um padrasto carinhoso e dedicado. Sou uma pessoa rica, sou a medida que aprendo com o senhor heptagenario e charo com a sua história de superação. Sou a medida que extraio dessa familia todas as qualidades que preciso para ter uma familia verdadeiramente rica de sentimentos e preceitos de vida. Quero viver dessa fonte de forma insgatável

CADERSIL www.cadersil.com.br

Casarão da cultura

Guaratinga ganhou mais um Patrimônio Para a População no dia 18 de junho de 2016 a Prefeitura entregou o casarão da cultura O espaço que pertenceu a importante família de comerciantes, tendo como Patriarca José da cunha Rego, localizado ao lado da Praça João Pessoa, encontrava-se abandonado e sendo demolido aos Pouco pelo tempo. Foi quando a atual Gestão municipal o desapropriou, ganhou e realizou sua requalificação, onde no local funcionam o museu da imagem e do som a Galeria de arte Sacra, o museu de arte Popular e o memorial dedicado a Família cunha Rego.

O mais novo Equipamento educo-cultural de Guaratinga também homenageia um grande vulto da cultura, educação e comunicação local trata-se do saudoso Professor José Barbosa da Silva - Irmão do também Professor Vicente Barbosa atual diretor do memorial do cordel

www.cadersil.com.br

José camelo de nilo Resende, O Casarão é agora mais um Ponto turisco a ser Visitado em nossa cidade

CADERSIL www.cadersil.com.br

Gincana

A Gincana 2016 foi no centro de Guarabira no Estadio de esportes Zenobão no dia 12/08/16 foi uma grande festa e acontecimento entre as escolas municipais.

A Gincana teve como objetivo a arrecadação de produtos de limpeza para ajudar o abrigo dos idosos que fica situado em nossa cidade

No Zenobão estava uma festa contagiante em muitas escolas levaram seus instrumentos musicais para fazer barulho na hora que a escola acabava-se de apresente.

No estadio estava uma alegria contagiante já que havia muitos alunos torcendo para as suas escolas.

As 3:00 da tarde iniciou as seções de provas foi aí que a maioria das escolas fizeram silêncio para não atrapalha a escola que estava se apresentando.

Enquanto as outras escolas apresentavam os professores já ficavam preocupados em ver se os alunos das prova seguintes estavam todos mais num fim acabou tudo bem.

No final de todas as provas o locutor encerrou falando: "A Equipe vencedora é a equipe rocha da Escola Dom Helder Câmara".

Foi aí que os alunos que estavam ainda lá foram

www.cadersil.com.br

Com uma alegria imensa e a ansiedade de dizer
que era da escola Dom Helder Câmara.

www.cadersil.com.br

A ultima crônica de

Só Temos uma chance

Sonhei com Que você Quiser vá
Para onde você Quiser ir
(Seja o Que você Que ser PorQue
você só Possui apenas uma vida e
nela só temos uma chance de fazer
aQuilo Que Queremos)
(Tenha felicidade bastante Para fazê-la
doer. Dificuldade Para fazê-la forte. Tris
teza Para fazê-la humana, esPeran-
ça suficiente Para fazê-la feliz)
Seja humilde nas horas Que
for necessário Pense no seu Prximo
mas só no seu Eo. Pois a vida
nos da chances entre o bem e o
mal então temos Que escolher
entre o caminho a seguir mais tem
caminho Que só temos uma chance
Para ser feliz

"UM NOVO OLHAR"

Apresentamos nesta encadernação um conjunto de produções textuais realizadas por alunos do 9º A, da escola municipal *locus* da nossa pesquisa, no ano de 2016.

Os textos, aqui publicados, foram resultados de um projeto de leitura e escrita desenvolvido na sala de aula, intitulado "Um novo olhar", pela professora de Língua Portuguesa, com a finalidade de despertar no aluno o gosto e o hábito de ler e escrever.

Inicialmente, foi preciso tornar esse trabalho significativo para os alunos. Para isso, foram realizadas leituras de textos do gênero crônica, textos que apresentam uma linguagem, muitas vezes coloquial e que narram fatos do cotidiano. Em seguida, despertamos a importância em aprender a observar o cotidiano social e cultural, no qual os alunos estão inseridos. Depois, foram realizadas leituras significativas de momentos da vida de cada um e no final eles produziram textos que narram fatos do cotidiano.

Na primeira parte, estão os textos relacionados ao tema "Gincana Cultura", evento promovido pela Secretaria de Educação do município, no qual os alunos foram sujeitos agentes para que ocorresse a concretização do evento.

Na segunda parte, estão as produções textuais relacionadas ao tema "Casarão da Cultura", patrimônio cultural da cidade de Guarabira, visitado pelos alunos durante uma aula de história.

Por último, estão textos que narram fatos pessoais ocorridos no cotidiano dos alunos.

Com esta publicação, damos significados às produções textuais, que deverão ser compartilhadas com a comunidade escolar. Mostrando que, quando os alunos passam a ser sujeitos ativos, tudo passa a ter um significado no processo de leitura e escrita.

Gincana Cultural

Gincana

Quando eu soube que iria haver uma gincana entre alguns colégios de Guarabira, que os professores falaram sobre as provas, que 20 alunos iriam competir, foi uma correria só.

Os professores falaram sobre as provas que seriam: o grito de guerra, o grupo de dança, a apresentação da equipe, o quebra-cabeça e qual colégio conseguia arrecadar mais alimentos e produtos de limpeza. E também cada colégio teria que criar uma página no facebook com a foto da equipe e ver quem conseguiria mais curtidas.

No dia da gincana estudantil, quando cheguei no ginásio do Zenobão, lá estavam os colégios que iam competir na gincana estudantil.

No final da competição ficou um suspense muito grande, mas quem conseguiu sair com a vitória foi o Centro Educacional Dom Helder Câmara.

Aluno (I)

A gincana do Dom Hélder

A gincana do Dom Hélder foi muito boa, tinham várias escolas. Ficou linda. Cada colégio mandou fazer uma camisa que representava a sua escola na gincana.

No dia da gincana estudantil, quando eu cheguei lá no ginásio do Zenobão encontrei outros colégios que iam competir contra a minha escola o Centro Educacional Dom Hélder Câmara. Os outros colégios eram o Osmar de Aquino, o Raul Mouzinho, o Sebastião Bezerra e etc.

Mas no final da competição quem ganhou a gincana estudantil foi o meu colégio que comemorou muito a vitória da ROCHA.

Aluno (II)

A gincana

A emoção começou na hora de ir para o Zenobão. Quando chegamos lá, vimos que nós erámos a escola que estava se destacando, pois, todos os alunos estavam com a camisa verde, a cor da esperança. As outras escolas estavam bonitas, mas não como a nossa.

Fizemos tudo que estava ao nosso alcance e saiu como esperávamos. Participamos de todas as provas. Mas teve uma coisa que não gostamos. A abertura foi feita pela banda marcial do Osmar de Aquino que durante a apresentação ficou agitando a torcida deles e isso não podia naquele momento. Os professores não gostaram e foram reclamar dizendo que as outras escolas estavam em desvantagem. Ai, eles pararam de agitar a torcida e fizeram a apresentação da abertura.

Depois foi a vez das escolas se apresentarem, a primeira escola foi a representada pela equipe dos Inabaláveis e em seguida a equipe Rocha seguida dos outros colégios.

A prova surpresa foi importante porque nós ganhamos e conseguimos marcar pontos extras. Em todas as provas nós fomos bem aplaudidos. Cantamos a paródia que fizemos e depois tive que ir para casa porque moro muito distante.

Quando cheguei em casa fiquei pensando sobre qual escola iria ganhar. Quem seria a equipe campeã? Só mais tarde uma amiga esteve lá em casa e falou que a equipe Rocha ganhou. Naquele momento eu comecei a pular de alegria. Esse foi o dia da gincana, o dia em que pegamos nossa honra de volta.

Equipe Rocha é campeã.

Aluno (III)

Gincana

Bem a gincana para mim foi algo de muita alegria, pois nós trabalhamos em equipe todos juntos. Fomos para as ruas pedir produto de limpeza para cumprir uma de nossas provas e ocorreu tudo muito bem.

Foi tudo organizado, as danças de acordo com as músicas, a padronização das camisas. Foi de grande satisfação está nessa gincana, pois estávamos ali na torcida gritando, pulando de alegria, cantando com a galera que estava na equipe verde.

Tive a sensação de que nunca irei esquecer desse momento de brincadeira, momento de diversão. Então valeu a pena nossa agitação, porque conquistamos mais um troféu para nossa escola, que ela merece. Por isso somos ROCHA.

Aluno (IV)

Gincana

A gincana foi muito boa porque houve brincadeiras, alegria e também paz. Essa gincana trouxe muitas coisas divertidas e me ensinou que nada se vence com brigas, chutes, ou seja, com violência.

Todos com calma, alegria e amor. E todos nós vencemos com união, todo mundo unido, um ajudando o outro com o que pode: material de limpeza, ensinando a dançar e muitas outras coisas.

As danças trouxeram muita energia, tinha banda e tudo mais. Todos deram o melhor para poder ganhar a gincana. E todos nós vencemos, saímos com o troféu nas mãos. Falaram que nós erámos poucos, mas aquele pouco mostrou que tinha atitude. E mesmo se não tivéssemos vencido sairíamos com o mesmo sorriso que entramos. Mesmo com humildade vencemos e somos felizes por ter alcançado a nossa meta e gostamos muito de ter participado.

Aluno (V)

Gincana

Eu estava na sala de aula quando a diretora da escola veio avisar que ia ter uma gincana. Confesso que fiquei surpreso, porque eu estudo a nove anos e nunca teve uma gincana nas escolas.

A professora de libras passou uma paródia de Weley Sabadão, ficou bacana. E quando fizemos o rap da equipe Rocha foi muito emocionante.

Não fui para a gincana porque não tive tempo e tinha muitos familiares na minha casa. Mas curti a página e convidei os meus amigos e alguns deles curtiram a página também e falaram que era legal pois tinha coisas sobre Educação.

Na quinta-feira antes de começar a gincana, eu estava muito confiante de que a nossa equipe iria ganhar. Eu estava no grupo do whatsapp da equipe e todos falando que íamos ganhar em primeiro lugar. Quando deu cinco horam, o grupo silenciou, ninguém falava no grupo e eu em casa com o celular na mão para saber o resultado.

Quando o resultado da gincana saiu, as pessoas no grupo começaram a falar que a equipe verde tinha ganhado e eu não acreditei. Fiquei perguntando no grupo se era verdade. Fiquei em casa pulando de alegria e gritando bem alto que nós tínhamos ganhado...

Aluno (VI)

Equipe Rocha

A gincana de sexta-feira foi o melhor dia para mim e para toda escola. A equipe ROCHA do Dom Hélder foi a melhor da gincana e do Zenobão.

No começo, o Osmar fez muito medo por causa da apresentação na abertura. E aquela menina com a saia muito curta mostrando a poupa da bunda. E também na hora que disseram cadê a torcida dos inabaláveis. Mas a torcida da equipe Rocha depois demostrou que era melhor.

A primeira escola a se apresentar foi o Osmar e em seguida foi o Dom Hélder com sua equipe Rocha. No começo tive muito medo, depois superamos esse medo, principalmente quando ganhamos 50 pontos na prova surpresa do quebra-cabeça que nos ajudou. Ganhamos, superamos a luta e fomos os melhores da gincana.

Aluno (VII)

A gincana sensacional

A equipe Rocha foi sensacional, os esforços, as vibrações, as torcidas. Valeram a pena tudo o que nós fizemos. Não fiquei até o final, mas sei que a equipe Rocha arrasou com as danças, com os jogos e com a música.

Todos ajudaram com uma coisa ou outra, cada um fez a sua parte, todos se esforçaram bastante.

Lá na gincana, no começo, pensei que nós íamos perder. Depois pensei positivo e disse não, o Dom Hélder vai ganhar, porque colaborou com o silêncio, diminuíram a batida dos instrumentos musicais. Mas o Osmar não, ficaram bagunçando.

Valeu a pena tudo o que nós fizemos para ganhar e sair vitoriosos com o troféu nas mãos. Ficamos felizes da vida.

Nunca tinha ido a uma gincana. Confesso que gostei muito dessa que teve. Eu amei, foi tudo perfeito. Todo mundo feliz, todo mundo contente com o sorriso no rosto.

É isso, a equipe Rocha jogou com garra, com força e com atitude.

Aluno (VIII)

Gincana estudantil

Um momento que marcou minha vida foi o dia da gincana. Quando chegando lá havia várias escolas que iriam participar e o colégio que estava mais se destacando com a cor verde era a nossa equipe. E as outras escolas falavam que a gente não ia ganhar.

Antes de começar as provas teve apresentação de danças e da banda marcial da escola que também estava competindo. Enfim, chegou o momento da primeira prova que valia cinquenta pontos e a nossa escola, equipe Rocha, ganhou essa e outras provas também.

A organização estava ótima, nossa escola se esforçou muito, foram vários ensaios e foi muito bom. Só não gostei da discussão, que teve entre dois alunos, mas isso não atrapalhou.

Quando falaram o nome da equipe que ficou em segundo lugar e não foi a nossa. Ficamos triste porque pensamos que iríamos perder, mas quando falaram que com a diferença de dez pontos, em primeiro lugar, ficou a equipe Rocha, todos saíram gritando e felizes. Tiramos muitas fotos.

E foi assim a nossa gincana, a escola trouxe o troféu para a escola.

Aluno (IX)

Gincana

Desde o momento em que eu cheguei no Zenobão vi aquela alegria na equipe do Dom Hélder e fiquei impressionado com aquelas pessoas que estavam lá. Isso me fez sentir mais confiante, que nós iríamos ganhar essa gincana e que iríamos surpreender todas as escolas.

Foi o que nós fizemos. Surpreendemos todo mundo com as meninas dançado e com a nossa torcida. E o que eu mais gostei foi a parte dos professores alegres e não pareciam cansados.

E foi isso. Não importa o tamanho da escola e nem a quantidade de alunos. O que realmente é importante é ter responsabilidade e acreditar que vai vencer.

Aluno (X)

Somos campeões

A Secretaria de Educação de Guarabira convidou as escolas para participar de uma gincana no ginásio de esportes O Zenobão. O Dom Hélder Câmara foi uma das escolas.

Os alunos se organizaram para que a escola chegasse a ganhar. Uns começaram os ensaios para fazer as apresentações. Outros saíram pelas ruas do bairro para pedir material de limpeza que seria doado ao abrigo dos idosos. Todos os dias tinha ensaio da paródia e do grito de guerra.

Os alunos de outras escolas diziam que iam ganhar, mas o Dom Hélder fez de tudo para ficar em primeiro lugar. No dia 12/08, à tarde, ficamos sabendo que a nossa escola era campeã e provamos que quantidade não era qualidade. Pois a qualidade dos alunos da nossa escola surpreendeu todas as outras, pois o Dom Hélder é campeão.

Se liga aí galera no que eu vou te dizer: Somos da equipe verde e viemos para vencer. Alunos do Dom Hélder com determinação, vamos chegar na escola com o troféu na mão.

Aluno (XI)

Equipe Rocha

No começo das preparações da gincana eu não quis participar pois não me interessava. Mas a professora de Geografia, em uma aula, falou sobre a gincana de uma forma tão legal que eu me interessei. Ela me animou para participar, disse que nós éramos capazes de vencer, pois se cada um fizesse um pouco poderíamos mostrar a todos como somos capazes. A professora também nos disse que "quantidade não é qualidade".

Cada vez mais fomos nos animando. Disseram que éramos vândalos, que os alunos do Dom Hélder eram um "pingo", mas nós mostramos a essas pessoas que tínhamos educação, respeito e qualidade pois nunca devemos pisar nos outros.

Chegou o dia e fomos ao Zenobão. Cada escola com suas músicas, danças e fardas. Nós apresentamos da melhor forma possível, ganhamos as provas e mostramos a essas pessoas que nos chamaram de vândalos que tínhamos muita educação.

No final da gincana, estávamos muito impacientes esperando o resultado que finalmente saiu: "O Dom Hélder em primeiro lugar". Mostramos a todos o quanto o CEDHC tinha e tem união, amizade e compromisso.

Essa foi a nossa primeira gincana, mas eu sei que virão outras e os alunos irão mostrar o mesmo compromisso.

Equipe Rocha, vencedora!

Aluno (XII)

A gincana

Dia 12 de agosto de 2016 foi rocha, o colégio CEDHC deu o seu melhor e venceu a Gincana Estudantil, competiu com várias escolas do município entre 6º até 9º ano do ensino fundamental. Chegando no ginásio Zenobão, formos os primeiros a chega com a cor verde da esperança, a cor que contagia, somos do Dom Hélder, entramos cantando e saímos brilhando com muito esforço e força de vontade demos o nosso melhor.

A torcida era grande e o colégio foi quase todo, os professores estavam muito contentes dando ordem para fazer barulho e avisando quando era para fazer silêncio. Eu estava ansioso e confiante, quando foi a vez do nosso colégio fiquei muito animado, pulei e gritei. A professora Elianete foi a que mais incentivou, explicou que falavam que a gente do Dom Hélder não conseguia superar os obstáculos, mas vencemos, demos a volta por cima, somos educados e respeitamos as outras escolas.

Cada escola apresentou bem, mas a nossa foi melhor. Vencemos a prova surpresa e empatamos com 3 escolas e vencemos as outras. No final das apresentações, abracei os meus professores, despedi dos colegas e foi embora para a Rodoviária pega o ônibus e não esperei para saber qual era o colégio vencedor. Fui para casa, cheguei às 7:0 horas da noite, cansando, com a voz roca, as pernas doídas, mas gostei muito. Aquele momento da minha infância marco muito e vou lembrar sempre.

Aluno (XIII)

Vencemos

A gincana foi bem legal e divertida. Isso foi muito importante para a escola pois ela pode competir de igual para igual com outras escolas municipais. Nossa escola foi campeã. Foi tudo muito organizado, não houve confusão nem discursão.

A nossa união construiu a força para a gente vencer a gincana. Todos juntos por um só objetivo – vencer a gincana. O nosso esforço valeu a pena. Vencemos e estamos orgulhosos pela nossa escola.

É tão bom quando vamos para uma competição, competimos e voltamos campeões.

Aluno (XIV)

A vitória

O importante é que eu e meus amigos de sala de aula conseguimos essa vitória, que significou muito para todos nós.

Batalhamos desde o começo e finalmente conseguimos a vitória. Isso para nós foi muito bom e provou que nós somos inteligentes.

E se não fosse os professores nos ajudando e dando forças, nós não tínhamos conseguido vencer.

Então nós provamos que podemos. Conseguimos passar em todas as provas da gincana, batalhamos muito e conseguimos enfim a vitória.

Aluno (XV)

O Casarão da Cultua

O casarão da cultura

No casarão da cultura achei as artes legais e bacanas. Muitas artes perfeitas. Na casa tem muitas coisas que a pessoa fica impressionada mesmo sendo um casarão antigo as coisas que têm lá são bonitas.

E o jardim. Aquelas flores com aqueles pássaros, gostei muito.

Lá também tem a máquina de projetar filmes no cinema de antigamente, a caixa de guardar dinheiro, os rádios antigos. E os bonecos que têm lá?

Mas o que mais me chamou a atenção foi o projetor de filmes. Fiquei impressionado com aquela máquina, como ela funcionava. Acho que no tempo desses filmes as pessoas sentiam uma grande emoção quando assistiam o filme no cinema. E as mulheres que passavam roupas com aqueles ferros que esquentavam no carvão? Deviam sentir muito calor, deviam sofrer bastante para trabalhar e sobreviver.

Fico imaginando também a emoção das pessoas escudando aqueles rádios. Parece que lá no casarão o tempo não passou.

Aluno (XVI)

Casarão da Cultura

O casarão da cultura, espaço de preservação do patrimônio cultural de Guarabira foi transformado e requalificado para abrigar três Museus e um Memorial, o de arte popular. Com uma exposição sobre as manifestações do artesanato em suas mais variadas formas e materiais. A arte Naif foi conceituada como uma arte de característica ingênua, instintiva, original, feita com uma forma de amor, que demonstra ternura.

O jardim tem um ar de mistério, parece um jardim verde encantado. As pessoas que estavam lá olhavam de forma tão curiosa aquela paisagem e os retratos que tem dentro do casarão também chamam a atenção de quem vai conhecer aquele lugar.

As cores brilhantes e alegres fora dos padrões usuais dos objetos decorativos. As cores das pinturas dos quadros, um cenário muito lindo com raras artes ao redor. Assim o Casarão da Cultura pode ser compreendido para além de um Museu como espaço de educação inclusiva e para o reconhecimento da identidade cultural da nossa cidade.

Aluno (XVII)

Emoções da Arte

Estavam meus colegas e eu na sala de aula quando fomos comunicados que iríamos ao casarão da cultura, todos ficamos ansiosos para conhecer esse patrimônio histórico.

Ao chegarmos no casarão nós encontramos um belo jardim que me deu uma sensação de paz e tranquilidade. Entramos e encontramos belas pinturas de cores vibrantes que me lembraram de alguns momentos especiais que já tive.

As pinturas lembram a cultura nordestina e paraibana. Descemos as escadas e encontramos o projetor do primeiro cinema da cidade e ao lado vimos uma placa com os filmes exibidos, o que me fez pensar na emoção das pessoas ao assistirem os filmes e os familiares que puderam se divertir. Bem perto existe uma sala que mostra algumas fotografias sobre o processo de construção do casarão. Andando mais para o lado temos alguns objetos antigos como a caixa registradora, o ferro de passar. Isso me fez pensar novamente na emoção das mulheres que usaram esses ferros e nas lojas que usaram essas caixas registradoras.

Na parte superior vi alguns trabalhos dos artesãos e assim concluímos nossa visita ao casarão.

Aluno (XVIII)

A casa da cultura em Guarabira

O grande Casarão da Cultura nos reserva um emocionante retorno ao passado. Lá vimos o começo da tecnologia de alguns objetos, vimos várias coisas que serviam no passado e que agora estão na Casa da Cultura.

Eu achei interessante como ela foi reformada, tudo foi registrado através de fotos que estão lá também.

Vimos a cultura dos povos antigos, as artes maravilhosas espalhadas por todo o Casarão. O interessante é que podemos ver como Guarabira era no passado e fiquei sabendo que antigamente o nome de nossa cidade era A Pequena Vila da Independência.

O projetor de cinema também é muito interessante, assim como o rádio, que naquele tempo só quem podia possuir eram pessoas ricas, que tinha muito dinheiro. Vimos a caixa registradora que guardava o dinheiro nas lojas.

Quando vi o registro da história de algumas pessoas que viveram naquela época, fiquei pensando que aquele tempo deve ter sido bom com as pessoas festejando, não havia tanta violência.

O jardim também chama a atenção porque é muito bonito. Aprendi o que é Arte Naif, pois lá tem uma exposição sobre esta arte. Em fim tudo no Casarão é bonito e deve ser visitado.

Aluno (XIX)

Casarão da Cultura

Quando estava no casarão o que mais me chamou a atenção foi que de lá para cá a vida não sofreu grandes mudanças para quem procura sair do tédio sentado num banco de praça. E que nesse banco pode olhar todas as belezas das árvores na praça enquanto escuta aquelas músicas mais tocadas na rádio dos postes.

Vejo também fotos entre os ambientes quando olho que, entre as lojas que tinham na cidade e que atraia o povo com suas ofertas. Vejo o Mercado Público como centro de casos, aromas e cores de quem não abre mão de um bom almoço no sábado de feira ao som dos repentistas que sempre nos presenteiam.

Imagino os passos de quem cumpre seu expediente diário e a correria dos estudantes para não perder o primeiro horário ou os encontros às escondidas.

O teatro Geraldo Alverga também me chamou a atenção porque tem sido palco para grandes apresentações de peças teatrais locais e até internacionais.

Aluno (XX)

O passeio para o conhecimento da cultura

O casarão da cultura foi reformado e renovado no dia 18 de junho. Ao fundo do casarão há um jardim colorido que transmite harmonia e felicidade, além de encontrarmos os pássaros que Amando fez, que combinaram com a paisagem do jardim. Quando entramos no casarão encontramos várias pinturas, e vimos em vários quadros uma arte chamada "Arte Naif", que é uma arte bastante colorida que expressa a cultura, diversidade e beleza em suas cores maravilhosas.

Depois de lermos alguns cartazes que explicaram algumas coisas, fomos olhar as "artes", e eu vi um jarro que Amando fez e fiquei impressionado com a dificuldade de fazer uma flor, que tinha no jarro, e além do jarro, vi várias esculturas e artesanatos com uma dificuldade extrema em se fazer, mas o resultado é lindo e expressa o sentimento, ideia e imaginação dos artistas. Após algumas olhadas fomos para um andar abaixo, e vimos vários objetos que foram utilizados há um tempo atrás e mostram uma certa dificuldade em se utilizar. Logo fomos ver uma foto com algumas pessoas da família Cunha Rego que pareciam estar contentes naquela época. Depois fomos observar um quarto onde têm algumas fotos das etapas da reforma. Um jovem falou que o objetivo é "expandir a cultura e valorizar o artista" isso mostra a importância desse casarão para a nossa cidade.

Aluno (XXI)

Casarão da cultura

Guarabira ganhou mais um patrimônio para a população. No dia 18 de junho de 2016 a prefeitura entregou o casarão da cultura, o espaço que pertenceu a importante família de comerciantes que tinha como patriarca José da Cunha Rêgo, localizado ao lado da Praça João Pessoa encontrava-se abandonado e sendo demolido aos poucos pelo tempo. Foi quando a atual gestão municipal o desaproprio, tombou e realizou sua recuperação. Hoje no local funciona o Museu da imagem e do som, a Galeria de Arte Naif, o Museu de arte popular e o Memorial dedicado a família cunha Rêgo.

O mais novo equipamento educo-cultural de Guarabira também homenageia um grande vulto da cultura, educação e comunicação local trata-se do saudoso professor José Barbosa da Silva. Irmão do também professor Vicente Barbosa, atual diretor do Memorial do cordel José camelo de Melo Resende. O Casarão é agora mais um ponto turístico a ser visitado em nossa cidade.

Aluno (XXII)

Nossa cultura

Visitando o Casarão da Cultura vi e entendi que a arte é uma expressão mundial. Vimos imagens que conta a história da nossa cidade e mostra também a estação ferroviária que tinha aqui antigamente.

O Casarão é um lugar de preservação do patrimônio cultural de Guarabira que foi transformado e requalificado para abrigar três Museus e um Memorial. Lá tem um jardim muito bonito, alguns bonecos gigantes e até uma sanfona antiga que não toca mais. É o que eu acho.

Aluno (XXIII)

Casarão da Cultura

O Casarão da Cultura, espaço de preservação do patrimônio cultural de Guarabira foi transformado e requalificado para abrigar três Museus e um Memorial: o de Arte Popular com uma exposição sobre as manifestações doo artesanato paraibano em suas mais variadas formas e materiais.

A Arte revela o que existe de mais autêntico na cultura, não apenas visto como tradição, mas observar principalmente como é feita, a forma rústica das figuras, a deformação das peças, o uso de cores e etc.

Ao entrar e observar os vários cômodos, considerando que cada um teve uma utilidade no passado, eu senti uma sensação de voltar no tempo, provocada principalmente pelas paredes que resistem de pé. O espaço pertenceu a importante família de comerciante, tendo como patriarca José da Cunha Rêgo.

O Casarão pode ser compreendido para além de um Museu, como espaço de educação inclusiva e para o reconhecimento das identidades culturais regionais, lugar de estudo, pesquisa e lazer.

Guarabira foi marcada por importantes momentos que compõem uma trajetória digna das melhores lembranças de quem viveu nos tempos áureos das artes cênicas, os antigos cinemas, festas religiosas, times de futebol e bailes carnavalescos. A partir de 1983 a Festa da Luz tomou nova dimensão com a aquisição do pavilhão com estrutura metálica, substituindo o velho pavilhão coberto com palhas de coqueiros e apresentações de grandes atrações musicais.

Aluno (XXIV)

O nosso cotidiano

A última crônica

Bem, quando a professora falou que era para escrever uma última crônica resolvi falar sobre um tema que foi muito importante na minha vida.

Era época em que eu andava de BNY. Para andar de BNY temos que aprender também a cair, na vida é do mesmo jeito, temos que cair algumas vezes para aprender a não cometer mais aquele erro.

A BNY me ajudou a superar fazes muito difíceis da minha vida. Foram as primeiras decepções que tive em relação as pessoas que achamos que conhecemos e que quando menos esperamos nos abandonam. Fiquei muito triste com esse acontecimento.

Mas quando eu ia andar com meus amigos conseguia esquecer da decepção. Esses meus amigos vou levar para a vida inteira.

E não podemos esquecer de que como na BNY, na vida da gente caímos muitas vezes, mas o importante é saber levantar sempre.

Aluno (XXV)

Última crônica

Era uma vez um garoto chamado Pedro que vivia muito feliz com sua família. Um dia o seu irmão mais velho chegou e disse - No dia do seu aniversário vá lá em casa que irei te dar uma coisa.

Passaram dois meses e chegou o dia do aniversário de Pedro. Ele foi lá na casa do irmão que ia saindo para trabalhar, aí ele perguntou para o irmão para aonde ele estava indo e o irmão confirmou que ia trabalhar.

Mas o irmão pediu um favor para ele. Queria que lavasse a bicicleta que estava na garagem e quando ele chegasse iria lhe dar R$ 50,00.

Pedro começou a lavar e depois secou a bicicleta e ficou esperando, esperando até cinco horas da tarde. Quando ele viu que o irmão estava chegando, ficou feliz porque ia ganhar dinheiro. Foi bem rapidinho pegar a bicicleta para mostrar para o irmão, ela estava bem limpinha.

Nesse momento, o irmão de Pedro disse – Muito bem, aqui está o que eu prometi, só tem uma coisa que está faltando, parabéns irmão, é para você essa bicicleta, é meu presente de aniversário.

Pedro agradeceu e ficou muito feliz e disse que o irmão era a melhor pessoa do mundo. Depois saiu chorando de alegria na bicicleta e foi correndo avisar para a mãe – Mãe, mãe, olha o que o meu irmão me deu de presente de aniversário! Esse foi o melhor aniversário de todos.

Aluno (XXVI)